NOVO LP

OS PARALAMAS DO SUCESSO

Babylon Niyamen Histha Rorki Muviro Makossa I&I Bandulu Mizik Umoaib Caruá Jah Chimurenga Tonga Longa Mbaqanga Irey Bolgâni Zumbi Yemanjá Fuji I-tal Umoang Cepoti Tapiá

Nharó Juju Niyamen Mambo Lamb Lamb Ac Bc Dunsa Jive Aipim Nhiã Apépuêra Kala Metarzan Youjane Kazou Boku Moku Upirocá Oüê Tipoti Makossa Ganja Horti Kilonga

Rub a dub Yo-pop Çaruaia Zouk Tantor Tonga Bonga Rasta fari Axé Echa Biko Sabor Jive Tecócatú Caraiba Gambo To

Sou kous Chalor cho! M'bonga Umoacanhemo Mon Jive Mutumutuca Soca Tupãberaba Bom Bom Tum Tum Krigh-ha Bandolo Brasil

Ricardo Leite e Maurício Valladares

SELVAGEM?

ALAGADOS
TEERÃ
A NOVIDADE
MELÔ DO MARINHEIRO
MARUJO DUB

SELVAGEM
A DAMA E O VAGABUNDO
THERE'S A PARTY
O HOMEM
VOCÊ

★ No K7 uma música adicional!

EMI

BIZZ

Foto Cortesia CBS

Um clip estiloso para um belo LP — os Stones estão na pág. 58

Um grupo de rock brasileiro faz sucesso sem fazer o gênero "engraçadinho". Há um ano, isso poderia parecer uma utopia das mais absurdas. Com o LP de estréia do RPM, porém, o sonho virou realidade. Quatro de suas faixas cumpriram a promessa embutida na letra de "Rádio Pirata" — invadir o "paiol de bobagens" das FMs — e o disco rompeu a marca da platina, 250 mil cópias vendidas. E agora, quais os planos do grupo? Foi a pergunta-chave que a repórter Sônia Maia levou a Paulo Ricardo, Luis Schiavon, Fernando Deluqui e Paulo Pagni.

Não contente com isso, nossa Miriam Lane pós-apocalíptica ainda passou uma tarde no apartamento do Cazuza no Rio de Janeiro. Pelo menos ela saiu com uma entrevista. E, completando as investigações no setor nacional, Bia Abramo encosta na parede os "tecnopunks" do Tokyo, enquanto Marcel Plasse e Tom Leão dão a ficha de dois dos mais vigorosos grupos que surgiram (em vinil! em vinil!) neste comecinho de ano, Os Replicantes e o Plebe Rude.

São eles os autores das músicas que investem chumbo grosso contra espécimes bem conhecidos da mocidade dependente brasileira — respectivamente o "Surfista Calhorda" e o pseudoroqueiro pré-fabricado (em "Minha Renda" da Plebe). Se isso não bastasse para conquistar nossa simpatia...

Para o já tradicional *entrevistão*, escalamos o bonachão carnívoro e pai de família Ozzy Osbourne, além de papos com Adam Clayton e John Deacon, baixistas do U2 e do Queen.

Na *Discoteca Básica*, chegou a hora e a vez do melhor rock brasileiro dos anos 60, os Mutantes, com seu primeiro disco dissecado por Thomas Pappon. Que tal relançarem as obras completas do grupo? É a pergunta de Claudette Poodle que, após vários meses de negociação, estréia sua coluna na última página, trazendo todas as verdades e mentiras dos bastidores de um meio que ela conhece melhor do que ninguém.

José Augusto Lemos

ESTE MÊS

24 RPM
Um quarteto que vale platina > *Sônia Maia*

30 ADAM CLAYTON
Um papo de meia hora com o baixista do U2 > *Anamaria Guimarães de Lemos*

32 CAZUZA
Uma tarde com o exagerado

34 TOKYO
São ou não são punks de butique? > *Bia Abramo*

44 QUEEN
O baixista John Deacon chora suas mágoas

46 PLEBE RUDE e OS REPLICANTES
De Brasília e Porto Alegre, dois filhotes do punk-rock > *Tom Leão e Marcel Plasse*

TODO MÊS

6 SHOW BIZZ
Notas, notícias e boatos

12 PARADAS
Cash Box, Billboard, Melody Maker, New Musical Express e Parada do Leitor

14 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno

22 VÍDEO BIZZ
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

35 ENTREVISTA
Ozzy Osbourne conta toda sua história

43 HEAVY METAL
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

50 AO VIVO
Laurie Anderson, Kid Creole, Não São Paulo e *Simple Minds*

54 VISUAL CINEMA
Oscar, Conquista Sangrenta e *Amantes de Maria*

58 VISUAL CLIP
"Harlem Shuffle" dos Stones

60 PORÃO
Dream Academy, Cabine C e *Violeta de Outono*

62 LETRAS
Arcadia, "Goodbye is Forever"

64 MEU INSTRUMENTO
João Barone, a bateria dos Paralamas

66 AIR MAIL
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

68 CARTAS E SERVIÇOS

70 HUMOR

72 DISCOTECA BÁSICA
As obras-primas. *Mutantes*

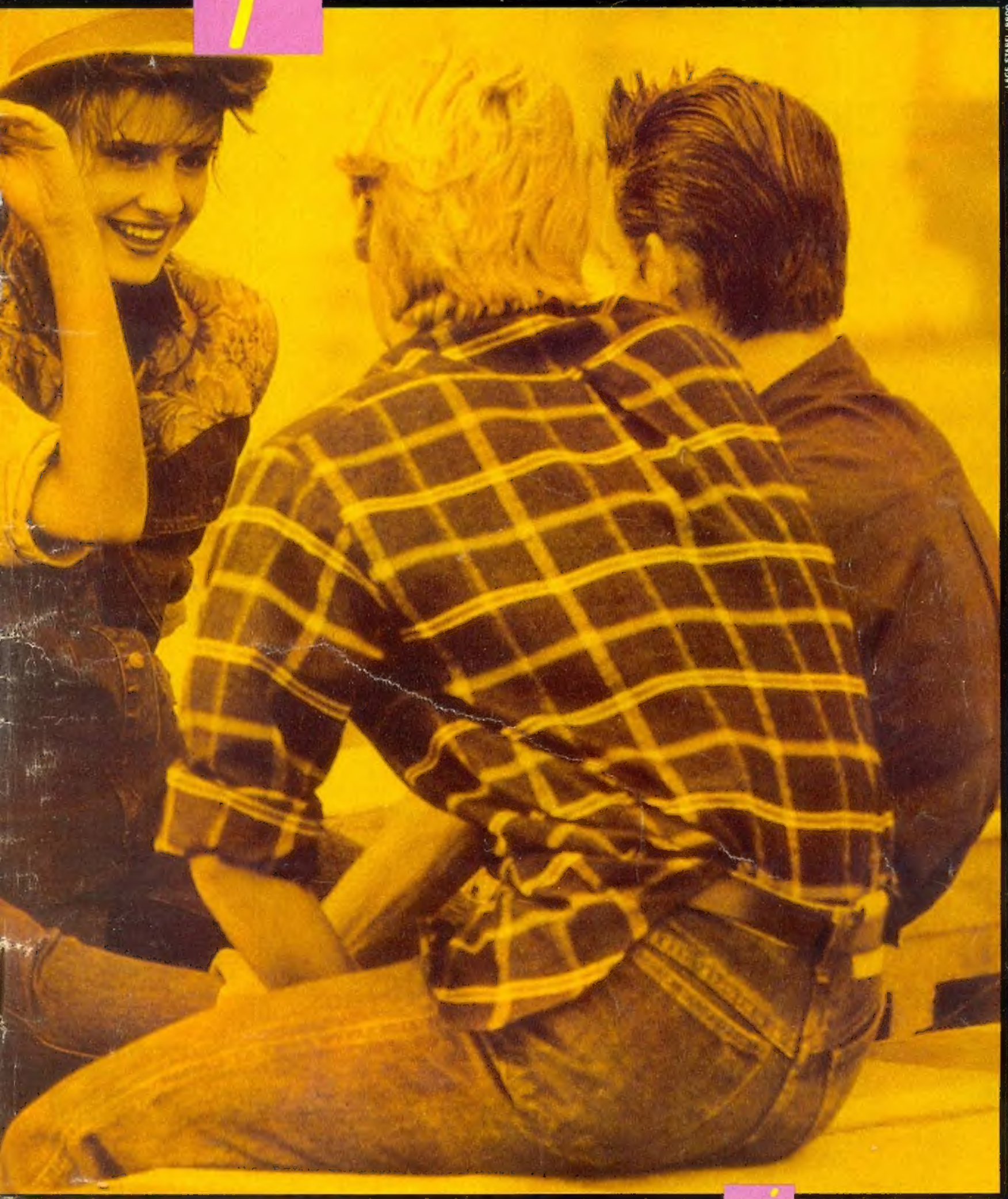
74 CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID
Uma coluna do além

Foto de capa: Rui Mendes Poster: Guido Harari/Stills

Existem ultrajes

Jeaneration veste a gente do jeito que a gente é

e ultra*i*es.



LAGE STABEL / BBDO

*i*eaneration

OUÇA ESSA

"Nada disso. Diz pra eles que eu acordo às seis da manhã, para comprar leite e pão quentinho."

Ciro, do Cabine C, recusando a condição de ídolo dos *darks* cariocas.

DURAN X DURAN

Foto LFI

John, o primeiro Duran solo

Duranies já podem ir arrancando os cabelos... e economizando os trocados. Depois da divisão da banda nas facções **Power Station** e **Arcadia,** estão pintando os discos individuais. O pessoal do Power Station (que depois do LP ainda gravou o tema do filme *Comando Para Matar*) continua na frente . Tão logo o Arcadia lançou seu LP, **John Taylor** respondeu com "I Do What I Do", outra música-tema, desta vez do filme *9 1/2 Weeks,* estreando no vinil e em clip o seu gutural vocal solo.

Na trilha do baixista, o guitarista **Andy Taylor** já está gravando seu LP, produzido por Roy Thomas Baker (produtor do Queen). E, no meio da confusão, vem aí o novo disco do clã, reunido sob a velha alcunha de **Duran Duran**...

VAGAS PARA BATERISTAS

Foto Gamma - Liaison/ Sigla

Chambers saiu "de banda" da banda

Dois grandes bateristas ingleses deram adeus às suas bandas: **Pete de Freitas,** que pertencia ao Echo & the Bunnymen, e **Martin Chambers,** um dos fundadores dos Pretenders. Não se sabe ao certo as razões da saída de Freitas do Echo. No entanto já se sabe quem será o seu substituto: o ex-baterista do Haircut 100, **Blair Cunningham.**

Chambers caiu fora por conta própria, juntamente com o baixista **Malcolm Foster,** em meio às gravações do novo LP dos Pretenders, que está sendo produzido por Jimmy Iovine e Bob Clearmountain. Ele sentiu que "**Chrissie Hynde** estava afins de trabalhar com gente nova", e não esperou o convite para sair.

SALSA BOP

O legendário Apollo Theatre, no Harlem — onde já tocou o mais estelar "quem é quem" da música negra — reabriu este ano, reformado, e continua promovendo fusões e absurdos sonoros de arrepiar qualquer cangote étnico. *Dizzy Gillespie* — o vulcão do pistom — andou se juntando para uma jam com o notório salsero *Ray Barretto*, ídolo da latinidade estabelecida nos EUA. Saiu fogo pelas ventas de todos, e Dizzy até mandou ver nas congas. Quando preto e latino se juntam em Nova York, não há desemprego e agente de imigração que resistam.

Foto Michael Putland/ LFI

Dizzy, enfortando o trumpete

Foto Morvan/ Sipa Press

"Vai um cigarrinho aí?"

O SUICÍDIO DE RICHARD MANUEL

Richard Manuel, o tecladista e fundador do **The Band,** um dos grupos mais populares dos EUA na década de 60, enforcou-se no banheiro de um hotel em Orlando, na Flórida, no dia 5 de março. "A Banda" separou-se em 76, no concerto de despedida registrado pelo diretor Martin Scorsese no filme *The Last Waltz*, que teve a participação de Bob Dylan, Van Morrisson, Neil Young e Muddy Waters, entre outros. Reagruparam-se em 84, e foi após um concerto que Manuel cometeu suicídio, enquanto sua esposa atendia a um chamado na recepção do hotel. Ele não deixou bilhete e não há razão aparente para o acontecido. Manuel e **Robbie Robertson,** o guitarrista, eram os principais compositores do grupo, que inscreveu seu LP de estréia, *Music From the Big Pink* (68), entre os clássicos do rock'n'roll de todos os tempos.

CAMPANHA PRÓ-FUMO

Mick Jagger declarou recentemente ao jornal americano *Free Detro't Press* que sua esposa Jerry Hall, desde que deixou de fumar, tornou-se a "megera do ocidente", vivendo com uma bituca apagada na boca.

Jagger deu um ultimato à mulher: "Ou você *volta* a fumar ou eu te deixo".

O PAULISTA MEXICANO EM LONDRES

OWEN MATTHEWS
5 FERRY ROAD, TOPSHAM
EXETER, ENGLAND EX3 0JN

Feb 12 '86

Dear FELLINI,

I liked your record ("Astro Vida?") played on Radio 1 John Peel show, and I would like to know more about you, and your other records.

You have a very SEXY sound, which I like.

Please write to me and tell me more (IN ENGLISH ??)

Owen

P.S. I ♥ SEX
I ♥ Carnival
I ♥ Football
I ♥ Brasil
I ♥ FELLINI

Foto Abril

A cartinha de um fã gay do Fellini

O rock nacional começa a ser reconhecido lá fora. Na noite de 27 de janeiro, uma segunda-feira, o radialista **John Peel,** da Radio One da BBC londrina, tocou algumas faixas do LP *O Adeus de Fellini,* uma produção independente da Baratos Afins, de São Paulo. Há vinte anos o programa de rock de Peel, vem sendo o mais ouvido da Inglaterra. Qual não foi a surpresa dos membros do **Fellini** quando, dois meses depois, receberam um pacote da BBC, contendo cartas dos ouvintes para o grupo. Uma delas, enviada por um traficante que cumpre pena em prisão de máxima segurança em Durham, no norte do país, diz que "foi uma surpresa descobrir a riqueza do rock mexicano"(?!).

O FIM DO WHAM!

Foto Neal Preston/ LFI

George Michael mandou o Wham! às favas

Champanhe, garçom! O *Wham!* acabou! E, vejam só, por motivos aparentemente nobres. Acontece que a empresa que agenciava o grupo foi vendida para uma companhia cujo maior acionista é proprietário do Cassino Sun City, em Botswana. Aquele mesmo que deu nome ao LP anti-racista, escolhido como símbolo mais odioso da discriminação racial — nele só é permitida a entrada de brancos. *George Michael* ficou contrariado com a transação, e resolveu anunciar o fim do duo e o início de sua carreira solo. *Andrew Ridgeley,* a outra metade do Wham!, vai investir em sua carreira cinematográfica.

O VIOLENTO SENHOR CICCONE

Madonna e seus fãs aguardam ansiosamente a estréia de seu segundo filme, *Shangai Surprise,* coestrelado pelo maridinho **Sean Penn** e produzido, quem diria, por **George Harrison.** George aproveitou o ensejo para dar as caras, reaparecendo após um bom tempo de reclusão. E fez sua média defendendo Sean (aquele espião *junkie* de *A Traição do Falcão*), que tem o costume de arrebentar a fuça dos repórteres que o incomodam. "A imprensa inglesa é mesmo incoveniente, às vezes...", disse o ex-Beatle.

Foto Sipa Press

Madonna e seu gorila de estimação

SMITHS NO CINEMA

Foto LFI

Morrissey, dizem, olhou e gostou do que viu...

Os **Smiths** — era inevitável — chegaram às telas. Mas ainda só na trilha sonora. A música é "Well - I Wonder", do LP *Meat is Murder,* uma bela balada. O filme é *Pretty in Pink,* nome de uma música dos **Psychedelic Furs** que também está na trilha. É uma bobagenzinha romântica, mas dizem os rumores que **Morrissey** gostou. Os Smiths, nos EUA, continuam uma banda meio fantasma, a não ser no circuito universitário.

PRINCE, CASADO (MESMO?) E AGITANDO TODAS

Foto Gamma - Liaison/ Sigla

O cantor/ator/instrumentista/compositor/roteirista/produtor/noivo (noivo?!) Prince

Michael Jackson, gravando o novo LP, que se cuide. **Prince** volta antes, e com a corda toda: primeiro correu a boataria, aberta pelo jornal londrino *Daily Mirror,* de que o endiabrado crioulo teria se casado secretamente. A noiva seria a deliciosa **Susannah,** a loura do Family, uma de suas bandas protegidas. Em seguida foi o lançamento de *Parade,* trilha sonora de seu novo filme (ainda inédito), *Under a Cherry Moon.* Uma paulada. De volta ao funkaço, depois da derivada psicodélica em *Around the World...* Mas com um sábio tempero acústico em seus tecidos eletrônicos. Dá para conferir no sensual clip de "Kiss", já rolando por aí. De quebra, Prince se reconciliou com **André Cymone,** ex-discípulo, e roteirizou e está produzindo um filme para ele, *Dance Electric.*

METAL AID

Foto Jacki Sallow

Metal para os famintos, com o pessoal de Hear'n Aid

Está saindo no Brasil o single "Stars", uma espécie de resposta heavy-metal ao "We Are the World". Trinta e oito feras do gênero, entre os quais **Ted Nugent, Yngwie Malmsteen** e integrantes do **Iron Maiden, Dio, Quiet Riot, Judas Priest, Motley Crue, Twisted Sister, WASP, Blue Oyster Cult, Dokken** e de outras bandas, participaram desta gravação feita no ano passado. O organizador do evento foi o cantor **Ronnie Dio,** que fez a letra de "Stars" (a música é de **Jimmy Bain** e **Vivian Campbell,** integrantes do Dio).

Além do refrão, com várias vozes entoando "We are Stars", a canção destaca algumas performances individuais de cantores e solistas de guitarra como Yngwie, **Adrian Smith** e **Dave Murray** (Iron Maiden), **George Lynch** (Dokken), **Craig Goldie** (Giuffria) e **Eddie Ojeda** (Twisted Sister). A Fundação *USA for Africa* vai centralizar os fundos da venda do disco, e distribuí-los em forma de alimentos e ajuda tecnológica para a África. Chegou a vez dos fãs do Heavy Metal, que certamente não gastaram seus trocados com "Do They Know it's Christmas" e "We Are the World", colaborarem com a causa que mais arrecadou neste século.

OUÇA ESTA II

"Deus fez as pessoas com determinados dons: uns cantam, representam ou calculam. Quando elas não têm dom nenhum, quando são completamente estúpidas, vão ser críticos da *Folha de S. Paulo*."

Guilherme Isnard, respondendo à crítica publicada na *Folha* sobre o grupo Zero, onde ele é chamado de Guilherme *Eletroradiobraz*.

GLENNBO E JOAN, NO PAPEL DE JOAN

Foto Steve Rapport/ LFI

Joan Jett (interpretada por Joan Jett)

Parece que a música pop é uma escola de arte dramática mais eficiente que o *Actor's Studio*. Quem agora tem sua chancezinha na tela é **Joan Jett** e **Glen Frey.** Frey é um dos protagonistas de *Let's Get Harry*, um filme violento sobre seqüestros, droga e assassinatos, que já lhe rendeu o apelido de "Glennbo"... Joan faz um papel bem mais fácil em *Just Around the Corner to the Light of Day*, de **Paul Schrader** *(Mishima, A Marca da Pantera)*: o de uma guitarrista em uma banda de rock... Nessa mesma banda toca **Michael J. Fox** (o garotão de *De Volta Para o Futuro* e *Lobisomem Adolescente*).

O SHOW SECRETO DOS STONES

Barulho é o que não está faltando na sensacional reaparição dos Stones. Com a crítica mundial unanimemente caída por *Dirty Work*, o novo LP, **Mick Jagger** e **Keith Richards** andaram à beira do rompimento. Trocando informações contraditórias e desmentidos, pela imprensa, acerca da turnê de lançamento do disco, os dois causaram muito mal-estar e a inevitável onda de boatos de que a banda estaria por pouco. Agora a situação parece normalizada. De qualquer modo, eles anteciparam seu repertório em um show secreto em homenagem ao falecido tecladista e amigo, Ian Stewart, o *sexto Stone*. Foi no dia 23 de fevereiro, no *100 Club* londrino. **Eric Clapton, Jeff Beck** e **Pete Townshend** subiram ao palco para tocar "Harlem Shuffle", o *hit* deste *Work*, em uma jam infernal com Richards e **Ron Wood.** Na platéia, **David Gilmour, Kenny Jones,** os Tears for Fears **Smith** e **Orzabal** e inúmeros amigos do saudoso Ian. Veja mais sobre os Stones nas sessões *Lançamentos* (pág. 14) e *Clip* (pág. 58).

GLASS SOPORÍFERO

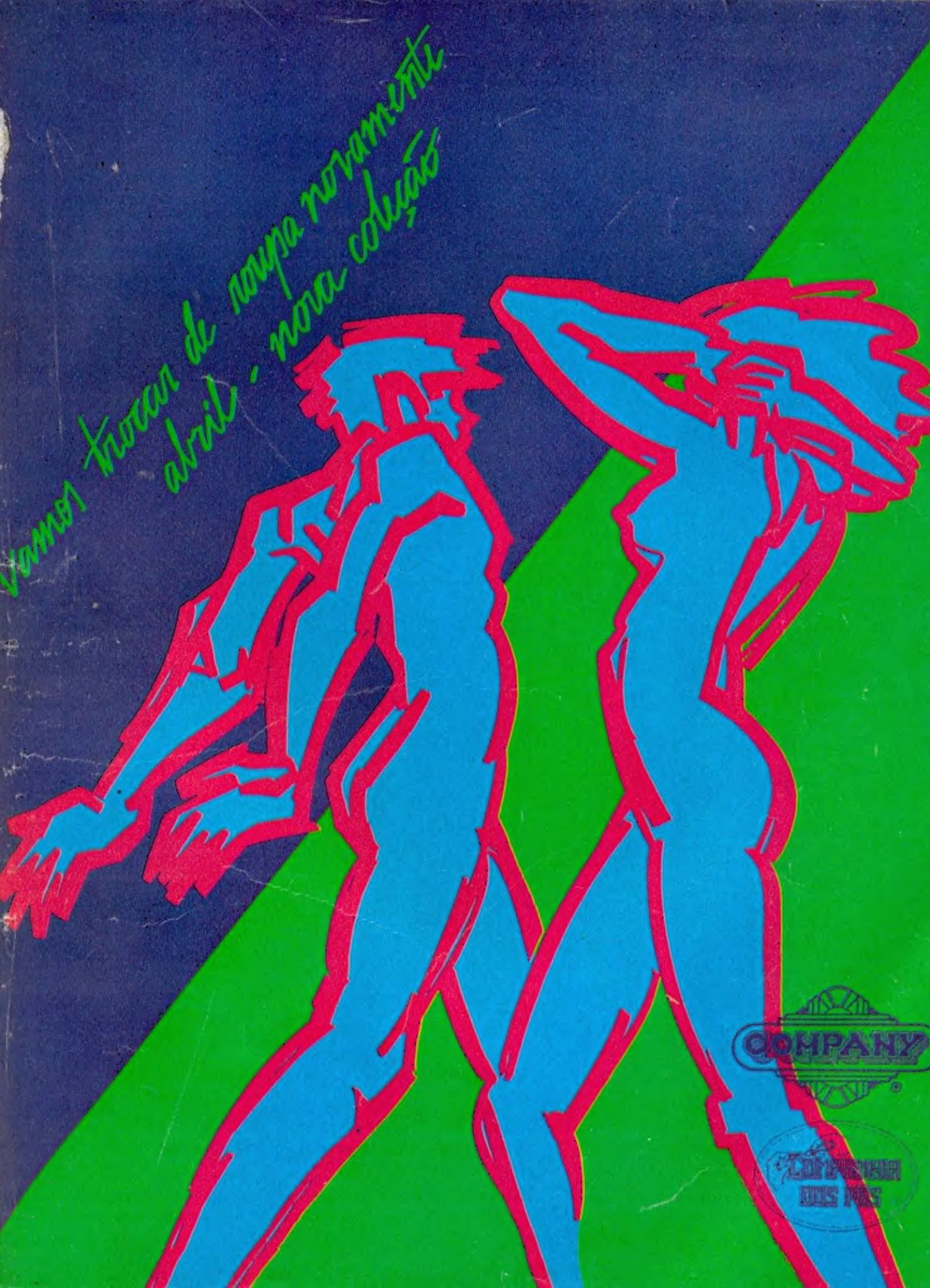
Foto Leon Morris/ Camera Press

Glass: dissolvendo os colaboradores

O *darling* das elites **Philip Glass** está com um disco novo na praça, teoricamente mais pop. Ele chamou a maníaca **Laurie Anderson,** o genial esquizo **David Byrne** e a imaterial **Suzane Vega** para colocar versos ou simplesmente palavras em seus hai-kais pós-minimalistas. Os convidados trabalharam direitinho. Quem sonambulou de vez foi Glass. Ele diz que essas canções são "líquidas". Só se forem dissolvidas em ácido nítrico.

SUN CITY OU CUBATÃO?

É caso de polícia: várias pessoas afirmam que no *night-club* carioca Crepúsculo de Cubatão os negros não são bem-vindos. São sempre barrados, com a velha desculpa de que "a casa está cheia". Os únicos *de cor* bem recebidos no local são Negrete, o baixista da Legião Urbana, e **Pelé,** por serem famosos... *Fuck off*, nazis!


Vamos trocar de roupa novamente
abril - nova coleção
COMPANY

ALL THAT JAZZ

Grandes atrações no II Free Jazz Festival, confirmado para agosto e setembro próximos. E, este ano, os artistas estarão *todos* em São Paulo, para apresentações no Anhembi (no Rio, o *point* é o Hotel Nacional). Estão sendo esperados o mítico cantor/pianista Ray Charles, o irregular tecladista Chick Corea, o trompetista *mais-milesdaviano-do-que-o-Miles Davis* Wynton Marsalis, o saxofonista David *"Sacarina"* Sanborn e o homem de vinte dedos, o guitarrista Stanley Jordan (*Free*, note-se, diz respeito ao cigarro patrocinador, e não ao estilo do jazz). Antecipando o agito, o mago do *blues*, mr. B.B. King, dá sua circuladinha pelas mesmas duas cidades em junho.

ILUSTRES AUSÊNCIAS

Foto Ângelo Pastorello

A síndrome de Johnny Rotten: "Deestrooyyy!!"

O **Tokyo** lançou seu LP *Humanos* no MASP, em São Paulo, no final de março, com badalação e cobertura de imprensa dignas de um supergrupo. Em boa parte por causa dos boatos acerca de participações especiais de **Nina Hagen** e **Cauby Peixoto,** que afinal não deram as caras. Mas a banda correspondeu bem, com um show de produção esmerada, profissionalismo e, principalmente, muito fôlego do vocalista **Supla** (você já viu alguém rolar escada *acima?).* Destaque para o baixista **Andrés,** demonstrando tanta garra quanto **Supla** e, por vezes, mais autenticidade. O único incômodo foram detalhes "teatrais" de mau gosto, desde tochas ardentes à heavy-metal, até correntadas e berros de *"destroy!"* afanados de algum catálogo de clichês punk. Os punks (legítimos) presentes ao show não gostaram nada, nada. Tolices à parte, o Tokyo provou que é uma banda de futuro (confira matéria na página 34).

A GENTE SOMOS A LEI

Foto Luiz Geraldo Gomes

Os Inocentes em um outro palco, mais vazio...

Três policiais entraram na danceteria **Ácido Plástico,** em São Paulo, no dia 27 de abril. Foram direto para o palco, onde desfilaram sem cerimônia, antes de desligar os amplificadores dos **Inocentes,** que se apresentavam (já sem chamar muito a atenção, dado o *showzinho* concorrente). Missão cumprida, foram embora. "Operações" similares já tinham sido desfechadas contra o **Madame Satã** e o **Rose Bom Bom,** casas indicadas pelo apresentador **Flávio Cavalcanti,** em seu programa de TV, como "perigosos antros de drogados". Este é um país que vai pra frente, ô, ô, ô, ô...

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Alguns medalhões atacam neste mês. A Polygram pôs **Zizi Possi** em estúdio no início de abril. A CBS vem de **João Bosco,** mas só em agosto, pois em julho o moço estará na Europa, no Festival de Barcelona. Enquanto isso, **Djavan** lança seu terceiro LP pela gravadora, prometendo revolucionar a MPB (meu Deus!), e **Tânia Alves** abandona as telas para o seu primeiro vinil. Veremos. Do departamento heavy, a CBS esquenta o **Inox,** já em estúdio.

A Continental lança os novos LPs de **Peninha** (oops!) e **Cida Moreira.** Cida promete arrasar. É sério. Tem músicas do Cazuza, do Dusek e a regravações da "Balada do Louco", dos Mutantes e de "Clara Crocodilo", do Arrigo.

A Odeon entra com **Kiko Zambianchi** no começo do mês em estúdio. De notável, três arranjos do Violeta de Outono (veja Porão). A WEA guarda para junho/julho a gravação dos novos discos do **Kid Abelha** e do **Ultraje a Rigor.** A profícua independente Baratos Afins lança os novos discos do **Fellini** e do **Smack,** e prepara o LP de estréia do **Akira S** e o Não São Paulo N.º 2, com **Nau, Vultos, 365** e uma quarta banda a confirmar.

ÁGUA NA BOCA

Foto BBC / LFI

Os rapazes e moças do Human League, gravando nos EUA

Novidades quentíssimas no front. Enquanto não chega ao Brasil o comentado LP solo de **Brian Setzer,** o diabo louro dos Stray Cats, *The Knife Feels Like Justice* (lançado nos EUA em fevereiro), só nos resta o consolo de conhecer os lançamentos que os americanos e europeus *também* estão aguardando. *In Visible Silence* é o novo LP do **Art of Noise,** ainda no forno, e que tem a participação do legendário guitarrista **Duane Eddy.** Art of Noise, pra quem não sabe, é o projeto pessoal de **Trevor Horn** (um dos cabeças da ZTT, produtor do Frankie Goes to Hollywood).

Os ingleses **Human League** estão gravando um disco novo em Minneapolis, EUA, produzido por **Jimmy Jam** e **Terry Lewis,** antigos integrantes do Time, banda protegida/produzida por Prince. **Ray Manzarek,** o tecladista dos Doors, está preparando um LP com o letrista **Jim Carroll.** Participam das gravações o guitarrista **Billy Zoom** (ex-integrante do X) e o baterista **Max Weinberg** (da E-Street Band de Bruce Springsteen). E quem acaba de entrar em estúdio para gravar seu quarto LP é o grupo americano **R.E.M.** O produtor é **Don Gehman,** o mesmo do LP de Brian Setzer e de *Scarecrow* de John Cougar Mellencamp.

Tem festa no Manolo.
Leve seus discos.

Você não está a fim
de ir com a gente?

OK. Vou até em casa e te
encontro daqui uma hora.

Tudo bem; se eu gostar
da moçada eu fico.

Morben & Associados

Pan®

O JEITO JOVEM DE SE FAZER FELIZ

MALHARIA ARP S.A.

PARADA BIZZ

Parada do Leitor LPs

1 (1) *Revoluções por Minuto* — **RPM** (CBS)
2 (5) *Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Polygram)
3 (8) *The Unforgetiable Fire* — **U2** (WEA)
4 (8) *Under a Blood Red Sky* — **U2** (WEA)
5 (3) *Nós Vamos Invadir sua Praia* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
7 (2) *Like a Virgin* — **Madonna** (WEA)
7 (R) *Educação Sentimental* — **Kid Abelha e os Abóboras Selvagens** (EMI-Odeon)
(N) *War* — **U2** (WEA)
9 (R) *Born in the USA* — **Bruce Springsteen** (CBS)
(9) *The Head on the Door* — **The Cure** (Polygram)

CONVENÇÕES
( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO E IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo

LPs (EUA)

1	*Whitney Houston* (Arista)
2	*Promise* — **Sade** (Portrait)
3	*Heart* (Capitol)
4	*Welcome to the Real World* — **Mr. Mister** (RCA)
5	*The Broadway Album* — **Barbra Streisand** (Columbia)
6	*Scarecrow* — **John Cougar Mellencamp** (Riva/Polygram)
7	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Warner Bros.)
8	*Knee Deep in Hoopla* — **Starship** (Grunt/RCA)
9	*The Ultimate Sin* — **Ozzy Osbourne** (CBS)
10	*Afterburner* — **ZZ Top** (Warner Bros.)

Compactos (EUA)

1	Sara" — **Starship** (Grunt/RCA)
2	These Dreams" — **Heart** (Capitol)
3	"Kyrie" — **Mr. Mister** (RCA)
4	Secret Lovers — **Atlantic Starr** (A&M)
5	How Will I Know" — **Whitney Houston** (Arista)
6	Rock Me Amadeus" — **Falco** (A&M)
7	R.O.C.K. in the U.S.A." — **John Cougar Mellencamp** (Polygram)
8	Silent Running" - **Mike + the Mechanics** (Atlantic)
9	Kiss" — **Prince and the Revolution** (Paisley Park/WEA)
10	"Life in a Northern Town" — **The Dream Academy** (Warner)

LPs (GB)

1	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)
2	*No Jacket Required* — **Phil Collins** (Virgin)
3	*Whitney Houston* — (Arista)
4	*Rocky IV* — **Trilha do filme** (Scotti Brothers)
5	*Be Yourself Tonight* — **Eurythmics** (RCA)
6	*The Colour of Spring* — **Talk Talk** (EMI)
7	*Hounds of Love* — **Kate Bush** (EMI)
8	*Hunting High and Low* — **A-Ha** (Warner Bros.)
9	*King of America* — **The Costello Show** (F-Beat)
10	*Island Life* — **Grace Jones** (Island)

Compactos (GB)

1	Chain Reaction" — **Diana Ross** (Capitol)
2	Manic Monday" — **The Bangles** (CBS)
3	"When the Going Gets Tough" — **Billy Ocean** (Jive)
4	Love Missile F1-11" — **Sigue Sigue Sputnik** (Parlophone)
5	New York New York" — **Frank Sinatra** (Reprise)
6	Starting Together" — **Su Pollard** (Rainbow)
7	'Eloise" — **The Damned** (MCA)
8	Absolute Beginners" — **David Bowie** (Virgin)
9	Hi Ho Silver" — **Jim Diamond** (A&M)
10	How Will I Know" — **Whitney Houston** (Arista)

LPs Independentes (GB)

1	*Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
2	*A Date with Elvis* — **The Cramps** (Big Beat)
3	*Damned but not Forgotten* — **The Damned** (Dojo)
4	*Kaleidoscope World* — **The Chills** (Creations)
5	*The Old and the New* — **A Certain Ratio** (Factory)
6	*Paint your Wagon* — **Red Lorry Yellow Lorry** (Red Rhino)
7	*First Avalanche* — **Rose of Avalanche** (LIL)
8	*Worlds Apart* — **Subhumans** (Bluurg)
9	*Frankenchrist* — **Dead Kennedys** (Alternative Tentacles)
10	*Wire Play Pop* — **Wire** (Pink)

Compactos Independentes (GB)

1	Safety Net" — **Shop Assistants** (53rd & 3rd)
2	"Giving Ground" — **The Sisterhood** (Merciful Release)
3	Once More" — **The Wedding Present** (Reception)
4	Trumpton Riots" — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
5	Like an Angel" — **The Mighty Lemon Drops** (Dream World)
6	"Whistling in the Dark" — **Easterhouse** (Rough Trade)
7	"Stripped" — **Depeche Mode** (Mute)
8	Fuzzbox EP" — **We've Got a Fuzzbox** (Vindaloo)
9	Shell Shock" — **New Order** (Factory)
10	Bible of the Beats" — **Age of Chance** (Riot Bible)

Eleve Seu Som Ao Cubo

A Giannini está lançando uma nova linha de amplificadores que vão elevar a qualidade do seu som: Super Cubos Amplifiers.
Eles possuem 3 versões: para guitarras, para contra-baixos e para teclados, nas potências de 50 ou 100 Watts RMS. A curva de resposta, ajuste de tonalidade e ressonância da caixa acústica, foram aprimorados para cada tipo de instrumento. E mais, os Super Cubos Amplifiers têm cantos reforçados, pés de borracha e são encontrados nas cores preto ou azul. Não se contente com pouco. Afinal, seu som merece ser elevado aos Super Cubos Amplifiers Giannini.

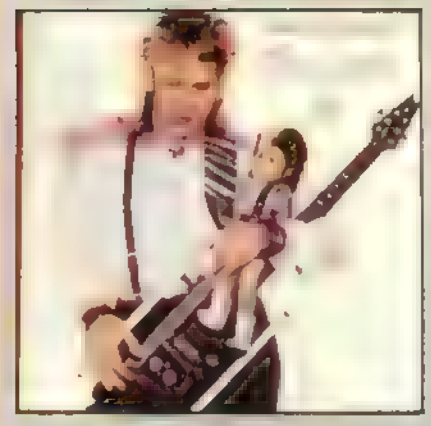
Giannini
O SOM MAIOR

DIRTY WORK — Rolling Stones (CBS)

Durante muitos anos stonemaníacos, críticos e plebe rude em geral vinham se indagando: no que haviam se transformado os Rolling Stones? A ex-maior banda de rock do mundo que submergiu à autocomplacência e à preguiça artística? Um deus pagão que se desnudou em 10 anos para virar apenas uma banda de rock velhusco e requentado? Um sonho de onipotência rock que se esborrachou de encontro a um mercado mutante, imprevisível e impiedoso? Foram necessárias mais de duas décadas de carreira para que esta questão fosse respondida por *Dirty Work:* na meia-idade os Stones ratificaram aquilo que os velhos blueseiros já haviam provado — o rock maduro é digno, quando feito com gozo, sinceridade e dedicação

Toda a trajetória dos Stones foi destilada na música mais musculosa e substancial que a banda já criou desde o antológico *Exile on Main Street*, de 1972. É como se eles recuperassem a autoconfiança e voltassem a reclamar o título de *the greatest rock'n'roll band in the world*. A essa altura do campeonato ninguém esperava que os Stones soassem tão seguros, coesos e à vontade: da sensacional abertura do álbum, com a dupla dose "One Hit (To The Body)"/"Fight", à belíssima balada que fecha o disco (Tom Waits e Keith Richards trocando versos bêbados em "Sleep Tonight"), Dirty Work é uma obra-prima que ninguém mais acreditava que estes senhores fossem capazes de criar. Recheado de celebridades — como a guitarra de Jimmy Page regurgitando em One Hit..." e o vozeirão de Bobby Womack escondido na mixagem de "Harlem Shuffle" — e conciso — desde quando os Stones fazem funks tão bons quanto "Back to Zero"? —, este disco pode ser até o último da carreira da banda. Agora, não importa mais. Os Stones recuperaram, aqui, sua supremacia

José Emílio Rondeau



ENERGIA POSITIVA — Pepeu Gomes (CBS)

Se você está precisando de um impulso para encarar a vida de um ângulo mais otimista, então, por favor, fique longe deste disco. A preocupação de Pepeu em "mostrar a luta pela esperança e pelo amor" foi por água abaixo. Este LP é a coisa mais deprimente que apareceu até agora neste ano.

Realmente não sei como os Novos Baianos puderam se tornar tão babacas, com todo esse papo hippie de "Rá" e esse visual horrível de boneca que faz pipi e fala mamãe. E ainda por cima somos obrigados a ler coisas no *release* da CBS, como "Pepeu, o revolucionário catalisador da geração do som". *A.B.J.*

SOARING THROUGH A DREAM — Al di Meola (EMI-Odeon)

Ao ouvir discos como este, Miles Davis, o grande mentor do gênero conhecido como *fusion*, é capaz até de se arrepender de ter aberto o caminho. Depois dele vieram bandas competentes como o Weather Report e o Return to Forever de Chick Corea, mas o resto foi e continua sendo o resto. Ambiciosos passeios harmônicos em longas faixas que resultam no mais absoluto tédio, construções que tomam muito emprestado de Milton Nascimento e Hermeto Paschoal — sem o brilho deles —, tentativas de decolagem, como em "Huly", que se mostram inconsistentes no meio da primeira audição. Público existe. Devé ser em grande parte uma geração nostálgica, meio hippie, meio yuppie, gênero cabelos compridos, rede e baseado. Só que di Meola (um músico sem dúvida bem dotado, e aqui cercado de músicos como Airto Moreira, Danny Gottlieb e Phil Markowitz) deveria lançar menos discos, já que todos são basicamente o mesmo. *J.E.M.*

MIKE + THE MECHANICS (WEA)

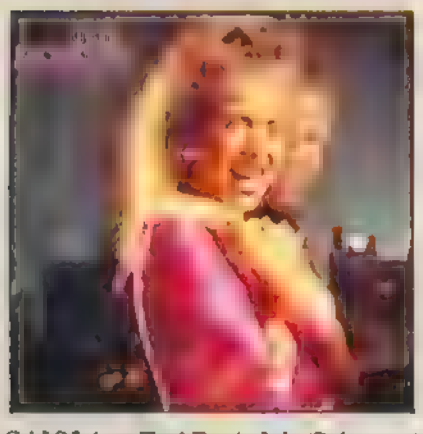
Bela capa, não? Mas não espere um som em nada semelhante a ela. Este é o terceiro disco solo de Mike Rutherford (Genesis), e os Mechanics são Peter Van Hooke (baterista do Van Morrisson), Paul Carrack e Paul Young (vocais) — um deles tentando compensar a falta do Phil Collins — e Adrian Lee (keyboards).

Os Mechanics mais Mike (guitarra e base) consertam bem suas músicas, pela eficiência de cada músico (mecânico?). Para os fãs do Genesis uma música que o velho grupo não gravou, "A Call to Arms". E aí é só você imaginar como teria sido ela nos velhos e bons tempos. *C.A.*

DIVERSÃO DO NOVO MUNDO — 14.º Andar (RGE)

Marcelo Nova, o cantor do Camisa de Vênus, disse certa vez que o único rock que presta no Brasil é produzido no eixo Brasília-Bahia. Não acho que seja "o único", mas com certeza é unitário. O 14.º Andar, após um compacto independente e promissor, chega ao LP. Soa como um cruzamento entre Legião Urbana e Camisa. Na verdade, soa *demais*.

"Dança dos Políticos", por exemplo, é uma imitação meio descarada de "A Dança" (na combinação *disco music*/protesto), do Russo. Só que transposta para o gogó árido do Marcelo. Dava para ser mais criativo. *A.A.*



GAIOLA — Tetê Espíndola (Polygram)

Gaiola, como a gente sabe, é aquele objeto de prender pássaros, cantantes ou não. Um deles, da primeira espécie, ficou à solta e deu no que deu. Mão à palmatória: a voz da moça tem uma grande envergadura. Mas o timbre... Uma espécie de Fagner de saias. Ou embrulhada numa rede de pescador, como no Festival dos Festivais, uma armação facilmente esquecível. Tetê acaba se traindo e mostra de melhor, no disco, as faixas nas quais *não* canta — as brilhantes e riquíssimas vinhetas instrumentais que permeiam as músicas nas quais figura voz, a voz que um crítico muito bem batizou de *sereia do apocalipse*. Em "Gata Vadia" ela literalmente mia estridentemente, para desespero da galera. Se é verdade que Enrico Caruso era capaz, com seus agudos, de quebrar um copo, cuidado: Tetê é capaz de demolir toda uma cristaleira. *J.E.M.*

COME OUT AND PLAY — Twisted Sisters (WEA)

A irmã mais torta e chacoalhada da atual geração americana de rock pesado está com seu quarto petardo na praça. O lema deles para 86 é rua, asfalto, pessoas e máquinas. Por isso regravaram aquele sucesso de 64 das vocalistas Shangri-lá , "Leader of the Pack".

No LP alguns convidados interessantes, mas que não mudam muito as coisas, como Don Dokken e Gary Holland em "I Believe in You" e Billy Joel, Brian Setzer e Alice Cooper em "Be Chrool to Your Scuel". E, pela primeira vez, teclados, com a presença de Alan St. John. *L.R.*

DÉLICA — Dulce Quental (EMI-Odeon)

Desde que *Délica* pousou na minha vitrola é um dos discos que mais me dá prazer ouvir. É difícil explicar porquê. Mas, há tempos, eu não tinha com a vitrola uma relação tão enamorada. *Délica* não é um desses vinis que se ouvem rápido e que, gostando ou não, acabam encostados na prateleira. *Délica*, volta sempre, como todos os discos de João Gilberto.

Primeiro é o susto que se leva com a guitarra hendrixiana de Cláudia Niemeyer na faixa "Délica" (até pensei que, por engano, tinha colocado *Eletric Ladyland* pra tocar). Depois há uma versão genial do hit de Michael Jackson "Human Nature" (a mesma que Miles Davis gravou em *You're Under Arrest*), com uma letra bem carioca dos irmãos Jorge e Waly Salomão. Indo em frente, novas surpresas. Arranjos bossa-novísticos (by João Donato) em "Pra Nós" e "Bossa do Bayard". Um blues de Branco Mello (Titãs) e Ciro Pessoa (Cabine C), chamado "Diferentes", é um barato total. "Pros que Estão em Casa" tem uma letra soturnamente junkie. E, por cima de tudo isso, há ainda o molho da voz doce e meiga de Dulce Quental. Ah, ia quase me esquecendo: Dulce era a vocalista do grupo Sempre Livre. *R.D.*

OKAY MY GAY — João Penca e seus Miquinhos Amestrados (RCA)

Lá vem os engraçadinhos, de novo. Putz. Nem Léo Jaime está mais nessa. Entre *bobaladas* e *babacabillys*, pouco ou nada se salva. "Luau de Arromba" atualiza a velha "Festa de Arromba" do Erasmo ("Mas vejam quem chegou de repente/ Cazuza com seu novo gatão"). Dá para ouvir umas duas vezes. Uma curiosidade é "Ricota", do Edgard do IRA!, de quando ele tocava com o Ultraje. Essa escapou de jamais ser gravada. "Cachet" é uma versão do Léo Jaime para "Heartbreak Hotel", sucesso de Elvis. Lembrei da cavernosa reinterpretação dessa mesma música por John Cale (ex-Velvet). Putz. Cada povo tem a versão de "Heartbreak Hotel" que merece. *A.A.*

ALLAN HOLDSWORTH — I.O.U. (RGE)

Allan Holdsworth tocou no Soft Machine, grupo revolucionário adorado pelas hordas progressistas. Este é seu segundo LP solo (com seu grupo I.O.U. já modificado) lançado aqui, mas é um pouco pesado demais para o que se esperava.

Não é para se ouvir assim, sem mais nem menos. É preciso ouvir muitas vezes se for o caso. E é preciso estar com a cabeça muito boa e prestar muita atenção.

Gostei mais do LP anterior (me desculpem os aficionados), e gostava mais ainda de ouvir Soft Machine, cujo *Land of Cockayne* ninguém se arriscou a lançar aqui. *L.R.*

HATFUL OF HOLLOW — The Smiths (WEA)

Os românticos Smiths, que tanta polêmica andam produzindo em nosso meio musical, invadiram o Brasil e hoje são ouvidos em AM/FM, consumidos em posters e camisetas e tudo o mais. Pra quem jurava que era um grupo "difícil" e incompreensível pros brasileiros comuns, até que eles se saíram bem. Terão todos os álbuns editados aqui e, se nada der pra trás, estarão se apresentando no Brasil em junho. Boa opção pra quem quiser fugir da Copa do Mundo.

Este primeiro disco da leva, "Hatful of Hollow", é ótimo pros iniciados e uma delícia pros fanzocos. É uma espécie de coletânea de singles e de algumas faixas do primeiro álbum, aqui gravadas em *sessions* exclusivas para os programas de John Peel e David Jensen, da Radio One inglesa, de forma tosca e sem mixagens especiais. Simples como a própria banda. *T.L.*

ROCK GRANDE DO SUL — Vários; O FUTURO É VORTEX — Os Replicantes (RCA)

O Rock Brasil já deu provas de sua força e qualidade, e agora não mais se restringe ao eixo Rio—São Paulo. De norte a sul pipocam mil bandas das mais variadas tendências, dando a esperança de que finalmente teremos por aqui grupos e público bastante pra manter em movimento a louca roda do rock'n'roll.

Após Brasília, o Estado brasileiro que mais está se destacando é o Rio Grande do Sul, e por isso a RCA apresenta a coletânea "Rock Grande do Sul", com cinco das mais destacadas bandas da região, que têm tudo para acontecer nacionalmente.

Prova disso é que "Sopa de Letrinhas", do Engenheiros do Hawaii, "Tô de Saco Cheio", dos Garotos da Rua, e "Surfista Calhorda", dos Replicantes, são presenças constantes nas paradas radiofônicas. Os Replicantes por força de sua fama local lançaram, à parte da coletânea, o LP *O Futuro é Vortex*, um disco repleto de *hardcores* bem produzidos. Todos os grupos que integram a coletânea, que além dos citados inclui ainda De Falla e TNT, mostram força bastante para também ter muito breve seus próprios LPs. Torçamos pra que isso aconteça o mais breve possível.

Tom Leão

IVAN LINS (Som Livre)

Eu sempre achei que os críticos, para escreverem sobre certos discos, deveriam ser incluídos no rol de profissões que recebem o "adicional de insalubridade". Este é um caso. Não lembro quem foi que disse: meu ouvido não é penico. Orra, meu. Ivan saiu de seu período de choramingar as mazelas de sua vida pessoal, quando se esqueceu que roupa suja (ou pelo menos a parte mais íntima dela) a gente lava em casa. Mas nem assim. É bom se você gosta de ir ao Canecão com a patroa. Roquinhos tchaptchura alternam-se com baladas melosas, e é incrível ver na ficha técnica que no disco não figura o indefetível duo eletrônico Olivetti/R. Jorge. Pelo menos a alma deles devia estar sentada em frente aos Yamahas. Soa tudo como se fosse a mesma trilha sonora do comercial ou da novela das oito. "Vitoriosa", o hit das FMs, é a melhor melodia do disco e certamente o arranjo mais certeiro, talvez por ser o menos pretensioso. A letra, mesmo que vulgar, revela um homem de novo bem com a vida, e isto já é muito. Mas, orra meu. Você pode fazer bem melhor. *J.E.M.*

SO RED THE ROSE — Arcadia (EMI-Odeon)

Eis a resposta de Simon & Nick a John & Andy. Ou a do *não-mús*[illegible] Nick Rhodes ao *virtuose* Andy Taylor, e a do gostosão Simon Le Bon ao gostosão concorrente John Taylor. Falo, claro, da rixa Arcadia [illegible] Power Station. Duran contra Duran. O *round* é fraco: não só Simon está bem gorducho como o som deixa a desejar. Quem esperava em contrapartida ao *power* do Station, a retomada de momentos mais [illegible]máticos do Duran Duran (por exemplo [illegible] do primeiro LP ou "Save a Prayer" do 2.º, *Rio*) não terá muito mais do que um pastiche, um Duran de segunda linha. Ouça "El Diablo" e reflita.

A verdade é que a lista dos músicos convidados (dos feríssimas David Gilmour, ex-Pink Floyd; Andy McKay, ex-Roxy Music; Carlos Alomar, ex-Bowie; aos exóticos David van Tieghem, ex-Talking Heads e Laurie Anderson; e Massami Tsuch[illegible], ex-Ippu-Do e Japan) dá água na boca. A capa, belíssima, prepara o clima. Aí você põe no toca-d[illegible] [illegible] The Promise [illegible] a melhor faixa, com Mark Egan [illegible] Herbie Hancock dando um [illegible] Grace Jones, que também faz *ba*[illegible] inexplicavelmente na[illegible] [illegible] (ouça "Lady Ice"). Se isso serve de [illegible] *So Red The Rose* está bem melhor que o último LP de estúdio do Duran [illegible]

[illegible]

O ESPÍRITO DA COISA (Top Tape)

Se você já ouviu "Ligeiramente Grávida" já ouviu a menos penosa faixa deste infame grupo. Com 5 vocalistas, teclados, sax, flauta, guitarra, piano, violões, bateria, percussão, 8 músicos, 23 vozes de coro e 24 canais abertos para a gravação, a gente fica esperando, no mínimo, uma massa sonora que seja consistente.

Mas isto não acontece em nenhum momento, e o que sobra mesmo é a sensação de um monte de gente grande brincando de fazer gracinha. As letras, demasiadamente cansativas e confusas, tornam cada música do disco um suplício infinito. Mas se o "espírito da coisa" for nos cansar então está tudo bem. Confira no disco e me diga se estou exagerando. Acho que só os chatos vão discordar. *C.A.*

ONLY THE STRONG — Thor (RGE)

Thor, aquele mitológico herói dos trovões (o do martelo) virou metálico personagem do atual rock pesado norte-americano. Este Thor já foi campeão canadense e americano de modelagem, formando depois o grupo com sua mulher e vocalista, Pantera. Em cena, Thor quebra blocos de concreto no peito, assopra até estourar aquelas bolsonas térmicas de água e realiza outras demonstrações do gênero. O rock? Bom, o rock é trilha sonora desse espetacular show. Unindo alguns títulos traduzidos resume-se a história toda do disco: "Somente o forte sobreviverá. Deixa o sangue correr vermelho enquanto os deuses se encontram após a tempestade". *L.R.*

FORRÓ DE CABO A RABO — Gonzagão (RCA)

Nada de novo no front do triângulo, sanfona e zabumba, a não ser as participações inusitadas de um músico gaúcho até a última fibra do poncho (Renato Borghetti), um sambista (Benito di Paula) e um nordestino de outro território, o do humor (Chico Anysio). Bom no gênero, mas revelando concessões de um Gonzagão que, voltando no tempo, vai para os comícios pedir votos aos coronéis, como o fez para o PDS nas eleições de 82 — e mesmo com um filho que chegou a ter problemas com ditadura. Na cara dura, Gonzagão dedica uma faixa do disco aos governadores do Ceará, e de Pernambuco. Ele não precisa disso para se aposentar. *J.E.M.*

STEREOTOMY — The Alan Parsons Project (RCA)

Depois de trabalhar bom tempo para alguns cobras, Alan Parsons tornou-se mestre em reunir eficientes músicos de estúdio. E tem conseguido alguns trabalhos interessantes, como *Tales of Mistery and Imagination* e *Turn of a Friendly Card*. Esse *Stereotomy* não chega nem perto desses aí, mas não deixa de ser interessante. A produção e teclados continua a ser dividida com Eric Woolfson, seu letrista.

O tema principal parece coisa feita para FM tocar, com uma bateria muito bem marcada. Porém tem boas coisas, como a participação dos vocalistas John Miles na faixa título; Gary Brooker (aquela voz característica do Procol Harum) em "Limelight" e Graham Dye em "Light of the World". *L.R.*

RPM

revolução por minuto

RPM

A BANDA

DO ANO

O ROCK BRASILEIRO COM

120.000 DISCOS VENDIDOS

LOVE — The Cult (RCA)

O nome não poderia ser mais apropriado. Musicalmente não oferecem nada de novo, só uma variedade de referências bem trabalhadas a grupos "cultuados" num passado não muito remoto, quando era comum criar "auras místicas" em torno de entidades e pessoas. O Cult é talvez o grupo que melhor se aproveitou dessa onda de *volta-aos-bons tempos*, conquistando um publico fiel. O trabalho do grupo ultrapassa os limites da música e entra no campo da idolatria, da veneração a símbolos e rituais, usados em videos e ao vivo.

Com esse nome, a banda existe há dois anos (este é seu segundo LP) com o vocalista letrista Ian Astbury, o guitarrista compositor Billy Duffy e o baixista Jamie Stewart, todos ingleses. O visual deles inclui cabelos compridos, roupas psicodélicas e as mais variadas bugigangas e pinturas indígenas. Os singles e shows revelam uma banda sólida, com bons músicos fazendo um rock pesado meio hipnótico e um cantor carismático o suficiente para usar gestos bem teatrais sem cair no ridículo. Em ritmo de psicodelismo *Love* é uma aventura surpreendente, bem superior ao 1.º LP, *Dreamtime*.

Alfredo Borba Jr

SOMOS TODOS IGUAIS — Elza Soares (Som Livre)

Não, nada será como antes depois dessa versão de Augusto de Campos para Elza Soares e Caetano Veloso de "Sophisticated Lady", o clássico de Duke Ellington que, há décadas, atravessa o tempo em interpretações de Billie Hollyday, Sarah Vaughan e Ella Fitzgerald. Confesso desde já que a de Elza é, de longe, a minha predileta. Com todos os pedidos formais de desculpas para as damas do jazz, "Sophisticated Lady" na voz de Elza, *with a little help from my friends* Caetano Veloso e Augusto de Campos, é uma jóia.

Trata-se, atenção, do 45.º LP de Elza Soares. Mas, desta vez, Caetano, como um autêntico Marcel Duchamp da música popular brasileira, tirou-a da moldura do sambão e, o que restou, foi a voz arrevesada de Elza solta num espaço sem limites, que vai de "Osso, Pele e Pano" até o clássico de Duke. *R.D.*

GOSTOSO DEMAIS — Dominguinhos (RCA)

Há quem pense que o Brasil começa na região dos Jardins, na zona sul de São Paulo, e vai até Ipanema ou às mansões de Brasília. Para esse pessoal, o forró cultivado em bairros como o Brás e a Lapa pode parecer outro mundo.

Mas neste outro mundo há alguns mestres incontestáveis como Dominguinhos e Luís Gonzaga. São eles que dão o recado para a turma dos Jardins: "Para o dançador ruim/ Forró nenhum presta/ Chega na festa/ Mete cana na barriga/ Bate, apanha, arruma intriga/ Nada tem valor".

Entre uma curtição e outra, sempre embalada pelo competentíssimo acordeon de Dominguinhos, há a beleza agreste de "Gostoso Demais", faixa que divide com a talentosa estreante Guadalupe e, ainda, o clássico "Saxofone, Por que Choras?" de Ratinho. Um disco forrozante. *R.D.*

GAS FOOD LODGING — Green on Red (RGE)

Green on Red é um grupo americano que não quer ser mais nada do que um grupo americano de rock'n'roll, bem ao estilo daqueles influenciados pelo blues e um pouco pelo country, como o Canned Heat, o Electric Prunes, o Creedence e até os Stones.

O grupo é formado por cinco músicos, dos quais dois, o guitarrista Dan Stuart e o tecladista Chris Cacavas, são (pouco) conhecidos no Brasil graças a suas participações no disco do Chris D./Divine Horsemen, lançado pela RGE no ano passado.

Gas Food Lodging apresenta nove músicas de autoria do grupo, e ainda uma versão do clássico da música de protesto americana "We Shall Overcome", imortalizada na voz de Pete Seeger. Os arranjos são repetitivos na sua simplicidade, e as letras falam de assuntos típicos das bandas americanas do estilo "revival": drogas, álcool, estrada, trem, saudades do passado e das antigas namoradas...

Green on Red não é uma banda tão visionária como o R.E.M., mas valoriza, da mesma forma, o que há de simples e climático no rock'n'roll. *A.B.J.*

DO YOU — Sheena Easton (EMI-Odeon)

O nome mágico de Nile Rodgers na produção de um disco, como se prova aqui, nem sempre resulta na feitura de trabalhos consistentes ou criativos. *Do You* acaba saindo linear e monótono. Tipo nave espacial americana, que ensaia, ensaia, e acaba explodindo antes da decolagem, deixando atrás um rastro de frustração.

"Money Back Guarantee" é o hit certo das discos e Jimmy Mack tenta ressuscitar, sem êxito, o melhor das Supremes na Motown. Outro possível sucesso é o baladão "Magic of Love", com o autor Nile Rodgers carregando no baixo. As letras do encarte vêm fora de ordem e têm de ser caçadas. *J.E.M.*

RUNNING IN REAL TIME — Passport (WEA)

Todo mundo sabe que o Passport que a gente toma aqui é o mesmo que eles tomam lá — só muda a garrafa. Com o grupo alemão de jazz-rock liderado pelo saxofonista Klaus Doldinger acontece a mesma coisa. O disco que você ouviu no ano passado é o mesmo que você vai ouvir no ano que vem — só muda a embalagem. E ainda se corre o risco de tomar uísque falsificado.

Como uma autêntica multinacional do jazz-rock disposta a agradar a todos os mercados, o Passport — que nome feliz! — ainda teve a cara de pau de colocar um sonzinho andino de flauta de bambu e os vocais de uma insossa Miss Victoria Miles — espécie de Madonna de ressaca. Cuidado com as falsificações. Scotch, só legítimo. *R.D.*

ARTEFLUIR

GOOD TRIP WITH...

SURVIVORS

COBRA - Indústria e Comércio de Calçados e Artigos Esportivos Ltda.
Av. Dr. Timóteo Penteado, 937
Guarulhos - SP - Tels: (011) 209-8018 e 209-3366

RÁPIDO & RASTEIRO   RÁPIDO & RASTEIRO

Discos são coisas caras. Vale mais a pena gastar dinheiro indo ao cinema e a restaurantes japoneses. Se pelo menos as gravadoras apostassem mais nos trabalhos diferentes e ousados... Mas, infelizmente, na rapinagem do dinheiro fácil, o jeito é lançar um monte de lixo, porque sempre tem um disco absolutamente desprovido de novidade que acaba disparando em listas de vendagem. E o caso de **WELCOME TO THE REAL WORLD** (RCA), do grupo **Mr. Mister**, que chegou facilmente às primeiras colocações das paradas americanas. O grupo segue a linha tecnopop comercial, bem "new wave" e bem chulé ⊗ Enquanto isso, a "neiuêive" nacional busca fórmulas *ainda mais* comerciais: **MILHÕES DE MEGATONS DE AMOR** (Top Tape) é o LP do **Grafite** (só espero que o disco seja biodegradável), e **PERDIDOS NO TEMPO** (Continental) é o LP de estréia do **Degradée**, aguardado ansiosamente... pelos que praticam o arremesso de disco ⊗ Que tal essa: a **Sinfônica de Londres** tocando músicas do **Jethro Tull**!? E o LP **A CLASSIC CASE** (RCA). E essa, então: a Sinfônica de Londres tocando músicas da dupla **Bjorn e Benny**, os barbudinhos do ABBA, com letras de Tim *Jesus Christ Superstar* Rice?! Não é lindo? Trata-se do LP **CHESS PIECES** (RCA). Ou duas lindas louras cantando clássicos operísticos e do rock em ritmo *disco*? E o LP **ROCK CONTRE OPERA** (RGE) do **Dollie de Luxe** ⊗ Meus amigos que me perdoem, mas as participações do **IRA!**, do **Ultraje** e do **Premê** na trilha do filme **OS TRAPALHÕES NO RABO DO COMETA** (WEA) estão entre as piores coisas que eles fizeram até hoje. E atenção: está por aí **LP ON YOU** (RGE), de um certo grupo **Smack**, de procedência duvidosa (seria mais um caso de plágio?). Só que este Smack é heavy metal e eles são do selo californiano Enigma ⊗ Um parêntese para noticiar dois lançamentos para os amantes das nossas raízes: **Marinês e Sua Gente** fazendo um forró de primeira em **TÔ CHEGANDO** (RCA), e o nacionalista **Jorge de Altinho** rolando frevos, xaxados e baiões em **CLIMA DE FESTA** (RCA). E vejam só: nosso querido Barry voltou com seu **MANILOW** (RCA) e um novo visual de *bicho-chic*. Este é ótimo para voar pela janela)

A B J

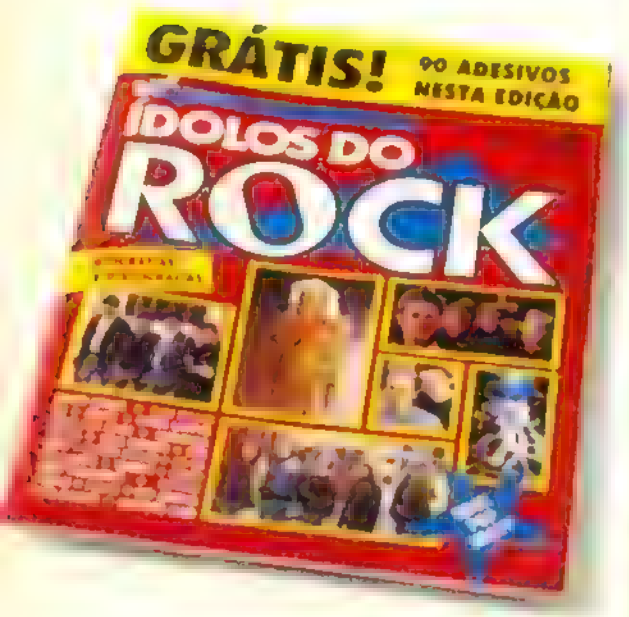
BOLSA DE DISCOS						
	The rhythmatist Stewart Copeland CBS	O concreto já rachou Plebe Rude EMI-Odeon	First and last and always Sisters of Mercy WEA	Charme gente Armandinho e Trio Elétrico Dodô & Osmar - RCA	Humanos Tokyo CBS	White city Pete Townshend WEA
Carlos Arruda	🙂	☹	●	🙂	●	😐
José Augusto Lemos	●	😐	☹	☹	😖	☹
Alex Antunes	😒	😒	☹	☹	☹	☹
José Eduardo Mendonça	😐	😒	😒	😐	😖	😒
José Emílio Rondeau	😐	🙂	😒	😒	☹	😒
Alfredo Borba Jr.	🙂	😐	☹	●	☹	😐
Leopoldo Rey	●	☹	😒	●	☹	😐

A REVISTA BIZZ APRESENTA

DIA 8 NAS BANCAS

ÍDOLOS DO ROCK

Uma edição com a história dos maiores ídolos do rock'n'roll: U2, Iron Maiden, Bruce, Ozzy Osbourne, AC/DC, David Bowie, Cyndi Lauper e muitas outras feras. E você ainda leva 90 adesivos grátis.



DIA 15 NAS BANCAS

BIZZ ESPECIAL DIRE STRAITS

Um super-poster de 81x55, com Mark Knopfler e a moçada do conjunto. No verso do poster, uma matéria traz a história da banda, com fotos, e a discografia completa.

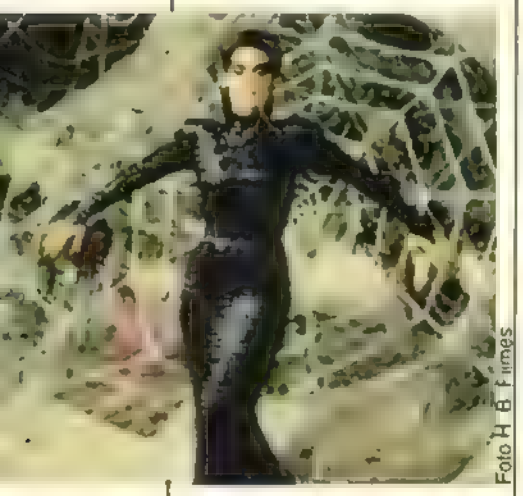
DIA 22 NAS BANCAS

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS

27 letras traduzidas, pra você curtir ainda mais os sons que fazem a sua cabeça: David Bowie, Jim Diamond, U-2, Lionel Richie e muitos outros nomes do pop internacional.

LANÇAMENTO

O BEIJO DA MULHER ARANHA (1985)



Direção: Hector Babenco. Com William Hurt, Raul Julia, Sônia Braga.

Oscar de melhor ator para Hurt, que interpreta um homossexual que divide sua cela numa prisão com um preso político. Sexo e política se confundem em um bom filme

JANELA INDISCRETA (Rear Window, 1954)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart e Grace Kelly. Lançamento CIC.

Preso a uma cadeira de rodas, por causa de um acidente, um fotógrafo passa o tempo espiando os vizinhos e acaba se envolvendo com um crime. Uma das obras-primas do grande mestre do suspense, com fantásticos cuidados de produção e direção, e a participação inesquecível de Grace Kelly, mais linda do que nunca. É um desses filmes do gênero "O melhor que já vi"

TRAGÉDIA

JÂNIO A 24 QUADROS (1982)

Direção: Luiz Alberto Pereira.

Um balanço de nossa vida política dos anos 50 até hoje, tendo como centro o cidadão errático e controvertido que ora ocupa a prefeitura paulistana. Participações de João Goulart, Médici (argh!), Figueiredo, Lula etc. Documentário com divertidas cenas de ficção.

COMÉDIA

TUDO BEM (1978)

Direção: Arnaldo Jabor. Com Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro, Regina Casé. Lançamento Globovídeo.

Uma comédia de costumes sobre uma decadente família pequeno-burguesa brasileira. Barata, um aposentado do IBGE, é um velho udenista ingênuo, que crê poder mudar o país escrevendo cartas estapafúrdias aos jornais. Entram no rolo mulher e filhos neurotizados, num filme leve e bem realizado

APERTEM OS CINTOS, O PILOTO SUMIU (Flying High, 1980)

Direção: Jim Abrahams. Com Lloyd Bridges, Robert Stack, Peter Graves. Lançamento CIC.

Comédia ligeira e eficiente, com humor bem americano tipo revista *MAD*. As confusões e *gags* vão aparecendo durante um vôo em que o piloto passa mal e é substituído por um passageiro Sátira aos filmes do gênero *Aeroporto*

UM TIRA DA PESADA (Beverly Hills Cop, 1984)

Direção: Martin Brest. Com Eddie Murphy, Judge Reinhold Lançamento CIC

Murphy é hoje um dos atores mais bem pagos de Hollywood, e não é à toa. Em quatro meses de exibição dos cinemas americanos, esta comédia bateu em bilheteria monstros sagrados como *Indiana Jones* e *Gremlins*. Murphy é o detetive Foley, de Detroit, que vai a Beverly Hills vingar a morte de um amigo. Perseguições, dezenas de carros sendo destruídos, e Murphy burlando todas as leis para conseguir o que quer, deixando loucos os seus colegas de trabalho e provocando gargalhadas nos espectadores, compensando um roteiro apenas razoável.

O CAVALEIRO ELETRICO (The Electric Horseman, 1980)

Direção: Sidney Pollack. Com Robert Redford, Jane Fonda Lançamento CIC

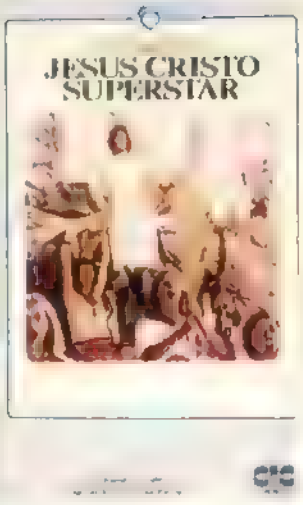
Uma comédia romântica Redford é um cowboy decadente, que vive de fazer publicidade de cereais. Revoltado ao saber que seu cavalo é dopado, foge com ele para devolvê-lo à natureza. Perseguido, encontra Fonda, uma repórter de TV que acaba aderindo à sua causa

MUSICAL

JESUS CRISTO, SUPERESTRELA (Jesus Christ, Superstar, 1973)

Direção: Norman Jewison. Com Ted Neeley, Carl Anderson. Lançamento CIC

Perdeu muito da graça com o tempo, mas ainda assim vale como uma das primeiras óperas-rock e pela trilha sonora portentosa e bombástica de Rice-Weber (Evita, Cats)



FLASHDANCE (1983)

Direção: Adrian Lyne. Com Jennifer Beals, Michael Nouri Lançamento CIC.

Trabalhadora braçal de dia, dançarina à noite, a gatíssima Beals dá vida a uma história sem consistência, num fotonovelão do rock com trilha de Giorgio "Discomusic" Moroder

A garota acaba ganhando uma boa bolsa de estudos para ser bailarina, e ainda casa com o patrão rico

QUEEN LIVE IN RIO (1985) *Lançamento Globovídeo*

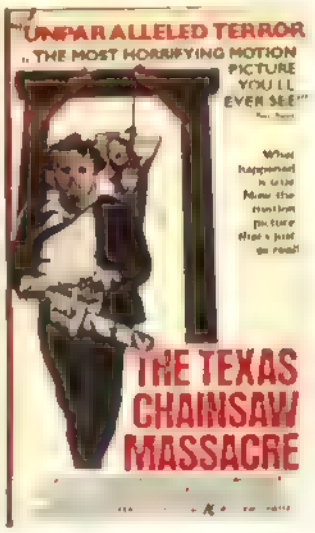
Foto Jorge Rosemberg- Abril

Depois de tropeçar num cipoal de direitos autorais envolvendo o Rock in Rio, a Globo conseguiu salvar esta fração do evento. 250 mil roqueiros aplaudem o *macho man* Freddie Mercury e sua banda em hits como "Radio Ga Ga", "We Are the Champions", "I Want to Break Free", "Love of my Life" e "Keep Yourself Alive". Boas imagens para os fãs

Fotos Estúdio Abril

SUSPENSE

THE TEXAS CHAIN SAW MASSACRE (1974)



Direção: Tobe Hooper. Com Marilyn Burns, Allen Danziger.

Primeiro longa-metragem de Tobe Hooper *(Poltergeist, A Força Sinistra)*, com roteiro baseado em um fato verídico ocorrido em 1970. Cinco jovens vão passar o fim de semana em um sítio no Texas e, aos poucos, vão sendo assassinados brutalmente pelos vizinhos (três irmãos completamente loucos). Serras elétricas, navalhas afiadas, ganchos de açougue, crânios esmagados e churrascos sangrentos em um filme violento e impróprio após o almoço

ENCURRALADO (Duel, 1971)

Direção: Steven Spielberg. Com Dennis Weaver, Tim Herbert Lançamento CIC

Ainda garoto, Spielberg já ostentava a marca de gênio. Com um orçamento parco, rodando apenas em externas, conseguiu criar neste filme um suspense de trincar os dentes. Um vendedor dirige seu carro alugado por uma estrada no interior americano quando se vê ameaçado por um misterioso caminhão que quer matá-lo.

DRAMA

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (Once Upon a Time in America, 1984)

Foto Sipa Press

Direção: Sergio Leone. Com Robert de Niro, James Woods. Lançamento CIC.

Um diretor italiano presta uma homenagem aos filmes americanos de gângsters. Trama inconsistente em um filme longo demais, com personagens que surgem e somem de repente. As performances de Niro e Woods, além da direção envolvente de Leone, salvam a fita.

MONTENEGRO (1981)

Direção: Dusan Makavejev. Com Susan Anspach, Erland Josephson, Per Oskarsson.

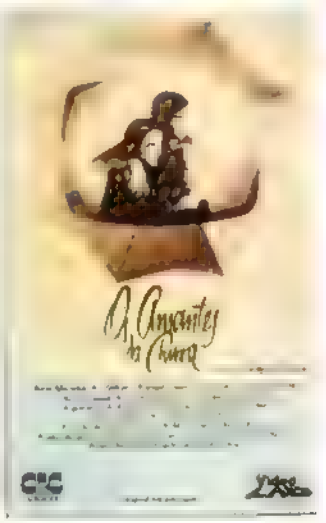
A mulher de um rico industrial sueco é raptada por imigrantes iugoslavos e vive com eles o contrário de seu tedioso cotidiano conjugal Muito humor, muita sensualidade de Anspach numa festa no cabaré de quinta categoria dos imigrantes, e um final surpreendente. Este filme não emplacou no circuito comercial, mas acabou, e com justiça, virando um culto no circuito dos videoclubes do mundo.

A FORÇA DO DESTINO (An Officer and a Gentleman, 1982)

Direção: Taylor Hackford. Com Richard Gere, Debra Winger. Lançamento CIC.

Um ótimo filme. Dois fracassados tentam consertar suas vidas nada promissoras. Ele, entrando para a Escola Naval; ela, tentando agarrá-lo como marido. O filme pega pelo seu impacto emocional e é temperado por cenas de alta sensualidade.

AMANTES DA CHUVA (1979)



Direção. Roberto Santos Com Bete Mendes, Helber Rangel, Davi José. Lançamento Globovideo.

Fortes chuvas caem sobre São Paulo contrariando as previsões Um repórter atribui o fenômeno aos encontros de um casal que consegue provocar mudanças no tempo. O casal vai parar na TV; se vêem pouco e passam por atritos. No final as chuvas param, e os dois fogem ao assédio

SOB O DOMÍNIO DO MEDO (Straw Dogs, 1971)

Direção: Sam Peckinpah. Com Dustin Hoffman, Susan George

Tensão do começo ao fim Um pacato matemático americano muda-se para o interior inglês com sua jovem esposa, natural da região. Em meio às provocações e à antipatia dos vizinhos, o seu pacifismo é posto à prova quando esconde em sua casa um doente mental acusado de assassinato

As resenhas são de José Eduardo Mendonça e Thomas Pappon

HARRISON FORD

Foto Sipa Press

Foi no decorrer das produções curriculares do curso superior de Filosofia que o estudante Harrison Ford descobriu sua verdadeira vocação: ser ator. Em 66, Ford fez sua estréia no cinema, num papel absolutamente coadjuvante em *Death Heat on a Merry-Go-Round*. Fez mais alguns bicos em longas e seriados de TV como *O Homem de Virgínia, Gunsmoke* e *Ironside*. Papéis melhores começaram a aparecer depois da sua participação em *American Graffitti*, até o dia em que foi escolhido para interpretar Hans Solo em *Guerra nas Estrelas*, sua estréia num papel principal, que lhe rendeu porcentagens de três filmes recordistas de bilheteria. Sua consagração como ator veio quando fez Rick Deckard, o policial que sai à cata de andróides em *Blade Runner*. E, depois de trabalhar com Spielberg em *Os Caçadores da Arca Perdida*, Harrison Ford conquistou o estrelato. Como Indiana Jones, Ford criou um tipo próprio que transcendeu para os seus papéis posteriores, como o John Book de *A Testemunha:* o aventureiro individualista, lacônico, de caráter forte e heróico, um misto de Bogart e Clark Gable.

FILMOGRAFIA COMPLETA:

Death Heat on a Merry-Go-Round (66), *Luv* (67), *A Time for Killing* (67), *Journey to Shiloh* (68), *Getting Straight* (69), *American Grafitti* (73), *The Conversation* (74), *The Trial of Lieuteutnant Calley* (74), *Dynasty* (76), *Star Wars* (77), *Heroes* (77), *Force Ten From Navarone* (78), *Apocalypse Now* (79), *Hanover Sreet* (79), *The Frisco Kid* (79), *The Empire Strikes Back* (80), *Raiders of the Lost Ark* (81), *Blade Runner* (82), *Return of the Jedi* (83), *Indiana Jones and the Temple of Doom* (84), *Witness* (85). *T.P.*

RPM

UMA ESCADARIA PARA O CÉU

Foto Rui Mendes

"E os royalties que a gente ia receber?" foi a primeira frase que a repórter *Sônia Maia* ouviu das bocas do RPM, quando chegou para entrevistar o grupo no escritório de seu empresário.

Eles têm toda a razão em defender a sua fatia do bolo — afinal, o RPM *chegou lá.* "Lá" é onde sempre quiseram estar — disco de ouro na parede da sala de estar, dólares para abastecer o grupo com o que há de mais novo em instrumentos eletrônicos e, de quebra, um festival de primeiras colocações na eleição "Melhores de 85" junto aos leitores desta sua revista.

Eles ainda querem mais. Leia e confira as linhas-mestras da estratégia de ocupação.

BIZZ — *Em primeiro lugar, gostaria que vocês falassem desta excursão nacional. Vocês iam fretar um avião só para isso. Qual o roteiro?*
Paulo Ricardo — Bom, o avião dançou. Dependia de patrocínio, uma informação que vazou antes da confirmação oficial. O que vamos fazer agora é Norte e Nordeste. Já fizemos Sul de montão, menos Santa Catarina. E vamos até Manaus.
BIZZ — *Passando esta excursão, quais são os planos, principalmente em relação ao próximo LP?*
Paulo Ricardo — O próximo LP é uma conseqüência óbvia. Vamos diminuir o ritmo de shows e começar a compor. Já está quase pronto.
BIZZ — *E como está?*
Paulo Ricardo — Tem uma música nossa, nova. Outra nossa com letra do Péricles Cavalcanti. Tem um instrumental e vamos gravar "London, London" (do Caetano), com arranjo nosso. Estamos querendo diminuir o pique de exposição e trabalhar sossegado. Show é muito desgastante. E esperar os novos equipamentos que estão chegando (ver ficha técnica).
BIZZ — *E aí? Vocês estão riquinhos, ganhando muito dinheiro?*
Luís Schiavon — Oh! Você não viu lá (na revista *Veja*), 150 milhões por semana? Queria saber em que conta está.
Paulo Ricardo — (sério) Não, a gente ganhou alguma grana no começo do ano passado, mas de maio em diante íamos gastando tudo.
Fernando Deluqui — Tivemos que acompanhar o avanço do sucesso com a compra de equipamentos.
Paulo Ricardo — Éramos paupérrimos. Instrumentos Giannini, amplificadores Palmer.
P.A. — E como usamos muito, gasta.
Luís Schiavon — Desgaste e obsolescência tecnológica. Se você pegar um catálogo de dois anos atrás, de qualquer fábrica, não encontra nenhum teclado ainda em produção. Provavelmente, o teclado que eu comprei agora e gastei a maior nota, daqui a um ano e meio terá de ser trocado.
Paulo Ricardo — Não temos mais preocupação com dinheiro. Dá para pagar o aluguel, sabe? Sabemos que temos muito chão pela frente. Não estamos naquele desespero de aproveitar a onda senão passa.
Luís Schiavon — Não temos mais essa mentalidade.
Paulo Ricardo — *Nunca* tivemos essa mentalidade.
BIZZ — *E esta onda do rock brasileiro? Vai sobreviver ou dura até sábado?*
Luís Schiavon — Até domingo dá para encarar.
Paulo Ricardo — Sacanagem. Acabar é fora de questão, não dá nem para supor. Acho que impregnou geral. A gente está com trinta anos de rock nas costas.
BIZZ — *A gente quem?*
Paulo Ricardo — O planeta Terra. O espírito está completamente incorporado.
BIZZ — *Mas nunca houve aqui tanta efervescência como agora...*
Paulo Ricardo — É legal estar acontecendo no Brasil. Na Argentina tem muitas bandas, várias revistas, há anos. Só que eles não têm uma música tão forte como a nossa. Acho demais que a gente tenha tido Caetano e a tropicália, Milton Nascimento e Egberto.
Luís Schiavon — A MPB é forte.
Paulo Ricardo — Por isso o rock não foi mais forte. Mas sempre tivemos Rita Lee e Raul Seixas. E aquela moçada jovem, um pequeno grupo que tinha acesso à informação importada. Mesmo assim era difícil. Os discos chegavam com um ano de atraso, e o que tinha era a revista *Pop*, com aquele monte de bobagem. Para conseguir uma importada você suava. Isso até dois anos atrás. A garotada só pode se identificar com isso./ Você não pode pensar num músico jovem

Foto Marcos Guião/ Abril

Foto Renato dos Anjos/ Abril

Foto Jorge Rosemberg/ Abril

Foto Carlos Fennich/ Abril

contemporâneo fazendo algo desvinculado do rock. Vai fazer um grupo de chorinho agora? Não é possível. Só se ele viveu numa fazenda, isolado de tudo que aconteceu todos estes anos. Acho que tende a piorar.

BIZZ — *Piorar?*

P.A. — Aumentar a contaminação. Piorar para os outros.

Paulo Ricardo — Vai ter banda (lá fora) influenciada pelas brasileiras. Vai ser uma longa história.

BIZZ — *Mas, por exemplo, na Inglaterra há duas correntes. Primeiro, se voltaram para a música africana; agora também para o cool jazz e bossa-nova. Isto não significa uma consciência de que o rock é meio pobre? E, se temos uma música tão rica no Brasil, qual a graça em fazer rock aqui?*

Luís Schiavon — Na Inglaterra o que está vendendo adoidado é Madonna e Dire Straits. Esta tendência que você citou é do pessoal underground, tipo a gente, que gosta de Akira S e Mercenárias.

Paulo Ricardo — Não é o *mainstream*. Eu só sou a fins de enriquecer. Nunca vi a gente como uma banda de ROCK AND ROLL, tipo anos 60. Queremos fazer trilha sonora de filme, todo tipo de música. Temos aqui uma percussão riquíssima. As bandas vão colocando alguns elementos e passando por transformações, tipo o Talking Heads, mais africano. Essa coisa de devorar milhões de estilos é bem rock.

BIZZ — *Vocês acham que aqui no Brasil existem bandas interessantes?*

Paulo Ricardo — Tem pessoas que fazem sucesso e param. Tem sempre alguma armação dando certo. Mas você vê um show do Legião no Canecão — foi um espetáculo. As músicas novas são ótimas, o Renato está cada vez melhor. O Plebe também apareceu com um disco bom. O Ira! tem muita consistência. Quatro ou cinco anos de batalha e não esmoreceu. As bandas que conseguirem uma projeção popular vão passando às pessoas as informações difíceis de assimilar anteriormente. E as bandas bregas, cada vez menos acreditadas.

Luís Schiavon — O pessoal foi percebendo que o povo não é aquele pinicão que todos pensavam.

Paulo Ricardo — Pô! O público da BIZZ teve a manha de eleger "Será" a melhor música.

Fernando Deluqui — A tendência é aumentar e melhorar, justamente pela resposta do público.

BIZZ — *E esta passagem do não comercial para o comercial? Algum perigo?*

Paulo Ricardo — Já ocorreu e passou. O Ultraje fica bem nessa corda bamba, daquilo que seria engraçadinho se não fosse trágico. "Eu Me Amo" é uma análise de comportamento. Um conteúdo explosivo numa embalagem de rock. Quando você percebe já está cantando "Será" e "Geração Coca-Cola". Este é o ponto forte do rock.

Luís Schiavon — Pô! Três mil pessoas cantando "Geração Coca-Cola" no Canecão!

BIZZ — *E com conhecimento de causa?*

Luís Schiavon — Pô! (Balbúrdia. Todos falam ao mesmo tempo). No mínimo ele teve o trabalho de ler a letra e decorar. Não é uma letra fácil. É um processo subliminar, também. Mas funciona. Tanto faz.

Paulo Ricardo — Sabe, tipo "a televisão me deixou burro demais". Isso cria uma discussão supersaudável.

Luís Schiavon — Quanto mais gente tiver informação boa na mão, melhor.

"Quem comprou 'Louras Geladas' levou um monte de informação para casa"

BIZZ — *O disco de vocês é realmente um super LP, como vocês disseram?*

Paulo Ricardo — Quem comprou o LP por causa de "Louras Geladas" e "Rádio Pirata" levou para casa um monte de informação que é uma síntese de vinte anos de rock que a gente ouviu.

Luís Schiavon — É o que a gente queria, provar que uma banda brasileira, com técnicos brasileiros, num estúdio do Brasil, podia fazer um disco tão bom como qualquer um de fora.

Paulo Ricardo — E não apenas a gente. Muitas bandas daqui são tão boas e tocáveis quanto qualquer m* lá de fora. Eles só têm a primazia porque os Beatles começaram lá.

BIZZ — *O que vocês acharam da votação da crítica e dos leitores na BIZZ?*

Luís Schiavon — Só achei que a categoria "Instrumentista" deveria ser dividida em jazz, rock, etc.

Paulo Ricardo — Não dá para comparar Barone com Egberto, entende? Fora isto, acho muito sadio. Ficamos até surpresos com

nossas classificações. E lisonjeado com a elegância (fala com pose).

BIZZ — *Ganhou duplamente.*

Paulo Ricardo — É. A única unanimidade.

BIZZ — *Fernando e P.A. Como vocês entraram no RPM? Vocês não se sentem um pouco em segundo plano?*

Fernando Deluqui — Eu tocava na Gang 90 e chamamos o Luís para tocar num show. Ele me passou uma fita com três músicas do RPM. Fomos ensaiar e saiu um supersom. Daí para frente rolou. Não me sinto em segundo plano. É que peguei o trem andando. Participo das composições, levo minhas idéias...

Paulo Ricardo — A gente não chega a ser *Barão e Cazuza*. É uma banda supercoesa.

P.A. — Eu conheci o Luís há quatro anos, por acaso. Fizemos um *free* de duas horas. Nunca mais o vi. Quando pintou o RPM ele começou a me ligar. Um dia, eu mesmo atendi. Nem lembrava quem era. Fomos fazer um ensaio e a primeira pessoa que encontrei foi o Fernando. Conversamos como se já nos conhecêssemos há anos.

BIZZ — *Paulo Ricardo, você gostaria de trabalhar no cinema?*

Paulo Ricardo — Gostaria de fazer algo bem feito. Não filme de rock. Um filme da banda, talvez, a la Led Zeppelin, em show. No mais, só se fosse um papel legal. Desde que não atrapalhasse o trabalho com a banda.

BIZZ — *Vocês acham que vai dar para sobreviver de música, digamos, para o resto da vida?*

Paulo Ricardo — Pô! Sem dúvida!

P.A. — Para mim é uma profissão, um hobby... Acho que vou envelhecer tocando.

Paulo Ricardo — E a gente esteve em Londres, levou o disco e as pessoas não acreditaram.

BIZZ — *É? Fale um pouco dessa receptividade.*

Paulo Ricardo — Fomos ver como está. Achamos muito devagar. Estão completamente perdidos. Já aconteceu tudo. Nada é levado muito a sério. Até o Cult, que é cultuado por uns e ridicularizadérrimo por outros. E os darks, estão assim já incômodos. Os produtores de lá estão mais envolvidos com frescuras do tipo Arcadia... a gente até gosta. Eles se preocupam

Foto Jorge Rosemberg. Abril

Foto Rui Mendes

muito com o periférico. De repente o que está fazendo sucesso na Inglaterra é Billy Bragg, um Dylan dos anos 80, com calça furada e um violão de aço. Acho que a gente (Brasil) está com tudo.

BIZZ — *E essa efervescência em Nova York que vocês falaram?*

Paulo Ricardo — A miscigenação é muito maior. Vimos algumas coisas do Arto Lindsay, Golden Palominos, Bill Laswell. Não chegamos a conversar com eles, mas tivemos um contato com seus trabalhos. Nas técnicas de estúdio, de gravação, está rolando muita procura, mescla e ritmo brasileiro, mas muito sutil. Acho que as bandas brasileiras é que vão ter que se encarregar disso.

BIZZ — *Então! Que tal as bandas brasileiras reciclarem esta raiz tão rica e temperar com o rock? Por que este menosprezo?*

Paulo Ricardo — Esta é uma atitude radical, mas necessária. Depois as pessoas vão tendo menos vergonha e menos medo de absorvê-la. A gente, por exemplo, tinha aquela coisa incômoda de nunca ter atingido aquele nível de produção, aquele supersintetizador, queríamos tirar o atraso. Uma implicância, um certo confronto. Jogar com as mesmas armas. Tenho um amigo em Nova York que de vez em quando ouve o disco e diz: "Que barato". Mas lá pelo meio ele fala: "Ué? Eu não estou entendendo nada do que este cara está falando".

BIZZ — *Eles sentem que é de outro lugar, pensando no som. Algo estranho, diferente?*

Paulo Ricardo — Não, sentem uma identificação. Não estou querendo fazer nada folclórico. Apenas introduzir pequenos elementos.

Luís Schiavon — O grande obstáculo para a entrada no mercado estrangeiro é a língua. Não só o português. É como o espanhol. Soa agressivo para eles. Eles têm o hábito de ouvir só inglês, não têm uma colonização cultural. Se não for cantado em inglês, não penetra no mercado.

Paulo Ricardo — Tenho certeza de que a maioria desses nossos roqueiros não têm o menor pudor em cantar em inglês.

BIZZ — *Algum recado para o público?*

Luís Schiavon — Exija sempre o original.

CABRA-CEGA

Esse é aquele jogo em que tocamos algumas faixas não-identificadas. Paulinho e Luiz comentam, e tentam dizer de quem é o som...

Luís Schiavon

"Agentss", Agentss — Ah! É... como chamava aquela banda do Kodiak? Parece Agentss ou Kraftwerk. Já ouvi isto. É Agentss. Achava legal essa experimentação do Kodiak. Meio Kraft caricata. Não gostava do som de bateria nesse disco, achava mal produzido. Caixinha magrinha. Gosto mais do outro lado.

"Tibetan Dance", Ryuichi Sakamoto — Não estou reconhecendo. Não gostei da colocação dos instrumentos. Harmonia convencional. O programa da bateria eletrônica é muito duro. Às vezes lembra Yellow Magic Orchestra, mais pelo timbre do sintetizador. Eu faria diferente, poderia ser mais funkada. O tema é horroroso. Parece um jingle.

"Come Sta, La Luna", Can — Interessante. Não vou saber identificar. Piano superlegal no fundo. Gostei mais da produção do que da música — no fundo é quase só produção.

"Zaüne", Fellini — Acho que já ouvi isso. Interessante o timbre, a voz está quase crua. Pode ser de qualquer lugar, da Alemanha ou do Madame Satã.

"Virginia Plain", Roxy Music — Parece OMD, mas não deve ser. Tem um timbre de guitarra que é um baratinho. Encadeamento harmônico eu não gosto — primeiras, quartas e quintas. Esse clima é legal, o que mata é a harmonia mesmo.

Paulo Ricardo

"Cê Tá Pensando Que Eu Sou Loki?", Arnaldo Baptista — Pô! Um dos caras geniais do rock brasileiro. Nosso Syd Barret. Os Mutantes brincaram com tudo, fizeram todos os estilos. Ele pirou. Pena estes caras abortarem. Por algum motivo as pessoas não enfrentam a coisa.

"Lorelei", Cocteau Twins — Mixagem superinteressante, principalmente a voz. Belas harmonias, baixão superinsinuante. Será o Altered Images? Ela inteira enche o saco. O problema dessas bandas modernas inglesas é que descobrem uma certa onda e ficam nisso a vida inteira. Que nem o Cure.

"Swing Basses Series I", Akira S e as Garotas Que Erraram — Parece A Certain Ratio. Poderia ser Akira S. Se for, o Alex deveria articular melhor as palavras. Baixo superinsinuante.

"Penetration", Iggy Pop — Parece Ira! (cantarola "Longe de Tudo"). Parece um Gremlin cantando. Parece dois gatos brigando no estúdio. Monocórdico pra c*. Interessante a interpretação. Parece um filho bastardo de Iggy Pop.

"Sensoria", Cabaret Voltaire — Adoro essas porradas à la Afrika Bambaata. Adoro efeitos de gravação, raps, fita ao contrário. Parece Yazoo ou Yello. Meio break também. Adoro música negra em geral. Isso aí é branco.

ALTA TECNOLOGIA

O RPM pegou os cruzeiros ganhos nos vários shows e na venda de 150 mil cópias do primeiro LP (até março) e os converteu não em cruzados, mas em dólares. Assim munidos, embarcaram para a Europa e Estados Unidos para investir o montante em novos equipamentos.

Só no baixo Steinberger, Paulo Ricardo gastou dois mil dólares. Para o P.A., a nova bateria eletrônica da Roland, a DDR-30. Mas a novidade mesmo é o sampler, *um Mirage Ensoniq que o Luís trouxe junto com outros teclados, como o Oberheim Matrix-6. Fora isso, computador rítmico Roland TR 707, sincronizado ao computador IBM-PC (que comanda os teclados), que deverá ser usado paralelamente à bateria.*

O sampler, *além de fechar a expansão da memória, completa o* set *dos teclados. E Paulo Ricardo acrescenta: "Com eles temos maior possibilidade timbrística, de pesquisar e ampliar novos sons e conseguir algo mais forte, que é do que estamos atrás".*

ADAM CLAYTON

O baixista do U2

Foto Rapport Sipa Press

"The Edge é o *cabeça* do grupo, Adam e Larry são o ritmo, os *pés*. Eu sou o coração", disse Bono, a respeito dos membros do U2. Tão logo a banda foi eleita Melhor Grupo de 85 pelos leitores de BIZZ, ligamos para eles. Quem atendeu foi Adam, um dos pés... *Anamaria Guimarães de Lemos* aproveitou, e teve com ele este papo (exclusivíssimo) sobre som, amizade e estrelato

BIZZ — *Nossos leitores elegeram o U2 o melhor grupo de 85, e "Pride" a melhor música.*
Clayton — Ótimo! Acho que nós temos que ir ao Brasil em 86...
BIZZ — *Qual a razão desse sucesso mundial de vocês, meio repentino?*
Clayton — Não me parece tão repentino. Estamos nisso há um bom tempo...
BIZZ — *No início de carreira, qual era a principal motivação de vocês?*
Clayton — Bom, em 76, 77 havia aquela coisa do movimento punk. O que acontece geralmente em música é que conforme as bandas vão crescendo elas se afastam cada vez mais das ruas, do coração de sua geração. O que surgiu na Grã-Bretanha e na Europa foi uma nova geração de músicos, que disseram "nós não vamos participar do velho esquema", e foi o que nós fizemos. Muitas vezes, quando você começa algo novo, as pessoas tentam dizer que você está fazendo a coisa errada, que você não aprendeu as regras... Nós decidimos desde o começo não aceitar as regras, mas fazer as nossas próprias, de acordo com o nosso caminho.
BIZZ — *E agora, as motivações são outras? Mudou algo para o U2?*
Clayton — Ainda fazemos discos dos quais queremos nos orgulhar. Somos muito ambiciosos com nossos discos, nesse aspecto! E... bem, é difícil dizer, porque estamos preparando um novo disco, agora. Queremos captar a atmosfera que criamos em apresentações ao vivo, porque em shows há muita energia.
BIZZ — *Como vocês trabalham? Quem compõe as músicas?*
Clayton — A maior parte do material é feita em grupo, mas algumas músicas são compostas individualmente. Em geral nós quatro ensaiamos todos os dias e tocamos partes de músicas novas, depois voltamos a elas para acertá-las, e assim vai..
BIZZ — *Bono e Edge parecem estar mais em evidência no grupo. Isso afeta você e Larry* (Nota: Larry Mullen, o baterista) *de algum modo?*
Clayton — Eu discordo de que eles estejam mais em evidência — apenas são o ponto central... Num show, as pessoas se concentram normalmente no cantor. Nem todos podem estar sob as luzes — Bono e Edge estão, simplesmente porque o guitarrista e o cantor atraem as luzes. Isso não é nada fora do comum, e acho que não causa problemas.
BIZZ — *O relacionamento de vo-*

cês, sua amizade, parece ser muito importante para o grupo...
Clayton — E é... Nós crescemos juntos na escola e, sinceramente, quando nos encontramos pela primeira vez nem gostamos muito uns dos outros. Mas quanto mais ficamos juntos mais gostamos.
BIZZ — *Os fãs se identificam muito com vocês, não?*
Clayton — Realmente. Acho que é basicamente pelo jeito que fazemos as coisas... Nós tentamos cortar toda essa coisa do *glamour*, da ostentação do *show-business*. Tentamos agir de igual para igual com as pessoas, e deixar bem claro que ninguém precisa dessa besteira toda criada ao redor do mundo musical. Se você abordar isso com mente aberta e uma ideologia honesta você tem tudo o que pode querer da vida. Acho que é por isso que o público se identifica conosco. Eles não acham que estamos escondendo o jogo... É como a música *soul*. No *soul* não há nada escondido — o cantor está ali e você pode ouvir seu coração, se quiser. O U2 vive assim, também.
BIZZ — *Por que o grupo aparece sempre tão associado à religião?*
Clayton — Temos crenças cristãs, mas é apenas uma maneira de viver a vida — há pessoas que têm outras filosofias. Isso não é assim tão relevante. Houve um período em que a imprensa não sabia como nos descrever, e essa era a maneira mais fácil: insistir na questão da religião.
BIZZ — *Como você lida com o sucesso? Como ele afeta sua vida particular?*
Clayton — É difícil dizer. Acho que há dois tipos de sucesso. Um é o sucesso de *imagem*, e esse afeta sua vida particular. Mas se você tem sucesso artístico, felizmente acho que é o nosso caso, isso só afeta sua vida particular na medida em que você descobre que há muitas pessoas que te respeitam. Mas respeitam pelo que você fez musicalmente — e então o jeito que você se veste não importa muito. O sucesso só se torna um problema quando estamos em turnê — para ser honesto, se ninguém aparece para nos ver quando estamos dando shows, ficamos completamente entediados.
BIZZ — *Dá para ter uma vida normal?*
Clayton — Eu vou ao supermercado, ao cinema, todas essas coisas. Dublin, onde moramos, é uma cidade pequena, todos se conhecem. Não é como em Londres ou Nova York, onde as pessoas te idolatram se você for uma estrela. Dublin não é esse tipo de cidade.
BIZZ — *O U2 é muitas vezes citado junto a grupos como Big Country, Alarm, Simple Minds... Qual é a ligação entre vocês e eles?*
Clayton — Nós nos damos muito bem! O que temos em comum é a atitude semelhante em relação à música — a música vem em primeiro, tudo mais vem depois. É um jeito muito honesto de trabalhar: se a música não está lá, então não há mais nada ali. Esse é o nosso jeito, e o Simple Minds, o Alarm e o Big Country parecem fazer o mesmo.
BIZZ — The Unforgettable Fire *foi um grande sucesso, e as pessoas ficaram surpresas com o "novo som U2". Você acha que houve mudança?*
Clayton — Nós e o nosso público amadurecemos a cada disco. Se você escutar *Boy*, *October*, *War*, *Under a Red Blood Sky* e o último disco, verá que houve uma progressão. Temos que mudar a cada vez, abordar a coisa de uma maneira ligeiramente diferente, senão a inspiração não está ali. A gente ia acabar soando como o mesmo U2 o tempo todo, e não é o que queremos, e sim ampliar as fronteiras do som a cada disco.
BIZZ — *Como foi trabalhar com Brian Eno como produtor?*
Clayton — Foi diferente. Tínhamos trabalhado exclusivamente com o Steve Lillywhite em três discos, e já estávamos prontos para correr o risco... Brian nos deu muita segurança em certas áreas, em termos de qualidade do som e essas coisas. Mas ele também questionou nossa maneira de encarar a música. Ele ficava sempre nos encorajando a manter a música simples, ao invés de complicá-la. Aprendemos muito com isso.
BIZZ — *E em geral, qual foi a reação a esse disco?*
Clayton — Acho que as pessoas realmente gostaram. Tivemos ótimas críticas em todos os lugares, menos na *Rolling Stone*. E depois, mesmo eles acabaram nos dando o título de *O Grupo dos Anos 80* — as posições que alcançamos nas votações de melhores do ano certamente fizeram uma grande diferença. Os fãs em geral esperaram muito por esse disco, e o receberam muito bem. Há muitas faces do U2 nele, desde coisas como "The Unforgettable Fire" até "Bad". Há uma dose grande de emoção. E também falamos de direitos humanos, numa época em que as pessoas estão novamente interessadas em encarar esse tema. Todas as referências a Martin Luther King nas músicas precederam, por coincidência, o que está acontecendo na África do Sul neste momento.
BIZZ — *Fale do próximo LP.*
Clayton — No momento estamos compondo, e esperamos gravar no fim do ano, por volta de setembro. Pode não demorar tanto, mas estamos nos dando o máximo de tempo para fazer o próximo disco. Não tanto para gravar, e sim escrever... Nós queremos ter certeza do curso a seguir na próxima vez, e ainda não estabelecemos nenhuma direção.
BIZZ — *Vocês já pensaram em tocar no Brasil?*
Clayton — Eu adoraria dizer que sim, mas infelizmente não temos planos de tocar em lugar nenhum, no momento. O único compromisso para este ano são alguns shows para a Anistia Internacional, agora no fim de março, acho. Foi um compromisso que assumimos no ano passado, sem saber como seria este ano. Não faremos nenhuma turnê até termos lançado o disco novo... Nós adoraríamos tocar no Rock in Rio — quando vai ser o próximo?
BIZZ — *Em 86 não deve ter. Talvez 87... Você conhece alguma coisa da música brasileira?*
Clayton — Não muito. Já estive no *Sounds of Brazil* (Nota: uma casa especializada em música brasileira), em Nova York... mas não conheço quase nada.
BIZZ — *Quais são seus grupos prediletos?*
Clayton — Ouço muitas coisas... Deixe-me lembrar o que eu comprei recentemente... Tenho ouvido aquela banda irlandesa, Clannad (Nota: Bono gravou com eles)... Sempre ouço Simple Minds, Echo and the Bunnyman, e do *mainstream*, ouço Rolling Stones. Também tenho ouvido Waterboys... No momento, estou gostando muito de ouvir velhos blues.
BIZZ — *Bom, esperamos vê-los brevè no Brasil...*
Clayton — Eu também. Gostaria de agradecer a todos os leitores da BIZZ por terem votado em nós... Ouvi dizer que no Brasil estão as mulheres mais bonitas do mundo... Então, certamente, logo estaremos aí...

CAZUZA EXAGERADO

Ele nem percebeu que *Sônia Maia* chegou atrasada para a entrevista. Em plena tarde ensolarada de segunda-feira carioca, o bonitão estava lá, olhos vermelhos, tontinho da noitada anterior. Mas de tonto Cazuza não tem nada...

O Rio de Janeiro continua lindo... se você olhar *para* cima, ou *de* cima. Muita fumaça, muito trânsito que entram em ebulição com o cheiro de maresia, já meio acre. Mas Cazuza mora lá, e preferiu a visão de cima para baixo — uma pequena cobertura na zona sul. Do lado esquerdo, a pedra da Gávea e as montanhas, "que lembram seios de mulheres", como ele gosta de vê-las. Em frente, o Jockey Club, onde às quintas-feiras, Cazuza e seus convidados têm um espetáculo pronto — luzes, binóculos e cavalos em ação. "Veja", confidencia ele, "a primeira entrada, menos pomposa, é a da gentalha. Bem em frente. Ótimo! Os *bookmakers* da esquina, o pessoal da favela, todos descem, na maior *função*, para apostar cinco ou dez cruzados. Ali, mais para a direita, é onde entra a burguesia."

Não é à toa que ele foi morar lá. Nestas duas entradas podemos resumir a pessoa de Cazuza: aquele que entra pelo portão nobre e, depois do décimo copo, sai saltitando pelo da gentalha. É o exagerado, muito mais até do que diz a própria música. E faz disso sua arte. A preferência pelos temas agonizadamente românticos está no sangue: "Estas letras têm a ver com o pessoal que conheço, noturno, complicado que nem eu. Gosto do lado marginal da vida. Adoro ir para as biroscas, bater papo com malandros, prostitutas, pessoas que são felizes, fazem festa, mas no fundo são muito solitárias. Estou do lado dos derrotados e isso é poesia". E Cazuza vai mais fundo: "Elas não estão em conexão com nada do que está rolando e, por isso, estão mais próximas de Deus. E, também, faço meio um deboche disso tudo".

É o caso de "Exagerado", um deboche do trabalho anterior e da pretensão de Cazuza fazer uma letra meio *beat*. Mas aí o Zeca (Ezequiel Neves) chegou e disse: "Ora, você não passa de uma Dolores Duran". Ah! Mas você tem musas, ou não? "Muito difícil eu fazer uma letra inspirado num fato real. Tem duas: 'Mal Nenhum' é bem minha mesmo, de uma fase que nem eu me agüentava, andava meio agressivo. E o Lobão estava parecido comigo. Compusemos a música no apartamento, jogando ovos por todos os lados, até as quatro da manhã. Chamaram até a polícia." Parênteses: todas as parcerias são mais ou menos assim. Começam numa conversa de bar e acabam de madrugada, em louca composição. "Também 'Boa Vida' eu fiz quando estava apaixonado, ótimo mesmo. O resto é historinha que eu invento."

Outro caso *real* é a letra que Waly Salomão fez especialmente para Cazuza, cujos versos "Eu sou a boca do lixo na boca do luxo na boca do lixo" resumem bem seu pique. "Eu e Waly nos hospedamos num hotel na Bahia, o Méridien, que só recebe bem turista francês. Um dia, naquela displicência bem característica dos baianos, fazia quarenta minutos que eu tentava falar com um amigo e não conseguia linha. Fiquei puto, arranquei o telefone da parede e saí nu pelo corredor, gritando." O que horrorizou os hóspedes. A história continua: "Waly saiu do quarto e disse: 'Que coisa mais Antonioni. Uma pessoa nua, com o telefone na mão e ninguém ouvindo'. Daí ele fez a letra. Adorei!"

Além disso, se diz um egocêntrico, o que, aliás, motivou sua saída do Barão Vermelho. "Eles queriam ocupar um espaço maior, eu era muito pesado. Então eu disse: 'Vou à luta, fiquem com todo espaço'. Somos muito amigos. Não é uma traição. Metade do meu disco é de parceria com o Frejat e eles abrem o deles com uma letra minha. E estão a mil, como eu. O problema é que eu sempre quero ter a palavra final." Aí você foi procurar outros parceiros, não é? "Na época que nos separamos recorri ao Nico Rezende porque me senti meio sem pai nem mãe. Não toco instrumentos, componho na base da caixa de fósforos. Agora tenho um trabalho de grupo, também, mas sou o patrão. Uma coisa que eu achava horrível, mas não é. Tanto que eu e meu novo parceiro, o Rogério Meanda, estamos fazendo muita coisa boa juntos." Estão na nova banda: Rogério (guitarra), Nilo Romero (baixo), João Rebouças (teclados) e Fernando Moraes (bateria).

Da pioneira safra de grupos cariocas — Blitz, Barão, Kid Abelha — houve muitas mudanças, separações, e o pessoal procurou novas parcerias. A dúvida é se isso significaria falta de criatividade ou vontade de variar. Cazuza dá sua opinião: "São os dois. Somos uma turma. Todos os movimentos importantes na música brasileira vêm de turma. A gente pintou no começo em reação ao sucesso FM e do pessoal da MPB, virando a cara. Uma coisa meio de nos proteger. Mas não tem a ver continuar junto só porque se está fazendo sucesso. Nós, no auge dele, nos separamos. Foi por puro tesão de fazer mais. Todo projeto de arte tem que sair com tesão".

Cazuza acha ótimo cobrarem, criticarem, agulharem seu trabalho. "Que nem a gente, eu, que criticava a Rita Lee por fazer bolero, de repente. É estimulante. Gosto muito do pessoal novo do ABC, os Garotos Podres, e os de São Paulo. É uma revolta verdadeira. Até agora o protesto era meio paternalista. Eu não consigo fazer porque não vivo isso. Ia achar demagogo até." E, neste rol de preferências, ele cita o Legião Urbana como a melhor coisa que pintou nos últimos tempos e, também, o Akira S e as Garotas que Erraram, de quem adora "Sobre as Pernas". "Bom ouvir porque vai motivando a criação."

Cair na estrada e promover uma total contravenção no palco é uma de suas maiores festas. "Adoro a energia do público, importantíssima para mim. Nunca tive problemas em São Paulo. Lá, eles não têm vergonha de ser tiete. Aqui não, o pessoal é meio estrela. Gosto de quem vai no camarim, opina e tal. E dos que sobem no palco. Como uma vez, uma mulher, tipo lá da Mooca, que subiu com uma Xereta (aquela maquininha fotográfica). Eu cantava e fazia pose para ela."

No novo disco, que sai em setembro, Cazuza aparece mais preocupado com a própria posição e a das pessoas no mundo. Da impossibilidade do homem viver num grupo social sem brigar. É o que expressa a letra "Só Se For a Dois", que, já no título, apresenta a solução. "Só resta a convivência a dois. 'Paz na terra aos homens de boa vontade' não existe. Este é o ponto de partida do novo LP", explica.

Agenor de Miranda Araujo Neto, vulgo Cazuza, é isso e mais. Peço uma pausa para ir ao banheiro. Lá, encontro uma boca marcada a batom na parede, com a frase "eu te amo". Logo depois chega o "avô", que solta o verbo: "Cazuza é irritante. Um prolixo que joga toda sua arte para o mundo e não regateia *(risos)*". Ezequiel, o "avô", diz ter renascido com Cazuza e o Barão, que também produziu. E completa: "Tenho cinqüenta anos e quero viver quinhentos para ver tudo". O "neto" rebate: "Não quero viver nem oitenta, se disso depender abdicar de todas as minhas loucuras"

Foto Claudia Dantas

TOKYO

"PUNKS DE BUTIQUE! FILHINHOS DE PAPAI!", xingam os detratores. A banda retruca, e *Bia Abramo* registra

"Tem muita gente que olha para nós e diz 'ah, esses garotos aí?', e vem com aquele papo de que somos bem-nascidos, que só conseguimos chegar lá por causa disso." Quem fala é Supla, o vocalista do Tokyo, e o tom é de indignação. O fato é que, muito antes de estrear em disco, a banda já era alvo de fofocas e comentários — Supla até foi capa de revista. Seu pai, Eduardo Suplicy, foi candidato do PT à Prefeitura de São Paulo na mesma época em que a banda ficava conhecida. A associação era inevitável, por mais que Supla declare sua autonomia: "As pessoas falam 'olhaí o pai famoso do cara...' Meu! Quem vai estar no palco não é meu pai nem minha mãe!"

A publicidade é boa, mas a pressão é grande. E os garotos — Bidi (guitarra), Andrés (baixo), Marcelo Z (sintetizadores), Rocco (bateria) e Supla — são muito jovens, a média é de 17 anos. Eles vêm, também, de famílias abastadas: "Ninguém aqui precisa trabalhar para ganhar a vida". Mas a seriedade com que encaram o trabalho da banda é evidente. Andrés diz que essa é até uma obrigação moral: "Eu acharia ruim se a gente, tendo a possibilidade de dedicação total, não fizesse um negócio esforçado".

No início de 85 partiram para os primeiros shows. No segundo, foram "descobertos" pelo pessoal da Sigla/Som Livre e acertaram a gravação de um compacto. O problema é que a música escolhida para estourar, "Mão Direita", foi censurada, por falar de masturbação sem disfarces. Como essa, todas as letras são diretas e simples, falando de amor, dos pais, "da nossa realidade", enfim. "Se as pessoas não se identificam, paciência", diz Bidi, que as escreve com Supla.

A contragosto e sob protestos, definem seu som como *tecnopunk*, o que se explica pelas influências punk de Bidi, Rocco e Supla, somadas às predileções tecnopop de Marcelo e Andrés. Mas, segundo eles, tudo é rock. No disco, entretanto, ressalvando-se o arranjo criativo de "Humanos" e as surpresas (falo delas daqui a pouco), não há o elemento vitalidade, sempre embutido no conceito de rock...

O episódio da música censurada freou um pouco a rápida ascensão da banda. Depois de barbarizar no show em uma festa da CBS, mudaram de gravadora: assinaram contrato no dia seguinte. Mas, quando mostraram sua música em fita, o pessoal da CBS estranhou: "Como é que a baianinha de sei lá onde vai gostar de 'Garota de Berlim?', mas a gente disse — o grupo é assim, a gente vai tocar assim". Deu certo. Não só a música foi incluída no LP como contou com a participação de Nina Hagen, que estava no Brasil (ela acabou caidinha pelo Supla).

No capítulo das participações especiais, aliás, eles foram bastante ecléticos. Se num lado do disco você tem a Nina Hagen engrolando umas frases em português, do outro a voz de Cauby Peixoto treme com a de Supla em "Romântica". Essas canjas inusitadas renderam mais publicidade, mantendo o Tokyo em evidência. Toda a onda em torno da banda e da figura de Supla fez com que, após o lançamento do disco, a crítica cobrasse essa notoriedade precoce, de uma maneira, digamos, pouco benevolente.

Mas o Tokyo apara os golpes e, longe de recusar a fama, quer se utilizar dela. Supla, com a habitual franqueza: "Agora que me inventaram não tem jeito — daqui para a frente depende muito da minha criatividade. Me deram a bola, muito obrigado..." O disco vende bem (dizem eles), toca no rádio, tem uma faixa incluída na trilha do filme *Rock Estrela*. "Humanos" virou um bom videoclip, gravado na penitenciária de São Paulo. Ou seja, a bola continua em jogo. "O Tokyo não quer ser *miss*...", veio para ficar. Rocco, aflito, quer dizer mais uma coisa: "Com licença, a gente precisa ensaiar".

Bidi, Rocco, Marcelo, Supla e Andrés

Foto Luizinho Corula / Abril

OZZY

OSBOURNE

Entrevista de Mark Putterford, exclusiva para BIZZ.

KERRANG!

Foto cortesia CBS

Cabeça de vento! M*! Onde estão minhas malditas lâminas?!

Os gritos que vêm do andar de cima, enquanto eu estou calmamente sentado sorvendo chá e folheando o *Sun* na sala, parecem ter vindo do célebre e único Ozzy Osbourne, estrela do rock, comediante, perdedor de lâminas de barbear e arruaceiro-mor. Ele acabou de cair da cama (são 12h30) e está dando um trato no visual, porque sabe que vai ter um dia duro pela frente, com entrevistas, fotos, um vôo para Nova York para filmar um vídeo...

— *E o que é que vou vestir, cabeça oca?*

Dez minutos mais tarde, Ozzy entra na sala parecendo o próprio "Chefão", com um imaculado terno azul, uma camisa engomada branca e um belo par de sapatos pretos. Ele olha pela sala, cujas lâmpadas foram acesas pelo mordomo, e passa a mão na cabeça.

— *Você sabe que eu não tomava um drink fazia sete ou oito dias? Ontem eu tomei alguns e minha cabeça está me matando!*

De fato, Ozzy dá a impressão de que a última coisa que ele poderia fazer agora seria uma entrevista ou uma sessão de fotos — especialmente na privacidade da sua fabulosa casa em Hampstead. Mas não há lugares para os fracos de estômago e de espírito no carrossel do rock'n'roll, e a carapaça tatuada de Ozzy passou por coisas muito piores nos últimos dezoito anos.

Agora ele é um veterano nesse jogo, com várias batalhas nas costas. Na rota de sua ascensão ao trono do Reino do Caos, este homem (louco) criou distúrbios em todos os lugares pelos quais passou, com sua famosa dentição, seu fetiche por sobrancelhas raspadas e o seu ódio aparente por anões, sem mencionar suas poses bombásticas nas sessões fotográficas e o seu peculiar senso de ridículo. Outra entrevista, Ozzy? Mais alguns comentários absurdos? Sem problemas.

O honorável pamonha e eu passamos os próximos trinta minutos jogados contra a parede pela força demolidora de *Ultimate Sin,* a última contribuição dele no combate à caspa. Enquanto a gordura da minha face é empurrada de encontro às minhas orelhas, não me resta mais nada a não ser ficar impressionado pelo álbum. E concluir que ele soa tão bem quanto, se não melhor que qualquer coisa que o Mágico de Ozz tenha feito antes; no mínimo, um bom punhado de chutes no saco.

O charme, a beleza e o glamour do rei do heavy metal

O estupendo *riff* da guitarra na faixa-título põe a coisa para ferver no velho estilo de *Bark at the Moon,* e a produção de Ron Nevison pega pela garganta, enquanto o baixo de Phil Soussan ribomba nos ouvidos e a bateria de Randy Castillo bate na cabeça como um lutador de boxe. Se você curte o barato do Ozzy, esse LP vai deixar você maluco.

Mas Ozzy, por que não tem nenhuma balada lenta neste disco? — *Porque eu não sou um bolha* — ele retruca, colocando o lado B do disco, onde faixas como "Secret Loser", "Lightning Strinkes", "Fool Like You", "Shot in the Dark" e o épico "Killer of Giants" reforçam seu ponto de vista.

Mesmo levando em conta que as primeiras impressões às vezes são difíceis de ser levadas adiante, eu poderia afirmar que, se *Ultimate Sin* não é a cacetada mais pesada que o aloprado e seus rapazes lançaram até hoje, então meu nome é Ronnie Dio. *(Não é. É Mark Putterford, o repórter da revista inglesa* Kerrang, *cuja matéria* BIZZ *publica com exclusividade.)*

Fotos Paul Cox/ LFI

Depois que ele deixou a clínica Beth Ford, onde ficou seis semanas, Ozzy inaugurou no Brasil seu primeiro show sóbrio

BIZZ — *Então, Ozzy, o que você acha do disco?*

Ozzy — É um lixo! Não, eu gostei dele. Estive vários anos fazendo planos sobre *Ultimate Sin*, e demorei muito tempo para lançá-lo.

BIZZ — *Quanto tempo?*

Ozzy — Eternamente é um dia... É um álbum estranho para mim, porque foi a primeira vez que eu me pus na mão de outra pessoa — Ron Nevison, o produtor. Estou satisfeito com a produção, acho que o disco tem algumas boas músicas e eu espero que ele venda bem. É melhor do que qualquer disco do Sabbath que eu tenha feito.

BIZZ — *Por que você escolheu Ron Nevison para a produção?*

Ozzy — Realmente eu não sei. Estivemos procurando por aí durante um tempo. O problema foi que um monte de gente acredita em tudo que lê sobre Ozzy Osbourne nos jornais, e essas pessoas não quiseram nem papo comigo, por causa da minha imagem. Ron Nevison apenas chegou e disse: "F*-se! Vamos nessa!" Ele não era uma pessoa muito agradável de se trabalhar junto, mas fez o serviço e eu estava lá para gravar um disco, e não para fazer amigos.

BIZZ — *Com certeza, a produção de Nevison é excelente, com a banda soando mais quente do que o capacete de um bombeiro. Todos nós já conhecíamos o novo baterista (ex-Stone Fury, Lita Ford e Vinnie Vincent Band), mas não o baixista Phil Soussan — por que você o escolheu, Ozzy?*

Ozzy — Bem, já que eu tinha dois americanos na banda (Castillo e Jake E. Lee), resolvi procurar um inglês para o baixo; só que infelizmente baixistas e bateristas são raros na Inglaterra, eu fiquei procurando durante meses. Phil Soussan é um cara bem inteligente; escreve boas coisas... ele foi um talento desperdiçado por vários anos.

BIZZ — *Várias pessoas consideram esta nova formação a melhor desde a clássica com Rhoads/Aldridge/Sarzo. Como é que você compararia essas formações?*

Ozzy — Eu não compararia. Ninguém jamais poderia ser comparado a Randy Rhoads, *ninguém*. Tommy Aldridge é um grande amigo meu e um baterista excelente, e Rudy Sarzo... bem, para ser honesto, ele não é um baixista muito criativo; ele é um bom copiador e, pelo que eu sei, é incapaz de tocar algo que tivesse vindo de sua cabeça. Mas, veja bem, esses caras saíram porque eu queria uma mudança, só por isso

BIZZ — *Você andou trocando de músicos várias vezes...*

Ozzy — É verdade, mas sabe por quê? Porque eu aprendi com o Black Sabbath que tocar sempre com as mesmas pessoas é um saco. Você nunca sabe o que há do outro lado de um muro, até o dia em que você salta sobre ele.

BIZZ — *Você acha que vai ter uma banda fixa algum dia?*

Ozzy — Não. Nunca! Eu serei permanente, e mais ninguém.

BIZZ — *Falando no Sabbath, você já escutou o disco de Tony Iommi?*

Ozzy — Ouvi. Pra falar a verdade, eu achei muito bom. Eu detesto ter que dizer isto porque realmente não me dou bem com ele, mas um bom disco é um bom disco.

BIZZ — *E que tal a banda de Geezer Butler? Eu te vi no Marquee quando eles tocaram lá alguns meses atrás...*

Ozzy — Escuta, eu não vou ficar sentado aqui falando mal dos outros...

Edu Rogério Reis

"Com o Black Sabbath, eu aprendi que é um saco tocar sempre com as mesmas pessoas. Você nunca sabe o que há do outro lado do muro, até saltar"

Foto Abril

Garotão, em início de carreira solo

BIZZ — *Eu tenho certeza de que os nossos leitores gostariam de conhecer sua opinião...*

Ozzy — Eu acho que Terry Butler ficou desperdiçando seu tempo por vários anos e que agora é tarde demais para ele. Mas, quem sabe, se ele conseguir montar a banda certa... Veja *(Ozzy leva a mão ao coração)*, Terry é muito talentoso — ele escreveu "Paranoid" e todas aquelas músicas do Sabbath. Eu apenas as cantava — e eu desejo nada menos do que o sucesso para todos eles

BIZZ — *Bem, voltando ao seu novo disco,* Ultimate Sin. *Com esse título (Último Pecado), você quis se referir a que especificamente?*

Ozzy — À bomba atômica. Eu tenho filhos e não quero que ninguém os mate sem razão. Sou totalmente contra as armas nucleares. Sou um cara meio biruta, mas construir bombas dessa maneira é uma insanidade. É horrível. Todos nós vamos morrer quando eles jogarem a bomba. Você sabe, não há escapatória. Tudo bem, se eles forem jogar essa merda, eu poderia pensar em comprar uma ilha num lugar

Rasgando o protocolo... e a camisa ▶

Foto Jorge Rosenberg/ Abril

O heavy metal sempre jogou com a morte, o demônio e a violência. Aqui Ozzy sobe das tumbas para exorcizar os vivos.

Fotos Paul Cox (LFI)

Foto Divulgação

Uma gata charmosa de Hollywood exigindo seu Oscar?

isolado qualquer... Tenho grana para isso. Mas não importa onde você está, que a coisa te pega.

BIZZ — *Mas você acha que eles realmente vão usá-las?*

Ozzy — Acho. Kaddafi vai. *(Nota: o líder da OLP.)* Esse cara deveria começar a tocar rock — ele seria o maior astro do mundo. Mas, tenho certeza, ele jogaria a bomba.

BIZZ — *Por quê?*

Ozzy — Porque ele é mais louco do que eu. Ele deveria parar de zonear por aí comprando armas, e comprar uma guitarra.

BIZZ — *Você parece realmente ser contra a bomba atômica. Mas, então, como é que você explica a faixa "Thank God for the Bomb" (Agradeça a Deus pela bomba), que está no teu último disco?*

Ozzy — Eu saberia que alguém ainda iria me perguntar isso. "Thank God for the Bomb" não quer dizer literalmente isso; tudo o que eu quis dizer é que, se este é o único jeito de se manter a paz, então devemos agradecer a Deus por isso. Faz sentido?... Bom, é uma situação muito delicada.

BIZZ — *Qual é o teu pecado preferido?*

Ozzy — F* o maior número possível de garotas. Mas infelizmente eu não posso fazer isto porque sou homem casado. *(Realmente é um fato que dificilmente passa despercebido, graças aos sinais de uma vida familiar feliz: várias fotos emolduradas em porta-retratos de prata, com o papai posando ao lado da esposa e seus filhos — Ami, Kelly e Jack — com fraldas, babadores e brinquedos coloridos; e o som de choros vindos da sala ao lado; e o cheiro típico de, uh, de um lar.)* Você sabia que 85 é o primeiro, dos 18 anos de carreira, em que eu me dedico totalmente à família? *(ele diz isso parecendo estar surpreso consigo mesmo).*

BIZZ — *E você está curtindo essa vida?*

Ozzy — Não. Eu não sou do tipo que fica sentado dentro de casa; estou acostumado a trabalhar bastante. Basicamente eu sou um cara bem preguiçoso — gosto de ficar sentado fazendo besteiras. Mas isso não é bom pra mim porque acabo não fazendo nada. Por isso tenho que me levantar, me erguer à força,

Vem drogas, nem sexo, apenas rock pesado. Será que este seria o estado de Ozzy nas crises alcoólicas? Não, apenas uma pose

para fazer alguma coisa — qualquer coisa. Fazer compras, passear pelo parque... tenho que me manter ocupado. Recentemente estive tentando cuidar da minha forma física, porque sei que logo mais, com a turnê, vou ter problemas pela frente. Tenho que conquistar o mundo e isso não é trabalho fácil. *(Ozzy certamente está mais magro, e, apesar de não estar na ativa há algum tempo, ele garante que vai estar em forma para a turnê inglesa. Ele andou fazendo cooper, e, oh.)*

BIZZ — *Ei, o que é isso, Ozzy? (Ele está enchendo um copo de bebida.)*

Ozzy — O que você acha que eu sou?

BIZZ — *O que você acha de si mesmo?*

Ozzy — Eu não sei. Tem um pedaço de mim que vaga por aí, e, sempre que eu entro em contato com ele, eu me sinto bem — consigo descansar, dormir e fazer algumas coisas insignificantes — mas depois a coisa passa e tudo volta ao normal.

BIZZ — *Isso te perturba?*

Ozzy — Bastante. Na verdade, eu sou um homem muito perturbado. Não tomo heroína (antes que alguém resolva ler nas entrelinhas), mas bebo demais. Tentei me livrar da bebedeira, pra falar a verdade. Mas sou muito chato sem um drink. Eu fui nesses encontros de Alcoólatras Anônimos com o Don Powell do Slade, mas foi uma coisa tão chata que você nem imagina. Ele me perguntou: "Que horas são?", e eu respondi: "Quinze pras duas, ainda dá tempo pra um drink!" Essa coisa te empurra para a bebida, podes crer! O problema é que, quando alguém diz que você é alguma coisa, você acaba criando um peso nas suas costas e é difícil tirá-lo. Logo, eu sou um bêbado. *Sou um bêbado!* Qual é o problema de se viver miseravelmente? As pessoas tentam me corrigir — dizem coisas como "Ozzy é um bebum" — mas essas pessoas deveriam corrigir a si mesmas antes de tentar isso com outro. Elas vêm com esse papo de que a bebida faz mal, mas, se isso é ruim, por que é que todo mundo bebe? *Todo mundo bebe* — bem, pelo menos a maioria das pessoas — e, se eu quero sair dessa agora e de novo, qual é o problema?

BIZZ — *Mesmo assim, o rock'*

Seria depois de um desfile apoteótico da Beija-Flor?

Foto Divulgação

"Quando eu morrer, não chorem por mim, apenas digam: 'Ali está um homem que tinha um objetivo... e que conseguiu conquistar esse objetivo' "

n'roll perdeu muitas vidas ao longo dos anos — principalmente graças ao álcool e às drogas — e nenhum dos casos foi menos trágico do que a recente morte de Phil Lynott. (Nota: *o baixista/cantor do Thin Lizzy.*) *Você não estremece quando essas coisas ocorrem?*

Ozzy — Claro. Todos nós nos excedemos, todos nós ficamos loucos um dia... *(A voz de Ozzy vai sumindo e, solenemente, ele fixa o olhar no vazio.)*

BIZZ — *Você nunca pensa que poderia ter sido você?*

Ozzy — Penso, mas no fundo as pessoas acham que isso nunca vai acontecer com elas mesmas. Quando alguém morre assim desse jeito, isso sacode todo mundo, mas não faz ninguém parar com isso, faz? Bob Geldof deveria fazer algo pelos *junkies* da Inglaterra em vez de ajudar os negros da Etiópia. Realmente, a morte de Phil me chocou. Ele era meu amigo. Não era muito próximo, mas eu compreendi de onde ele vinha, entende? Todos nós ficamos afastados dele, vendo ele se matar. Phil escreveu um monte de grandes canções — fez muita coisa por essa indústria. Phil Lynott me inspirou, de várias maneiras. Ele era uma figura, e vai fazer muita falta. *(Ozzy murmurou isso com uma voz trêmula de emoção.)* Mas Phil Lynott era Phil Lynott, e morreu como Phil Lynott. *(Ozzy solta um longo suspiro.)* Mandei para ele a maior coroa de flores que você pode imaginar. Eu o amava, e o amarei até morrer.

BIZZ — *Você é um homem religioso?*

Ozzy — Sim, eu acredito que existe um Deus e quando o teu número terminou você tem que ir. Acho que estamos aqui por algum motivo — e a razão pela qual eu estou aqui é para *enrockar* esta m* de mundo. Então, quando eu morrer, por favor, não chorem por mim, apenas digam: *"Ali está um homem que tinha um objetivo... e que conquistou este objetivo"*. Agora vou estar fora por um ano, e, quando voltar, estarei ou mais próximo de Phil Lynott ou cavalgando a crista da onda.

◀ *No fundo, um pacato pai de família*

Ilustração Cleber Veiga Garcia Foto Estudio Abril

* Acaba de ser lançado o terceiro álbum do **Metallica,** *Master of Puppets*. Ele foi produzido por Fleming Rasmussen no Sweet Silence Studios em Copenhagen e editado no Reino Unido pela Music For Nations e nos EUA pela Elektra. Eis aqui alguns temas: "Battery", "Welcome Home (Sanitarium)", "Orion", "Disposable Heroes". E nós, como ficamos, WEA? Pelo menos lancem esse, já que os outros a pirataria nacional tratou de lançar primeiro e mais barato.

Foto LFI

Iron Maiden: oito vezes o melhor

* O **Iron Maiden** foi eleito pelos metálicos leitores da revista inglesa *Kerrang!* como a melhor banda do ano passado e mais: melhor álbum *(Live After Death)*, melhor capa *(L.A.D.)*, melhor vídeo *(L.A.D.)*, melhor compacto ("Running Free"), melhor vocalista **(Bruce Dickinson)**, melhor baixista **(Steve Harris)** e melhor batera **(Nicko McBrain).** 1985 deve ter sido um dos anos mais férteis do Maiden. Nada como ser bom profissional. Sintam o que tem declarado Bruce a respeito dos boatos das brigas com Murray e Smith: "*Live After Death* é um ultimato e nossa formação atual é classicamente a melhor e muito sólida em entrosamento pessoal e musical". E vai mais longe: "Eu odeio popstars. Nem parece que usam jeans ou já foram hippies. Não estou interessado em drogas nem em tietes ou coisa parecida. Acho isso irrelevante. Atualmente só respeito rockstars como **Ian Anderson** (Jethro Tull), **Arthur Brown, Peter Gabriel,** além de **Ian Gillan** e **Ritchie Blackmore,** do Purple, que estão entre meus heróis". E nada mais precisa ser dito.

* Nada de novo com o quarto e tão esperado LP do **Def Leppard,** parado desde o acidente com o batera **Rick Allen** em fins de 84. Ainda agora se fala que o produtor Mutt Lange (aquele do AC/DC) está ainda remixando o dito. Dizem ser ele perfeccionista demais, não acha? É bom lembrar que *Pyromania* (83) foi o último trabalho lançado deles e desde novembro de 85 não dão concertos.

* O **AC/DC** encerrou em março extensa turnê EUA/Europa e se meteu de cabeça no projeto da trilha sonora do filme baseado em obra de Stephen King, *Maximum Overdrive*, que relata os acontecimentos e problemas passados num planeta em que um cometa passa perto (seria Halley?), e que tem a produção executiva de Dino Di Laurentiis. O tema principal é "Who Made Who" já lançado em compacto pela Atlantic (com produção do irmão George Young com Harry Vanda) e no filme devem rolar as manjadas "Hell's Bells", "Ride On", "Shake Your Foundations", "You Shook Me All Night Long". **Angus Young** considera o trabalho muito importante na carreira do conjunto: "Adoramos gravar. Temos sempre muito material em nossas mãos. Apesar de não gostar de ficar trancado, estar no estúdio é a oportunidade que temos para criar coisas novas". Ele também anda muito contente com a longevidade do quinteto apesar de todas as mudanças ocorridas em sua existência, e shows lotados comprovam que "nosso público é fiel", e ele ri muito quando alguém lembra que *Fly on the Wall* já vendeu até agora, só nos EUA, quinhentas mil cópias.

* Já nos planos do mortífero **WASP,** estão turnês de dois meses com o **Kiss** e mais três com esse novo **Black Sabbath** de **Toni Iommi** pelos States afora. Em junho tocam duas semanas no Japão e, se o LP *The Last Command* ainda estiver faturando numa boa, farão mais algumas apresentações pela América. Caso contrário, entram em estúdio para produzir o terceiro LP, já que material é o que não falta para **Blackie Lawless** e seus asseclas.

* Em Londres, Nottingham e New Castle, quem abriu os shows de **Ozzy Osbourne** foi o **Ratt,** continuando sua invasão inglesa. Já na Irlanda o "supporting" foi o power-trio local **Red Alert.**

* Desde o *Defenders of the Faith* (83) o **Judas Priest** não lançava nada. Mas agora, em março, contentaram os fãs mais fissurados com seu *Turbo* (CBS). A produção é de Tom Allom e, segundo os rapazes, o álbum é um novo capítulo na história deles, pois usaram novas técnicas de gravação (digital) e guitarras sintetizadas, entre outros pormenores. **Bob Halford, Glen Tipton** e **K.K. Downing** têm dado entrevistas entusiasmadas a respeito do LP, cuja força poderá ser comprovada em "Turbo Lover" (Reino Unido) e "Parenthal Guidance" (EUA), lançadas em compactos. Em abril e maio, excursionam pelos States e talvez no meio do ano façam a Inglaterra. Eles não perdem tempo.

Foto Verebcke LFI

Accept, uma cachoeira de lançamentos

* Além do mini-LP *Kaizoku Ban* (retirado de uma pirataria japonesa gravada em Nagoya em setembro de 85), o **Accept** já lançou o novo LP de estúdio, *Russian Roulette*. E preparam para breve um duplo ao vivo. Na turnê de março e abril os shows foram abertos pelo **Dokken** e o novo **UFO.**

Leopoldo Rey

Foto Rogério Reis / Abril

John , Brian May e Roger Taylor, o Queen sem Freddie Mercury: engolindo sapos e vendo navios

QUEEN

A RAINHA CANSADA

John Deacon, o baixista da banda, abre o jogo e fala das divergências, da inocência perdida e dos planos para o futuro...

BIZZ — *O único trabalho que vocês lançaram em 85 foi o single "One Vision". Por que isso?*
Deacon — Estivemos afastados do estúdio desde o último LP, *Works*. Geralmente, quando acabamos um disco, estamos com o saco tão cheio das gravações e do trabalho conjunto que sempre tiramos umas férias.
BIZZ — *Então, 85 foi uma espécie de período de férias coletivas?*
Deacon — Não realmente. Fizemos poucos shows, mas eles foram bem importantes. Fizemos duas apresentações no Rock in Rio, depois tocamos na Nova Zelândia, na Austrália, Japão, e voltamos à Inglaterra para tocar no Live Aid. Não foi um ano tão tranqüilo assim.
BIZZ — *Vocês têm se envolvido em projetos de discos solo e turnês sucessivas. Não fica difícil acomodar o trabalho do Queen no meio dessa situação?*
Deacon — Fica. Mas o que aconteceu de fato é que ao longo dos últimos anos começamos a ter sérias divergências internas. Os interesses do grupo têm ficado bem distanciados dos interesses individuais. Enquanto a banda segue sem prejudicar a saúde de seus integrantes não há necessidade de separação. Mas a situação está difícil, e é necessário que cada um saiba organizar bem seu tempo. Quando Freddie iniciou seu projeto solo, eu marquei bobeira e fiquei um tempão sem fazer nada. Nós ficamos a ver navios, o que foi muito chato...
BIZZ — *Voltando ao single, ele parece ter sido um resultado imediato da apresentação do Live Aid.*
Deacon — Bem, talvez no contexto da letra, não sei... Não estive muito envolvido com a composição. Apesar da autoria ter sido creditada ao grupo todo, ela na verdade é dos outros três.

BIZZ — *Isso não é muito usual, não? Você sempre teve grande responsabilidade no trabalho do Queen.*
Deacon — É, no passado era assim, quando as composições eram feitas individualmente.
BIZZ — *E como estão os planos para o futuro?*
Deacon — Planos para o futuro? Bem, hoje já não somos tão organizados como há alguns anos, quando sabíamos o que iríamos fazer meses depois. Estamos fazendo a trilha sonora de *Highlander*, o segundo filme do diretor de vídeos Russell Mulcahy (autor de vários clips do Duran Duran). É uma fita muito interessante, com um visual soberbo, um bom roteiro e grandes atores — ela é estrelada por Sean Connery e Christophe Lambert.
BIZZ — *E a próxima turnê?*
Deacon — Quando terminar o trabalho com o filme discutiremos o que fazer. Esse é o problema de um grupo quando ele faz muito sucesso. Todos têm planos individuais, e quando se vai decidir os rumos do grupo cada um tenta puxar a brasa para a sua sardinha. Eu particularmente acho que, depois da resposta do público no Live Aid, nós deveríamos partir para uma turnê ao invés de ficar mofando num estúdio. Tem gente na banda que acha melhor gravar outro disco e excursionar depois.
BIZZ — *O que você acha dessa onda de shows beneficentes? As pessoas devem usar a música para causas políticas?*
Deacon — Acho que sim. Bob Geldof fez isso com o disco *Do They Know It's Christmas* e depois com o Live Aid, e conseguiu chamar a atenção dos políticos para esses problemas. Achei ótimo o Live Aid causar uma reação generalizada em várias partes do mundo, um fenômeno sem precedentes e que levantou muita grana. É um jeito de fazer com que os músicos sejam ouvidos fora do âmbito musical.
BIZZ — *O Queen participou de vários shows beneficentes, não foi?*
Deacon — Vários, mas nunca fizemos muita publicidade em cima. No último LP abrimos mão de alguns direitos autorais, mas nunca quisemos divulgar isso. Podemos nos dar ao luxo de doar alguns direitos para causas beneficentes. É algo que todos os membros do grupo acatam, apesar das divergências.
BIZZ — *Quais causas você apoia?*
Deacon — Dou preferência a causas humanas, bem mais do que à defesa de animais e esse tipo de coisas. Eu também apoiaria causas em benefício da saúde mental.
BIZZ — *O disco* Works *tem uma ligação com os anos 60, com os Beatles e com o início de carreira do próprio Queen. Como você enxerga esse trabalho em meio a todo esse* revival, *esse modismo de volta ao passado e ao rock antigo?*
Deacon — O jeito de se fazer música mudou muito nos últimos anos, principalmente por causa do avanço tecnológico. Eu gosto da atitude de pessoas que formam *grupos*, com quatro, cinco ou três membros, não importa, mas com um caráter de grupo, que grava e toca ao vivo com a mesma formação. Por isso gosto dessa volta aos velhos valores, de se privilegiar o grupo ao invés do aparato.
BIZZ — *Mas os integrantes do Queen andaram seguindo direções diferentes, e havia rumores de que a banda iria acabar, principalmente na época do projeto solo de Freddie Mercury. Como está a situação?*

"O Rock in Rio teve grande repercussão. Gostaria de tocar lá de novo"

Deacon — Eu tenho uma visão simplista disso. Acho que um grupo deve fazer duas coisas: gravar e tocar ao vivo. Nós lançamos o single, e estamos fazendo a música para um filme; estamos trabalhando juntos, portanto ainda somos um grupo. Não é como o Police, por exemplo. Eles continuam dizendo que estão unidos, mas não estão gravando ou tocando juntos.
BIZZ — *Parece que o Queen não será convidado para o segundo Rock in Rio. O que você acha disso?*
Deacon — (surpreso) Eu não sabia. Só tinha lido nos jornais sobre as tentativas de se mudar o evento para São Paulo... Não sei, acho difícil promover um evento desses a cada dois anos. Mas se houver um esse ano gostaria muito de tocar lá de novo. Na primeira vez as condições são sempre especiais — todo mundo estava nervoso e apreensivo com a organização da coisa toda. Mas tudo correu muito bem.
BIZZ — *A imprensa brasileira divulgou o evento como sendo um fato* histórico. *Você concorda com essa classificação?*
Deacon — Em termos de América do Sul eu acho que sim. E principalmente para o Brasil, porque foi uma coisa feita por brasileiros. Muitos viajaram de longe para ver o evento, o que demonstra que ele teve mesmo uma grande repercussão internacional.
BIZZ — *Eu estava me perguntando por que mandaram* você *quando pedi para entrevistar o Queen...*
Deacon — É porque eu sou voluntário... (risos) Só por isso.
BIZZ — *Os outros não dão entrevistas?*
Deacon. — Já demos tantas que eu nem sei mais ao certo se os outros ainda gostam disso. O Roger é bom nisso, ele é bem tranqüilo para entrevistas.
BIZZ — *Acabamos de assistir ao clip de "One Vision". Ele é bem diferente dos anteriores, mais simples, direto, com vocês tocando no estúdio...*
Deacon — É, eu gosto desse clip. É uma mudança bem refrescante... Tínhamos feito alguns clips que não foram bem recebidos, e decidimos trocar de diretor e de conceito. Em vez de passarmos a *impressão* de estar tocando ao vivo, resolvemos tocar de verdade e aparecer assim no vídeo. Pusemos câmeras no estúdio em Munique enquanto estávamos gravando o *single*. Foi uma experiência estranha. Eu ficava meio nervoso sendo filmado enquanto tocava de verdade — foi mais ou menos como o lance dos Beatles no filme *Let it Be*. Mas correu tudo bem, e deu para gravar do jeito que imaginávamos. Além dessas imagens, o clip inclui cenas gravadas há algumas semanas em Londres. São cenas nas quais nos referimos a algumas imagens do vídeo de "Bohemian Rhapsody", feito dez anos atrás. Naquele tempo nossa aparência era completamente diferente — a idéia era recriar as poses e juntar as duas imagens, para mostrar como nós mudamos nesses dez anos.
BIZZ — *Deve ser difícil para vocês, que já fizeram tantos vídeos alguns tão bons...*
Deacon — (interrompendo)... e outros tão ruins... (risos)
BIZZ — *... conseguir escapar do padrão, quando se tem que fazer algo novo, não é?*
Deacon — É duro, realmente, quando se é uma grande banda e precisa apresentar algo diferente. E com a música é ainda mais difícil.

Entrevista cedida pela EMI-Odeon

Nessa época a Plebe já tinha a formação que dura até hoje, que é a seguinte: Gutje na bateria e vocais; André X no baixo; Philippe na guitarra e vocais; e Jander na guitarra base e vocais. A única diferença eram as plebetes, Ana & Marta, que faziam os backings, como em "Sexo & Karatê", que na versão em vinil é feita por Fernandinha, da Blitz.

Em 83 eles resolveram conquistar o país e começaram se apresentando em São Paulo, no extinto bar Napalm, para logo em seguida chegarem ao Rio abrigados pela lona do Circo Voador. Geralmente as apresentações eram divididas com a Legião e a Capital Inicial, dando pra sacar que, mesmo as três sendo do mesmo local, mantinham características distintas. A Legião passava um ar sério, a Capital mais refinada e a Plebe, energia pura. Era a banda que fazia a rapaziada pular mais e mais alto. Todo mundo podia subir no palco, e às vezes Philippe largava a guitarra e mergulhava na platéia. Uma celebração.

Mas até quando esperar? As outras bandas do Planalto, que começaram juntas ou vieram após, estavam todas gravando, e a Plebe, nada. Eles não queriam fazer disco independente e preferiram que o momento chegasse sem precipitações nem participações em paus-de-sebo. Enquanto isso, foram apurando o som em dezenas de shows nos mais variados locais. Então um dia a boa notícia pintou: A EMI-Odeon ia lançar um projeto de mini-LPs só com bandas estreantes, e a Plebe estava incluída no lance, por méritos próprios que correram de boca em boca. Em janeiro deste ano finalmente veio ao mundo "O Concreto Já Rachou", um disco de estréia com *punch* e produção impecável a cargo de Herbert "Paralamas" Vianna, que vai longe.

OS REPLICANTES

Nem toca na FM, mas é um *hit* subterrâneo: quem ouviu "Surfista Calhorda" saiu cantarolando. *Marcel Plasse* estuda o caso

Foto Eurico Salis

Wander, Heron, Carlos e Cláudio: por fora dos esquemas

A história d'Os Replicantes compactua com o roteiro romântico das incendiárias garage-bands dos 50 e da retomada punk dos 70. Três amigos resolvem aprender a tocar, adquirem os instrumentos e, aliados a um quarto que da noite pro dia descobre-se cantor, atiram-se às feras.

"A gente não veio pra entrar em esqueminha ou esquemão", adverte, de saída, o baixista Heron Heinz. Os primeiros gaúchos a gravar LP por uma múlti (RCA) preferiram o clima de seus habituais ensaios — que tanto incomodam a comunidade hare krishna sediada ao lado de seu QG — à aventura de um banho de estúdio. *O Futuro É Vórtex* é quase um registro "ao vivo" d'Os Replicantes, no mesmo pique *do it yourself* do compacto (com "Surfista" e outras três faixas) que esgotou duas edições e ainda é procurado.

"Algumas pessoas nos consideram punks porque a gente não embarca nas abobrinhas dos outros grupos", pondera o guitarrista Cláudio Heinz, irmão de Heron. "Na verdade, nosso som é uma transição entre o hardcore e uma batida mais pop, aliado a letras que não repetem as babaquices que a gente ouve no rádio", explica o baterista Carlos Gerbase.

"As melhores bandas de rock brasileiro não são as '10 mais' da parada das FMs", diz Heron. "Muito antes pelo contrário. Quem tem algo pra dizer não é divulgado. Não temos interesse em virar cirquinho de rock. Se a conseqüência disso é não ser divulgado, tudo bem."

"O mundo não precisa de nós/ O mundo só nos explora/ O mundo castrou nossa voz/ O mundo que morra!", cospe a faixa "Hardcore". A boca é de Wander Wildner. Entre outras coisas ele também diz: "Eu quero a cabeça do censor!" Mais do que um refrão, três músicas do LP foram vetadas à execução pública. "Eu quero a cabeça do censor!" E o que mais?

MALCOLM MAC LAREN

Um gênio ou um gângster? Ou um gângster genial? *Pepe Escobar* encara o enigma

Foto LFI

A revista *Spin*, de Bob "Penthouse" Guccione Jr., telefonou para John Lydon, exnotório Johnny Rotten, e pediu uma entrevista. Resposta no fio: "Fuck Off!" Não precisa tradução. Malcolm MacLaren foi mais delicado. Achou engraçado falar com uma revista brasileira. Muita enrolação de fios. Arrumação em Londres. Falei de Nova York. MacLaren estava em Los Angeles, em um escritório da CBS-Filmes. Vamos esclarecer. Quem é este ícone?

Uma estrela. Um ignóbil. Um maluco pomposo. Malcolm MacLaren, inglês, 39 anos, pode ser isso e mais alguma coisa. Tem tudo de melhor e pior desta época de truques e mistificações. O pior é — segundo o que se diz — certos traços de seu caráter. O melhor é a inteligência e a percepção. Já foi estudante de arte. Desenhista de moda. Dono de uma butique completamente *far out* na época — a "Sex", na Londres de 76. Inventou os Sex Pistols — a maior bomba da história do rock nos anos 70. Já tinha empresariado os New York Dolls — a primeira banda a sugerir a explosão punk que se seguiria. Como *manager*, usou tudo que aprendeu em seus tempos de situacionista nos idos libertários de 68. Também foi um dos inventores da chamada — pela mídia internacional — new wave, com o grupo Bow Wow Wow. Depois de estar por trás de tanta coisa, foi para a frente. Virou estrela. Lançou discos. Pilhou o eletropop, fazendo um dos melhores discos do gênero. Pilhou a ópera, fazendo o excepcional *Fans*, onde traz Verdi e Puccini para a garotada "guerra nas estrelas". Muitos o consideram um criminoso, um infame. Muitos não o perdoam pelo cinismo a toda prova.

Ele não liga. Brinca com a idéia de ser considerado um pirata, um explorador, um fora-da-lei. Sua estratégia é sempre a estratégia do choque. Ninguém antes tinha pensado em casar *Madame Butterfly*, de Puccini, com o eletrofunk de Nova York. Uma pilhagem. Mas uma pilhagem original

MacLaren admite, deliciado, não possuir nenhum talento musical. No LP *Fans*, só aparece furtivamente. Nas versões de *Carmen* ou *Turandot*, usou autênticas e desconhecidas cantoras de ópera. E também uma cantora de soul, Angie B (ótima). Fez questão de frisar de maneira quase histérica certas passagens narrativas. O conceito do disco é inteiramente seu. Mesmo tendo feito relativamente pouco na parte prática, de execução. É o que lhe interessa. Sempre trabalhou como um catalizador, um alquimista. Considera que a virtuosidade musical não tem a menor importância. O que conta são as idéias. E é com suas idéias que chegou a Hollywood e às possibilidades de explorar seus delírios no cinema.

BIZZ — *Como é que você foi parar em Hollywood?*

MacLaren — Eu fui convidado pela CBS para fazer filmes. Hollywood é um sonho. Uma fábrica de imagens debaixo de um sol escaldante. Mas as aparências enganam. Eles me fazem trabalhar como um louco. No momento, estou coordenando quatro projetos. A primeira produção será um filme de surf. É baseado em *The Magnificent Seven (Sete Homens e um Destino)*. O cenário é uma praia arquetípica, estilo californiano, em um futuro próximo. Não, não tem nada a ver com Beach Boys. Eu estou querendo é mostrar os surfistas nazis dos anos 80, viciados em heavy metal. Uma nova versão dos cowboys do passado...

BIZZ — *Você é um obcecado por estilo, por fazer e lançar moda. Você acha que no cinema tem mais possibilidade de modificar o gosto e chamar a atenção de muito mais gente do que na indústria do disco?*

MacLaren — Sim, claro. Eu gosto de trabalhar em todas as áreas da indústria de entretenimento. Depois do filme sobre os surfistas nazis, por exemplo, entra um projeto onde o tema central é justamente a guerra de estilos na

SIMPLE MINDS

Perdendo gás

Palais Bercy (Paris) — 17/02/86

Como parte de sua mastodôntica turnê mundial, o grupo marcou presença em Paris no fim de semana de 16 a 17 de fevereiro, mais um providencial show extra no dia 17. Muita gente só conseguiu ingresso para esse último, inclusive eu. Palais Bercy lotado, o cenário praticamente camuflando teclados e bateria, três enormes persianas ao fundo. A conotação asséptica instalada antes mesmo do começo do concerto.

Não deu outra. O que Jim Kerr chama de "trouxemos de volta algo que havíamos perdido", referindo-se à nova fase, não passa de uma perda de garra, da originalidade dos primeiros tempos. A opção por um produtor americano (Jimmy Iovine) no último disco resultou numa síntese anglo-americana que soa "nem carne nem peixe". A aproximação com o funk não convence.

O que no disco soava até redondinho, ao vivo parece frio e pretensioso. O reforço negro nova-iorquino veio com Robin Clark, a *backing* vocalista soul, que acaba como um acessório alienígena ao fundo, não encontrando a *cozinha* que merece. A outra tentativa de engrossar o caldo, a percussionista Sue Hadjopoulos (que já mostrou o que sabe ao lado de Joe Jackson, um cara que, ao contrário dos Minds, sabe valorizar os músicos nos arranjos), também não passou de uma bola a mais na árvore de Natal.

Jim, super à vontade no enorme palco, põe em cheque seu carisma, quando dedica uma música à anistia internacional, sem solidariedade ou interesse da platéia. O público só queria saber de cantar junto os sucessos, o que, aliás, fez com entusiasmo. O primeiro lugar nas paradas está garantido. Só falta fazer jus a ele, apresentando um show no mínimo mais dançante.

Silvano Michelino *Jim Kerr, falando de anistia para o público anestesiado*

NÃO SÃO PAULO

Das tumbas

Sesc — Pompéia (SP) — 21, 22 e 23/02/86

Finalmente o rock underground paulista subiu das tumbas para um palco de verdade. E, o mais importante, com muito público para recebê-lo — quase três mil presentes. Com este peso, o *Não São Paulo* — inspirado no LP independente do mesmo nome — foi aberto pelo Nau. Das fumaças, surgiu a loiríssima Vange Leonel e seu vocal, uma esperança para o rock brasileiro. Ajudada por um pedal de efeito, sua voz circulou todo o espaço e arrancou merecidos aplausos da platéia. Outra grande atração da noite foram As Mercenárias, mostrando que palco é com elas mesmo. Nessa rara oportunidade, aproveitaram para apresentar algumas músicas novas. Entre elas, "Crime Incontido", onde Sandra fragmenta no baixo a melodia da guitarra de Ana. O Cabine C (ver Porão) subiu sério no tablado, mostrou seu som e deixou a sensação de que faltou alguma coisa. Mais tarde, Ciro Pessoa comentou problemas com a produção.

No sábado, o público se amontoava — dia, também, de dois grandes destaques dessa maratona: Muzak e Akira S. O primeiro não negou fogo, principalmente na bateria comandada pelo mestre Victor e no ganido melodioso do guitarrista Nivaldo. Grande mesmo foi o final, com "Ilha Urbana". De arrepiar.

A noite e o *Não São Paulo* como um todo ficou por conta do Akira S e as Garotas que Erraram. Já conhecidos pela sua performance de palco — vocalista que corre para lá e para cá, xinga o público e a mesa de som —, surpreenderam toda a platéia roqueira com um pagode, originalmente gravado por Arto Lindsay e seus Ambitious Lovers. Potência, tiro certeiro e a constatação de que são, sem dúvida, o melhor grupo de rock/funk da atual safra paulista. A apresentação do Ness surpreendeu pelos temas instrumentais, onde misturaram jazz, soul, rock e funk. E, fechando a noite, Kid Vinil e os Heróis do Brasil não deixaram nem sorrisos, apenas alguns protestos da platéia, que, diga-se de passagem, mostrou-se ativa, crítica e participante. Pode-se até dizer que quando ficavam quietos era prova de que, no mínimo, respeitavam a banda.

Da última noite dá para lembrar só dos excêntricos Maria Angélica (Não Mora Mais Aqui). Uma banda eficiente, com o vocalista Naporano — divertido e agitado — utilizando clichês teatrais de forma irônica e descompromissada. Uma das promessas da música pop nacional. Quanto ao Fonte Vitória e Vultos, ainda têm muito que aprender em termos de música, rock e palco.

Sônia Maia/Thomas Pappon

KID CREOLE AND THE COCONUTS

Adriana, Tarin e August ' Kid'' Darnell: as loiraças e o cafajeste

Foto Geraldo Luiz Gomes/Abril

Caldeirão fervente

Palace(SP)—13/03/86

Tinha muito para não dar certo. O público, impaciente, mal servido e mal acomodado, esperou uma hora e meia pelo início do show.

O som da casa, normalmente apurado, mostrou deficiências logo de saída, notadamente na voz do líder da banda. Mas quase duas horas depois, a parcela de público normalmente circunspecta e *yuppie* que vai a *qualquer* show do Palace meramente por estar lá e ser visto, só faltava atear fogo às vestes. Mesmo desfalcado de sua principal coconut, Cheryl Poirier, que ficou recolhida em Nova York tratando da saúde, o esquizo/anárquico Kid Creole/August Darnell comandou um espetáculo quase pirotécnico.

Nascido no Canadá, amadurecido nas ruas carregadas do Bronx, em Nova York, Darnell aderiu de corpo e alma aos ritmos calientes do Caribe como contraposição a um meio ambiente que considerava frio. E nestas ruas ele aprendeu o que não faltou em nenhum momento do show — jogo de cintura. Para os yuppies temperados por Barry Manilow ou a moçada dark ou neo-hippie embalada pelo som quase que invariavelmente insosso que chega dos independentes ingleses, Kid, ou ainda Elbow Jones, ou ainda Doctor Buzzard, trafegou pelo palco sempre com velocidade e pique praticamente inéditos por estas paragens. Com uma linha de frente composta pelas loiraças coconuts Adriana Kaegi e Tarin Hagey (uma suíça, outra sueca, reforçando o mix étnico da formação) e o multi-instrumentista Andy ''Coati Mundi'' Hernandez, Kid se escorou em oito músicos que passeiam com habilidade do funk ao rock e do baladão ao jazz. São eles Carol Colman (baixo), Peter Schott (teclados e vocals), Marc Mazur (guitarra e vocals), David Span (baterista), Bongo Eddie (percussão e vocals), Lee Robertson (trombone de vara), Charlie Langon (sax) e Ken Fredley (trompete).

Kid afirma que o som que faz pode ser chamado de rock. Na verdade, seu caldeirão sonoro é muito mais amplo. Uma espécie de cruzamento de James Brown com Little Richard e Xavier Cugat, ele ensandeceu a galera com reggae, merengue, rock and roll, calipso com marcante influência de Harry Belafonte, apresentado a ele por seu pai), soul, rumba, jazz e uma tonelada de um funk capaz de entortar até uma freira.

O bom humor marcou passagens como ''Annie, I'm not your Daddy'' e ''Endicott'', uma engraçada alusão a um marido ideal, carinha comportado, o oposto do cafajeste de bigodinho tipificado por Darnell. ''Lifeboat Party'', enraizada na tradição das *big bands* de jazz, mostrou o fôlego e a capacidade de improvisação da seção de metais da banda. ''I'm a Wonderful Thing, Baby'' (''Eu Sou uma Coisa do Cacete, Baby'') provocou mais uma vez a intervenção *cafa* de Darnell. ''Dear Addy'', um baladão , deixou a garotada mais sossegada nas cadeiras. O público teve poucas chances, como esta, de dar um tempo entre um ataque e outro. Com Coati Mundi beirando o circense trapalhão e as Coconuts exibindo dois belos pares de pernas e uma coreografia de aparência debochada mas cuidadosamente estudada, restou ao público fazer a única coisa possível: pular e dançar desbragadamente.

José Eduardo Mendonça

LAURIE ANDERSON

Foto LFI

A sacerdotiza Laurie, celebrando seu ritual único

Além das fumacinhas

Beacon Theatre (NovaYork)—02/03/86

Laurie Anderson, uma das poucas coisas realmente diferentes no rock americano, andava meio sumida, até sua maravilhosa reaparição em Nova York. Mas ela não estava simplesmente esgotada com o monumental esforço em 1984, *United States Live!* — um show que levou dois dias e resultou em um álbum com nada menos que cinco discos.

Laurie sumiu para trabalhar. Sua volta, nesta excursão que inclui várias cidades americanas, Europa, Japão e Austrália, significa o lançamento simultâneo de um show, do disco *Home of the Brave* e do filme do mesmo nome, que chega aos cinemas americanos em abril. O show, *Natural History*, tem algumas músicas do filme/disco, mas também criações de *Mister Heartbreak* (84) e *US Live!* (84). Pena que foi no Beacon, um teatro convencional onde Laurie não pôde fazer muitas de suas loucuras mais geniais, como a caminhada por um perigoso trampolim, usando óculos que emitem uma luz de cegar (*Big Science*, show e disco de 82).

Por mais que se diga que os clips deram a dimensão da imagem do rock, a verdade é que Laurie é a única a explorar todas as possibilidades teatrais nesse gênero. No começo, quando era uma vanguardista dos anos 70, num espaço de Nova York chamado Kitchen, ela podia lembrar aquela arte psicodélica que Yoko Ono ou Patti Smith faziam em seus princípios. Depois, desenvolveu uma eficiência cênica incomparável.

No show, ela não pôde contar com a percussão do David Van Tieghem, seu mais genial colaborador e um dos pontos fortes de *Home of the Brave*. Ele colabora com Laurie desde o começo, em 78. Mas muitos dos truques lembravam a criatividade de Tieghem, como uma gravata que, de repente, vira um teclado tocável de verdade. No show, Laurie cuida da maior parte dos instrumentos eletrônicos, assessorada apenas por Dave Lebolt num teclado eletrônico, e dois vocalistas, Philip Bellon e Bennie Diggs. Parece pouco, quando monstros sagrados do tipo Madonna contam com um arsenal quase infinito, para seus shows tão limitadinhos e bem comportados. *Natural History*, ao contrário, é cheio de surpresas, uma inteligente ironia, às vezes uma emoção pungente que só Bruce Springsteen parecia capaz de conservar no rock branco atual

O que ela não gosta é daquele ritmo concerto de rock, em que a platéia é praticamente forçada a levantar-se e então a coisa vira uma seqüência de vários clímaxes cada vez mais exagerados. Nem sua linguagem permite este tipo de manipulação meio fascista da platéia. Pois ela não canta, apenas. Ela toca, fala, declama, monta climas e novas linguagens combinando slides, cinema, luz, objetos e ações.

Se vocês acham que Nina Hagen é criativa, precisam ver Laurie usando um violino para imitar a própria voz, depois a voz para imitar o violino. Ou cantando a história de seu encontro com uma cartomante. No concerto, duas músicas são os pontos altos: "Language Is a Virus" e "Smoke Rings", ao lado de obras-primas dos discos anteriores, como "Blue Laggon" e "Sharkey's Day". Pode ser que muita gente não goste das canções de Laurie, porque elas parecem um canto religioso, meio hipnótico, com muitas repetições. Mas com imagens simples, ela é capaz de uma poesia difícil de achar por aí: "Seus olhos/ dá um dia de trabalho/ só para olhar para eles" (um verso de "X Equals X/It Tango").

Embora seu perfeccionismo técnico de estúdio seja impecável, e ela conte com colaboradores musicais do nível de Tieghem, Nile Rogers e Peter Gabriel, Laurie é a prova de que o rock não precisa apenas das imagens dadas pelos atuais clips. O rock precisa mais do que fumacinhas, efeitos de luz e explosões eletrônicas Precisa reconhecer que é uma celebração e montar uma linguagem de sua liturgia.

A pioneiríssima Laurie Anderson está inventando grande parte do vocabulário para esta linguagem. Escutem o disco, quando sair, mas, principalmente, veja o filme. E, se possível, vejam em pessoa esta Sacerdotiza Número Um do Rock-Teatro. Onde tantos vanguardistas conseguiram apenas efeitos estranhos e difíceis de compreender, ela é capaz de enchear o palco com uma magia maravilhosa, herdeira daquilo que o teatro e o circo têm de melhor para oferecer: encantamento.

Marco Antônio de Menezes

FESTIVAL 32 ROCK
JUIZDEFORA

com:

★ CAZUZA ★ TITÃS
★ STRESS ★ CAMISA DE VÊNUS
★ ROBERTINHO DE RECIFE
★ CAPITAL INICIAL ★ DE FALLA
★ CELSO BLUES BOY
★ PLEBE RUDE ★ OVERDOSE ★
DI CASTRO E SANGUE DA CIDADE
★ CÓLERA ★ ETIÓPIA
★ SETEMBRO NEGRO ★ IRA
★ TNT ★ DETRITO FEDERAL ★
CÂMBIO NEGRO ★ ZERO
★ DORSAL ATLÂNTICO
★ METAL HOTEL ★ PATRULHA 666

JOCKEY CLUB
DIAS 17 e 18 de MAIO

realização:
Revista Bizzu & FUNALFA

apoio:
FLUMINENSE 94,9 FM
Rede Regional de Comunicação

patrocínio:
MALT 90 CERVEJA PILSEN & EKSTASY
A MALHA NO ÊXTASE DO ROCK

Todos juntos

ROGERIO W.S

OSCAR 86

Foto Gamma/Sigla

Assentada a poeira da premiação, BIZZ procurou os mais proeminentes críticos & cinéfilos para apurar o que está por trás das estatuetas. Rubens Ewald Filho (do *Jornal da Tarde/Estado de São Paulo* e *Rede Globo*), Sérgio Augusto (da sucursal carioca da *Folha de São Paulo*), Bruno de André (revista *Visão*), Luiz Nazário (ex-*IstoÉ*, agora no *Caderno 2* do *Estado*) e Geraldo Mayrink (revista *Afinal*) contam o que sabem. De quebra, Eugênio Bucci solta os cachorros no grande vencedor...

O MAL AMADO

"O Oscar nunca bate com o gosto de ninguém" (Geraldo). Pois é. **Entre Dois Amores,** devidamente desancado pelo Eugênio Bucci (veja box), acumulou sete prêmios dos onze a que concorria (o campeão ainda é **Ben Hur,** de William Wyler, que em 59 *ganhou* onze estatuetas) — *Dois Amores* ficou com *Melhor Filme, Fotografia, Roteiro Adaptado, Som, Música Original* (para John Barry), *Direção de Arte* e *Diretor*, para **Sidney Pollack.** *"É uma falta de respeito da Academia* (a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, que promove o Oscar). *Tendo Kurosawa, John Huston e Peter Weir, premiar Pollack como melhor diretor é demais. Ele é apenas correto. Com toda a infra-estrutura de Hollywood, 52 milhões de dólares por trás, ele não fez mais do que a obrigação"* (Sérgio Augusto). "Entre Dois Amores *já foi feito várias vezes, e melhor..."* (Geraldo Mayrink). *"Um filme tipo* americanão, *com astros, produção bonita... O mesmo tipo de injustiça de outros anos: premiaram* Gente Como a Gente, Kramer versus Kramer, *fitinhas que depois sumiram..."* (Rubens). *"Só a Meryl* (Streep, indicada melhor atriz por *Dois Amores*) *não ter ganho, já acho ótimo"* (Sérgio Augusto).

O MICROFONE MISTERIOSO

"Sete premiações é um exagero e até contraproducente — as pessoas ficam indignadas! Recebi dois telefonemas, as pessoas disseram ter visto microfones aparecendo na tela!" (Rubens). De fato, em certos cinemas que exibem *Entre Dois Amores*, a falta de uma máscara certa no projetor deixava ver o microfone em alguns enquadramentos... E aí o pessoal comentava, "Pô, ganhou melhor fotografia e aparece o microfone?!"... *"É um erro técnico normal, mas isso mostra a tal indignação..."* (Rubens).

O MESTRE DESRESPEITADO

"Ran *não é o melhor filme de Kurosawa, mas* Dois Amores *também não é o melhor de Pollack... Votaria Kurosawa em melhor diretor"* (Luiz). O mestre do cinema japonês, **Akira Kurosawa,** aborda em **Ran** o entrecho de *Rei Lear*, de Shakespeare... Meio pesada para a Academia, né? "Ran *tem uma fotografia magistral... Perder para David Watkin, num trabalho que qualquer iniciante faria, com cinco milhões de dólares..."* (Sérgio Augusto). *"Kurosawa concorrendo com* Babenco, *e ganha* Pollack?!" (Geraldo). *"Quando se tem John Huston e Kurosawa para melhor diretor não dá para premiar Pollack. Eu daria ao Kurosawa"* (Rubens).

Foto Gamma/Sigla

Kurosawa, nas filmagens de Ran *Acima à direita, uma cena do filme*

NÃO CREIO EM BRUXAS, MAS...

"Não respeito nem um pouco a premiação do Oscar. Mas parece ser um mal necessário" (Sérgio Augusto). É isso aí. Não dá para levar a premiação a sério, mas os principais vencedores podem contar com *um bilhão* a mais de expectadores... *"É o grande serviço de relações públicas da indústria cinematográfica"* (Rubens). *"Foi feito para premiar bilheterias que podem crescer"* (Bruno). *"Ultimamente a tendência é acumular o maior número de prêmios em um único filme. As pessoas só saem de casa para ver um filme com oito, nove, dez Oscars"* (Luiz).

WOODY NEM LIGA

"Há dois anos dois gênios fazem papel de palhaço no Oscar: **Woody Allen** *e* **Spielberg.** *Woody não liga, Spielberg sim"* (Geraldo). Causou estranheza a ausência de **A Rosa Púrpura do Cairo,** de Woody Allen, um dos grandes filmes de 85. *"Os critérios são esquizofrênicos — não entrou Woody Allen nem em* Roteiro, *que é originalíssimo!"* (Sérgio Augusto). *"O erro básico desse Oscar foi excluir o melhor filme do ano,* Rosa Púrpura... *Depois disso sobrava premiar* Dois Amores, *mesmo..."* (Rubens). *"Votaria em* Rosa Púrpura *como o melhor filme, e atriz Mia Farrow, que adoro, como o Woody Allen"* (Geraldo).

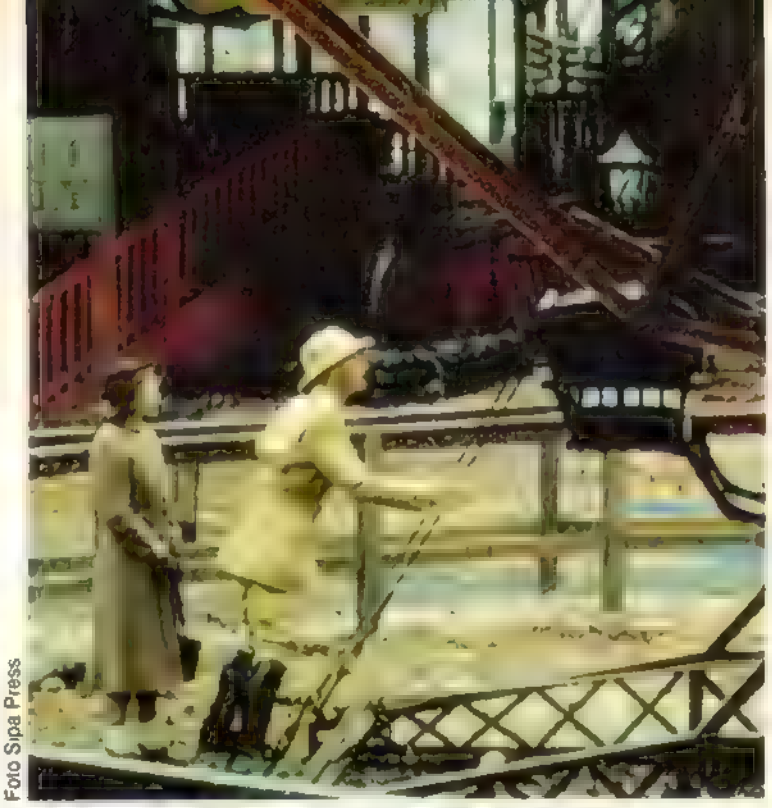


Foto Sipa Press

Mia Farrow e Jeff Bridges, em A Rosa Púrpura do Cairo

Foto Liaison/Gamma/Sigla

Whoopi Goldberg, em A Cor Púrpura

Foto Liaison/Gamma/Sigla

Spielberg: onze indicações e nenhum Oscar com A Cor Púrpura

SPIELBERG, O DESPREZADO

"Ele é jovem, rico e bem-sucedido demais — *não é só no Brasil que não gostam de quem faz muito sucesso..."* (Rubens). *"Parece um problema pessoal da Academia com Spielberg. Deixaram ele lá sentado na cadeira, esperando..."* (Geraldo). **Steven Spielberg:** onze indicações, *nenhum* Oscar com **A Cor Púrpura,** um filme sobre um negro que escraviza a própria mulher, nos anos 20. *"É besteira imaginar que se tenha critérios artísticos na premiação. Spielberg já tem créditos na indústria que Pollack ainda não tinha... Ele precisava do Oscar para se posicionar na indústria. Spielberg fez* A Cor Púrpura *para ganhar o prêmio, para mostrar que ele é um artista preocupado, também, com problemas sociais... Mas a indústria não está lá para premiar arte pura e simples — e nem sei se* Cor Púrpura *é isso. Mas concorre com essa intenção, e aí a Academia pensa 'Spielberg já tem tudo, e quer se tornar artista?! Com nosso aval nem f*' "* (Bruno). *"Spielberg talvez fosse o melhor filme — votaria em* Cor Púrpura, *apesar de não ter visto..."* (Luiz). *"O Sindicato dos Diretores, formado por 30 000 diretores de televisão e cinema, deu o seu prêmio de melhor diretor para Spielberg..."* (Rubens).

A JUSTIÇA OFICIAL

"O único prêmio que aparentemente é guiado por critérios diferentes é o de Melhor Filme Estrangeiro.

Eles podem ser políticos, artísticos ou até mesmo industriais, quando se trata de um país que os Estados Unidos estão namorando comercialmente" (Bruno). **A História Oficial,** filme argentino do diretor **Luiz Puenzo,** trata do drama dos filhos dos "desaparecidos" pelo terror argentino. Isso mostra que a Academia é bem mais progressista quando não se trata da própria casa... *"O fato da figura de Jack Valenti, o todo-poderoso presidente da Associação dos Produtores — o comando de toda a indústria cinematográfica americana — dar a estatueta pessoalmente, mostra bem esse lado paternalista da premiação" (Bruno).*

BRASIL CAMPEÃO

"O Beijo da Mulher Aranha *é o primeiro filme brasileiro a ganhar um Oscar. Vai subverter a ideologia nacionalista do nosso cinema..."* (Luiz). Oscar para o Brasil: o de melhor ator, para o americano **William Hurt...** Tudo bem, não esfriemos os ânimos ufanistas — o diretor **Hector Babenco** também foi indicado, ao lado de Kurosawa, Huston, Peter Weir e o vencedor Pollack. "O Beijo *é bonito, talvez melhor que* Entre Dois Amores" (Sérgio Augusto). *"Incrível o Hurt ganhar, em um filme feito por* índio *— é essa a mentalidade deles. Fantástico. Surpreendente"* (Bruno). *"O William ganhar não é surpreendente. Surpreendente é* O Beijo *ter sido indicado. Uma zebra"* (Rubens). *"Foi merecido"* (Geraldo). *"Por essa nem o Babenco esperava"* (Sérgio Augusto).

Foto Abril

William Hurt, o americano que deu um Oscar para o Brasil

Foto Liaison/Gamma/Sigla

Paul Newman, precocemente "aposentado" pela Academia

Foto Gamma Sigla

Orson Welles, o mestre morto sem homenagens

A GAFE

"Absurdo foi o prêmio para **Paul Newman,** *como se ele estivesse à beira da morte. Pô, o cara tem muito trabalho pela frente, ainda. Matéria de má consciência... Ele fez bem em não ir receber"* (Sérgio Augusto). O prêmio para Newman foi uma homenagem pelo conjunto da sua obra...

O MESTRE MORTO

Orson Welles, durante vinte e cinco anos, acalentou o desejo de filmar a história da dinamarquesa Karen Blixen, biografada por Isak Dinesen, que afinal transformou-se em *Entre Dois Amores*. "Cidadão Kane, *o primeiro filme de Welles, invariavelmente incluído nas listas de dez melhores de todos os tempos, não ganhou o Oscar... Ele não precisava disso como obra de arte, mas como reconhecimento da indústria. Os filmes seguintes de Orson foram feitos com pouquíssima grana"* (Bruno). O genial Welles, falecido em 85, não recebeu nenhuma homenagem especial na festa do Oscar.

O LINDO É BREGA

Cartões postais do Quênia. Corta. Poster de coroa loiro e bonitão. Corta. Cartão postal. Corta. Loira sensual e tribo africana ao fundo. Corta. Loiro beija loira no escuro e no silêncio ouve-se uma explosão qualquer. Corta. Cena movimentada com tiros e correrias. Corta... Loiro morre. Corta. Loira tem a pachorra de fazer dezenas de pessoas prestativas carregarem o caixão até o topo de um monte para um funeral panorâmico, e ler um poema entrecortado de fungadelas, desmanchar-se em prantos e dar as costas às pessoas que tremem o queixo. Corta. Platéia soluça. Corta. Academia dá Oscars...

A Academia de Hollywood adora o kitsch com a mesma intensidade com que detesta a inteligência. Entre Dois Amores *faturou sete estatuetas com um formidável repertório de clichês, absoluta superficialidade e choradeiras torrenciais. Robert Redford no papel de Robert Redford, Meryl Streep ostentando o seu recurso dramático predileto, que é tremer as mãos para "insinuar" nervosismo, e Klaus Maria Brandauer como a mais recente aquisição do kitsch.*

Na verdade eles são nababos, agentes do imperialismo e do ideal romântico de seres humanos (figuras absolutamente esquemáticas e previsíveis) em plena colônia africana. É lá que, ainda na segunda década do século, Merryl Streep dá de inventar o populismo, ao pegar na enxada para trabalhar a terra de sua própria fazenda, ao lado dos escravos. Ou parte decidida a enfrentar leões selvagens com um chicote... "A firmeza de caráter tudo vence", dizem as imagens, repisando as "verdades" ultrapassadas do idealismo mais caduco.

A bela fotografia de Dois Amores *só serve para ilustrar um enredo linear. Nada resta à platéia senão captar o significado imediato (e, no caso, o único...) das seqüências e, quando muito, emocionar-se, se conseguir se enxergar na pele de Redford ou Streep. A comparação com* Ran, *a obra-prima de Akira Kurosawa que ganhou um único e miserável Oscar (melhor vestuário) é inevitável. Quando Kurosawa filma as batalhas de um exército azul contra um exército amarelo, por exemplo, apresenta imagens que superam aquilo que retratam — soldados contra soldados — para criar na tela verdadeiros rios coloridos que se chocam e se consomem. É uma alegoria dos conflitos mais íntimos de cada homem, que nunca se resolvem sem sangue, sem morte e sem beleza. O público experimenta um prazer especial nas imagens que extrapolam o enredo e os próprios limites do cinema, como se estivessem vivas.*

O que, nem de longe, não acontece em Dois Amores. *A cena mais aperfeiçoada nesse filme parece aquele comercial de cigarros. A mocinha voa, emocionada, num minúsculo monomotor pilotado pelo namorado. A simbologia do "homem que leva a mulher para as nuvens" é tão perfeitamente bem acabada quanto cafona. É linda: o céu azul, o aviãozinho e os dois apaixonados a bordo. A Academia não se incomoda quando o piegas perde a noção de ridículo. Desde que esse ridículo não saia de foco, tenha boas cores e uma montagem certinha. A Academia adora o kitsch...*

Eugênio Bucci

Foto Universal Pictures

CONQUISTA SANGRENTA

Foto Fox Filmes

O padre doido, Martin e seu santo padroeiro

"Existem duas maneiras de enfocar a Idade Média. Uma é através de suas lendas, como a de Merlin, a de Camelot... A outra é descrever a vida como ela realmente era."

Partindo dessa idéia, o diretor holandês Paul Verhoeven optou, nessa *Conquista Sangrenta (Flesh + Blood*, 1985), pela segunda variante. Ou melhor, pelos seus aspectos mais tenebrosos: peste, guerra, religião, estupro. O vilão é o galante mercenário Martin, interpretado por Hutger Hauer, o *replicante* de *Blade Runner*. Ele e o Cardeal, um padre enlouquecido (Ronald Lacey) lideram um grupo errático de criminosos e prostitutas, que ao mesmo tempo parecem iluminados por uma ingenuidade cativante.

Essa mesma ingenuidade alimenta o romance de dois príncipes prometidos em casamento, Agnes (Jennifer Jason Leigh, a filha do falecido ator Vic Morrow) e Steven (o jovem Tom Burlinson). E o mesmo horror: a cena dos namorados, jurando amor eterno sob a árvore dos dois enforcados (podres, com as genitálias dilaceradas, blergh!!) é uma combinação das mais desconcertantes entre poesia e nojeira. Martin e seu grupo, "guiados" pela estátua de São Martin — que manda "mensagens" para seu xará, devidamente interpretadas pelo Cardeal — acabam raptando Agnes.

O filme segue nessa dualidade, mas Verhoeven, freqüentemente, carrega demais na violência. O clima tétrico só é rebatido pelas criações do príncipe Steven (que ainda por cima é inventor — ele mais parece um personagem das fantasias de Spielberg, perdido nesse terror medieval), fazendo tudo para resgatar a amada. Um filme muito esquisito que, segundo o diretor, espelha a sociedade contemporânea (a catapulta-de-pedaços-de-cachorro-empesteado previa a moderna guerra biológica...). Vale conferir. Mas vá em jejum. *A.A.*

OS AMANTES DE MARIA

Foto Condor Filmes

O infeliz Ivan Bibic e sua esposa Maria

O diretor russo (radicado nos EUA) Andrei Konchalovsky testou uma estranha receita étnica neste *Maria's Lovers*. Inspirado em um escritor russo de sucesso nos anos 30, Andrei Platonov, ele encomendou uma história para o francês Gérard Brach, o roteirista predileto de Roman Polansky (e inventor de uma boa parte das atrocidades dos filmes do diretos polonês). A ação foi deslocada para uma cidadezinha americana, porém entre uma comunidade de origem iugoslava... O resultado é um filme denso, em um tempo e um local bem definidos, mas bastante *misteriosos*.

Cenas de um documentário de John Huston sobre as perturbações psicológicas dos soldados retornados da II Guerra Mundial (aliás censurado pelo Departamento de Estado americano, que o havia encomendado) servem para introduzir a figura de Ivan Bibic (John Savage). Ele é um soldado que volta ao lar, e acaba se casando com a antiga namorada (ninguém menos que a deliciosa Nastassia Kinski). Mas a neurose de guerra de Ivan manifesta-se na sua incapacidade de manter relações sexuais com a esposa, a quem ele adora. Em pouco tempo baixa uma revoada de urubus, louquinhos para traçarem a moça...

Entre os pesadelos de Ivan, a insatisfação da fogosa Maria e a pressão da *concorrência* — o pai do próprio Ivan (grande interpretação de Robert Mitchum), um músico itinerante (Keith Carradine) que quer conquistar Maria com suas baladas e seus maus modos, e um coronel da Força Aérea (Vincent Spano) — Konchalovsky constrói um filme imperdível com rasgos de erotismo de tirar qualquer arcebispo do sério. A.A.

CLIP

ROLLING STONES

SACO DE GATOS

Quando o videoclip ainda era um conceito [illegible] forma, um adendo promocional ext[illegible] de pouca ou nenhuma influ[illegible] nas flutuações do mercado fon[illegible]gráfico, os Rolling Stones já "cometiam" seu vídeos. Toscos, vale dizer, mas quase sempre interessantes. Há, por exemplo, o clip já ancestral de "Jumping Jack Flash" — todos da banda maquiadérrimos e emoldurados por uma cinematografia sinistra, mas plenos de energia e ataque. Mas este — assim como o hilário promocional de "Honky Tonky Women" — acaba sendo uma exceção. No total, os clips dos Stones vinham se mostrando chatos e sensaborões, burocráticos.

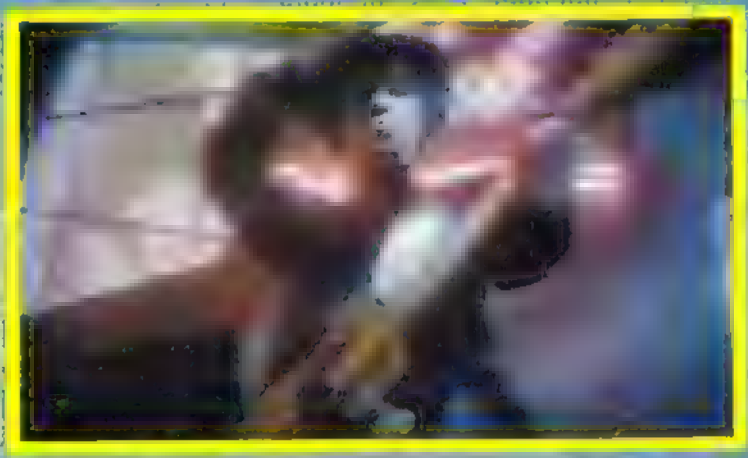
Entra em cena Julian Temple, que dirigiu três clips memoráveis, três anos atrás: "Undercover", "She Was Hot" e o pouco conhecido mas inesquecível "Too Much Blood". Na era atual, em que os videoclips são arma poderosa na conquista do público consumidor, Temple conseguiu transportar para suas imagens toda a essência dos Stones: sacanagem, violência e crueza.

Jagger deu um passo à frente de seus colegas de banda quando protagonizou o memorável clip solo de "Hard Woman" (BIZZ n.º 7), uma [illegible]

[illegible]

Mr. Jagger e o gatão ensandecido:

[illegible]



[illegible]

A ação começa com um cupido negro, gorducho e nu que dá vida a alguns rabiscos que enfeitam um muro de cidade grande. Os desenhos se transformam numa mulata estonteante e num bando de gatos vira-latas. Entre a gataria destaca-se um gatão janota, bem vestido e malandro, que, ao notar a mulata, sai apagando os felinos restantes. Escapa apenas um — sem graça, feiosão, com um curativo no rabo... mas louquinho pela mulheraça que vê. O gatão janota vira — quem mais? — Jagger e começa a cortejar a mulata num balé de negros que dançam embalados ao som dos Rolling Stones.

Bailarico pra lá, passinhos pra cá, ela fica de olho mesmo é no gatinho alquebrado, apesar de todo o [illegible] de Jagger. [illegible]

[illegible] fuada por um [illegible] Keith Richa[illegible] to escuro. [illegible] feio dos Rolling Stones que tomou de Jagger a "mulata" (no caso, a lid[illegible]

[illegible]

DREAM ACADEMY

Uma cópia dos Beatles, atualizada para os anos 80? *José Emílio Rondeau* explica por que não... e por que sim

Foto Richard Haughton

Os pseco-clássico-beatlóides Gilbert, Kate e Nick

Existe algo de deliciosamente nostálgico no grandioso arranjo arquitetado para "Life in a Northern Town", que transformou esta música num hit monumental logo no disco de estréia do trio inglês Dream Academy. São oboés, tímpanos, sinos e vozes que, de uma maneira inexplicável, transportam o ouvinte para o cenário anos 60 elaborado pelo cantor/compositor/guitarrista Nick Laird-Clowes ("no inverno de 1963 parecia que o mundo congelaria, com John F. Kennedy e os Beatles"). E este tipo de atmosfera precipitou crítica e público em direção a comparações com uma banda que realmente nascera numa cidade do norte inglês — os Beatles, de Liverpool. Mas quem recepcionar algum integrante do Dream Academy — Nick ou o tecladista Gilbert Gabriel e a cantora, tecladista e saxofonista Kate St. John — com elogios a este aspecto saudosista deve se preparar para uma decepção

Nenhum deles é do norte da Inglaterra e as referências musicais e estéticas à década de 60 são mera conseqüência da infância de cada integrante, todos entrados em seus 28 anos Além do mais, o Dream Academy não se considera um grupo pop, embora de pop eles tenham tudo

Laird Clowes admite seu fascínio pelas produções de Phil Spector — um gênio do estúdio que trabalhou, entre outros, com os Beatles! E isso está bem claro nas suntuosas muralhas de som erguidas através do primeiro álbum do DA, produzido por David Gilmour, ex-guitarrista do Pink Floyd (e tome anos 60!). Mas Gabriel — que parece transplantado de uma comunidade hippie diretamente para os dias de hoje — garante que a natureza de seu grupo é estritamente experimental, sem preocupações comerciais

Para um grupo sem pretensões comerciais, no entanto, o DA vai de vento em popa. "Life in a Northern Town" disparou para os postos mais altos das paradas de Estados Unidos e Europa logo após seu lançamento, no final do ano passado. A banda já existia há mais tempo, nascida quando Laird-Clowes abandonou o Act e começou a procurar tecladistas. Achou Gabriel, londrino de formação clássica, e, mais tarde, reencontrou St John, que ele já conhecera quando tinham 14 anos. Kate acabara de sair de um grupo feminino chamado Ravishing Beauties. O trio, então, batizou-se Politics of Paradise (cujas iniciais formam a palavra POP!) e tratou de mesclar as influências beatlemaníacas com pitadas de psicodelismo e doses de música clássica

O grande barato do Dream Academy é que, como o Eurythmics, eles escolhem múltiplas encarnações estético/musicais para diferentes ocasiões. Quando o trio se apresentou no programa norte-americano *Saturday Night Live*, por exemplo, cercou-se de vários músicos clássicos para tocar "Life in a Northern Town" ao vivo. Na versão do disco, porém, há uma participação especial que dá um toque ligeiramente brasileiro à faixa: o percussionista Luís Jardim

Beatles dos anos 80? Muita gente já foi alvejada com este indesejável epíteto. Mas, por mais que Clowes e seus colegas fujam dele, o próprio Dream Academy desfralda bandeiras no sentido contrário. Sabem o que está escrito no final do texto da ficha técnica do álbum? Nada menos que "HELLO, GOODBYE"!

CABINE C

Qu[illegible] olhou pe[illegible] aquela caixa [illegible] não-fumante Marinella [illegible] carregava, deu um estalo: "[illegible]mos chamar essa música de [illegible]foros de Oxford". E assim ele[illegible] compõem os títulos, a música, [illegible] letras — pura intuição. Para delirar à vontade nesse espírito é que Ciro deixou os Titãs em 84, fundando o Cabine C. Nessa época estavam na banda Edgard e Gaspa, do IRA!, Charles, dos Titãs, e Vânia Forghieri, a tecladista que já por esses tempos chamava atenção [illegible]la sua capacidade inventiva. Em [illegible] mais duas garotas, tão singula[illegible] quanto Vânia, vêm compor a [illegible]iva formação do Cabine. São elas: Anna Ruth (ex-Akira S, no baixo) e Marinella 7 (bateria).

Uniram-se pela forte identidade musical e começaram a compor na base do improviso — todos tocando juntos. Continuam assim até hoje. "É difícil", explica Anna, "mas é assim que gostamos de trabalhar. O que temos em comum é nenhum instrumento ressaltado. Queremos um som compacto." Essa massa sonora é alinhavada pelas letras de Ciro (também voz/guitarra). Sua poética tem origem na neurose, pas-

[illegible] para [illegible] pensaram [illegible]

[illegible]

Foto [illegible]

[illegible]arinella 7, Vânia, Anna Ruth e o Capitão Ciro

VIOLETA DE OUTONO

[illegible]

Se os Beatles — ou o Paul que resta deles — ouvissem o arranjo que o Violeta de Outono fez de "Tomorrow Never Knows", sentiriam na pele o que é rock anos 80. Ainda por cima feito no Brasil, com profissionalismo. Deveras particular numa banda iniciante. Vamos a ela.

Ângelo (baixo) e Fábio (guitarra/voz) se conhecem há onze anos e estudaram violão erudito com o mesmo professor. Cláudio (bateria) encontrou Fábio quando tocavam no Zero. Mas isso foi passageiro. O importante é que hoje eles fazem o que gostam e formam um conjunto. Fábio explica: "O que eu penso na guitarra, eles vão completar no baixo e bateria. E vice-versa. Ninguém quer colocar o ego na frente".

Outra coisa rara que se vê neste trio é a consciência dos limites. "Estamos acostumados a ouvir rock há muito tempo. Você ouve o primeiro disco do Echo & the Bunnymen e sente que lá tem vinte anos de rock condensados. Sabemos da realidade brasileira. Queremos reciclar o rock e colocá-lo nos dias de hoje, o que é óbvio. Além disso", continua Ângelo, "buscamos um clima novo e misterioso. Por isso damos importância a iluminação, projeções, acetato no palco. Um som para teatro, não para pular em danceteria."

Alguém uma vez definiu a música dos rapazes como uma parede de som. Tem impacto, melodias fluentes, sem travação. E com ritmo pesado, pulsante. Para conseguir tudo isso eles canalizam as informações que recebem através da música, cinema, fotografia, arquitetura. "A arte é uma coisa só", exalta Cláudio.

Foto Luis Gomes Abril

Cláudio, Fábio & Ângelo [illegible]

Tanto é verdade que as letras e vocal funcionam como um instrumento. "As palavras são mais um recurso sonoro. Têm sentido próprio, sua harmonia." E Ângelo completa: "Não pretendemos ser poetas. Do contrário iríamos escrever livro e não fazer música". S.M.

ARCADIA

GOODBYE IS FOREVER

(Le bon/ Taylor/ Rhodes)

Sometimes you have no choice
Sometimes you got no voice to say
Say if you will the words
Say if your world is so grey
We can decide it
There 'll be no tears no tragedy
Sure I wouldn't break and cry if
You walk away believe me

Hey goodbye
Goodbye is forever
Hey forever
Goodbye is for ever and ever

Sometimes it makes no sense
This side of cruel coincidence
Caught up in our own barbed wire
To set us free believe this

© 1985 by Tritec Music Ltd.
Todos os direitos reservados no Brasil a Editora Latina [illegible] Musical "ELAM" Ltda.

Adeus é para sempre

As vezes você não tem escolha
As vezes você não tem voz para dizer
Diga se você quiser as palavras
Diga se o seu mundo é tão cinzento
Nós podemos decidir
Não existirão lágrimas nem tragedia
Certamente eu não cairia e choraria se
Você fosse embora, acredite

El, adeus
Adeus é para sempre
El, para sempre
Adeus é para sempre e sempre

As vezes não faz sentido
Este lado da cruel coincidencia
Presos no nosso próprio arame farpado
Para nos libertar, acredite

Stamp

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

T-SHIRTS

OFERTA:
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.

ADESIVOS ESPECIAIS

Ref AD1 (18 x 9,5 cm) Ref AD2 Ref AD3
Ref AD4 Ref AD5 Ref AD6
Ref AD7

NA COMPRA DE QUATRO ADESIVOS GANHE UM À SUA ESCOLHA

Enviando cheque ou vale postal ganhe 10% de desconto

REEMBOLSO POSTAL

REF. 238 Cor: br
REF. 206 Cor: br, vd, az
REF. 220 Cor: az, vd
REF. 221 Cor: br
REF. 226 Cor: az, br
REF. 235 Cor: pr
REF. 232 Cor: az
REF. 237 Cor: pr
REF. 218 Cor: br, pr
REF. 212 Cor: vm
REF. 222 Cor: vd
REF. 202 Cor: br
REF. 204 Cor: br
REF. 201 Cor: az, vd
REF. 229 Cor: br
REF. 203 Cor: vd, az
REF. 207 Cor: pr, vd, az, br
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 211 Cor: vm, vd, az, br
REF. 210 Cor: br, pr
REF. 209 Cor: vd, br, az
REF. 213 Cor: az, vd
REF. 219 Cor: br
REF. 217 Cor: pr
REF. 208 Cor: br, az, vd
REF. 214 Cor: br
REF. 215 Cor: vd, az
REF. 216 Cor: pr
REF. 231 Cor: az, vd
REF. 230 Cor: br
REF. 223 Cor: br
REF. 233 Cor: az
REF. 228 Cor: br
REF. 227 Cor: br
REF. 236 Cor: pr
REF. 234 Cor: az, br

DESCONTO

Enviando cheque nominal ou vale postal à Stamp, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Mande o cheque ou o vale postal já com o desconto calculado. Para enviar vale postal é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA SHOPPING CENTER NORTE CÓDIGO 403369 - SÃO PAULO - SP. Ponha o vale postal junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver endereço ao lado).

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome
End
Cidade
Est . CEP

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 198
CEP 02013 São Paulo SP

BIZZ 10

JOÃO BARONE

Rock, reggae e ritmos brasileiros nas baquetas precisas de um Paralama

[redacted] Barone, exímio batera sem concorrentes no estilo, paquerava as baquetas desde criancinha. Tocou tarol na fanfarra do colégio e ficava de olho no baterista da banda de seu irmão mais velho. "A primeira música que tirei foi 'Ticket to Ride', dos Beatles, que eu aconselho como a melhor coisa para começar a bater". Foi com Ringo Starr que ele aprendeu bossa-nova (!). "O ritmo era supersemelhante às *Beatles songs*." Com seu pai conheceu as *big bands* dos anos 40, e com os irmãos, que ouviam muito heavy metal ("quando o heavy não era só pulseira de tachinha"), coisas como Cream, Hendrix e sobretudo Santana.

Mais espaço para o jazz com o David Brubeck Quartet — ele considera "Take Five" uma obra-prima. Depois vieram o reggae e o som de bandas decisivas como o Clash (ele adora *Sandinista*) e, naturalmente, o Police... Nessa época, Barone estudava na Universidade Rural do Rio, e tocava em um grupo especializado em Beatles. E, por falar em Beatles, "aconteceu comigo o que aconteceu com o Ringo: fui chamado para tocar com os Paralamas (eles também estudavam na Rural), cobrindo a falta do baterista original, o Vital. O resto é história."

Sua primeira bateria, além de emprestada era muito velha — ainda usava peles de carneiro. As peças novas que foi comprando, montou da maneira que acha mais confortável, com os tambores em uma posição pouco usual, quase em pé. "Mas não gosto de muitos tambores. Acho legais aqueles pequenos e compridos, os *octabans*. Os pratos, acho fundamental serem bons — alguns servem para conduzir o ritmo, outros para acertar." Barone não curtiu muito as baterias eletrônicas, por causa do som único e seco. Mas hoje usa uma com timbres programados por *chips*, para chamar a atenção em alguns detalhes de percussão. "Não há nada que substitua o som natural de um tambor. Por outro lado podem-se produzir sons como o de um tímpano (um tambor enorme) sem ter que carregar o trambolho para lá e para cá."

Barone, baquetas & a bateria

Foto Cláudio Portes

Os ídolos de Barone são vários. Joe Morello da formação original do David Brubeck Quartet), os lendários roqueiros Keith Moon (Who), Ginger Baker (Cream) e John Bonham, do Led Zeppelin ("este eu considero uma verdadeira rocha"), mais Billy Cobham, Sly Dunbar, Budgie (dos Banshees) e, claro, Stewart Copeland ("que para mim está num céu acima dos outros"). Uma de suas maiores frustrações foi ter perdido o show do Police no Brasil (duas únicas apresentações em fevereiro de 84, no Rio). "Ainda quero falar com o Copeland, trocar figurinhas. Um bom baterista tem que ter firmeza, consistência, saber usar poucas notas nos lugares certos, por isso gosto tanto do Copeland. E dos meus outros ídolos de bateria."

Como Copeland, que pesquisou recentemente os ritmos africanos, Barone quer se aprofundar nos ritmos brasileiros, tão variados e desconhecidos como aqueles. Também pretende escrever um livreto com informações condensadas sobre como aproveitar bem e criar com a bateria, "com dados básicos, sem grandes pretensões pedagógicas". O livro deverá ser editado pela Luz & Imaginação, uma editora independente carioca.

Sobre o próximo LP dos Paralamas, Barone adianta que virá repleto de reggaes, bem feitos e com muitos *dubs*. Diferente dos anteriores, diz ele, mas que deverá ser reconhecido e apreciado pelos fãs. A conferir, o talento de um dos melhores instrumentistas do rock nacional. *T.L.*

FICHA TÉCNICA

KIT ACÚSTICO E RECURSOS ELETRÔNICOS

O kit acústico básico de Barone é Tama Imperial Star (com bumbo de 22 polegadas; surdo de 16"; caixa de 5" x 14"; três tom-tons de 10", 12" e 13"), completado por quatro octabans *e pratos Paiste, modelo Rude 2002 e 602* (ride, crashes *e* splashes).

No setor eletrônico, a Simmons SDS-5 é acompanhada por um DX Oberhein programável (que ele usa como central percussiva, para extrair sons de conga, chocalho, agogô e outros), vários tambores eletrônicos com chips *intercambiáveis.*

Para tratar os sinais produzidos pelo equipamento eletrônico, Barone usa os seguintes efeitos: um Reverb Roland SU-2000 e dois Digital Delay Ibanez SDE-2000. Uma bateria acústica Tama Tecstar, finalmente, serve para os treinamentos caseiros.

A onda da Cidade:

MUITO MAIS **PÉS**

Fique por cima. São mais pés de emoção. É a Cidade. Um banho de sucesso. Nada de maré mansa. Deslize até a Cidade FM. Para você mergulhar fundo no mar.

RÁDIO CIDADE FM

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • CAMPINAS • PORTO ALEGRE • BELÉM
BELO HORIZONTE • GOIÂNIA • SALVADOR • RECIFE • MANAUS

VS ESCALA

Foto gentilmente cedida por Broca Shorts

Little Richard reapareceu, e gritando mais do que nunca. Ele faz o papel de um milionário produtor de discos — de Rolls branco e tudo — em *Down and Out in Beverly Hills*, uma comediazinha de **Paul Mazursky**. Mata no piano branco uma das musicas-chave da trilha sonora (uma espécie de "Lucille" *high tech*). Mas sua melhor aparição é em um discurso na linha *gospel*. Ele reclama da polícia que só seu vizinho branco e de olhos azuis recebe ajuda na hora quando toca o alarme na delegacia. O filme é loucura californiana pura. Richard, claro, está perfeitamente à vontade.

Foto Phil Loftus/ LFI

No mesmo dia em que Ronnie McDonald fazia discurso pedindo cem milhões de dólares para ajudar os *contras* na Nicarágua, fui ver *Salvador*, filme de Oliver Stone **com** James Woods. **Dá de dez a zero em *Under Fire* e congêneres. Woods é um repórter que foge da afluência da Califórnia para meter a mão na massa na América Central. As grandes seqüências do filme são seus diálogos com os militares americanos deslocados para El Salvador. Um raio X da bestial peste anticomunista dos *Ronnie boys*. Breve, em sua casa, mais um Vietnam (sem Rambo).**

Foto Abril

A surf music não barbariza apenas na Califórnia. Na costa leste, os **Pedantiks** fizeram um point em Nova York e arrepiam em bailinhos noturnos do Village. As *garage-bands* continuam como o fenômeno mais importante de revitalização do tédio musical nestes positivistas anos 80.

Finalmente estourou um soulman na melhor tradição de feras como Bobby Womack. É *Alexander O'Neal*. Seu primeiro LP é absolutamente impecável, e o segundo já está para sair. No meio de tanta cacofonia, a balada soul com sobretons melancólicos é um dos últimos antídotos musicais que nos restam.

Foto Paramount Pictures Corp

"I'm waiting for my man", dizia o clássico do Velvet Underground nos anos 60. Ele ficava na esquina — ele é Lou Reed, claro — da avenida Lexington com avenida 125, no Harlem, esperando seu homem com o precioso *produto*. Agora milhões seguem o exemplo. A grande paranoia do governo americano — fora os sandinistas e o coronel Kadafi — é com droga, mas exatamente a dona branca. Seja em relação à garotada, seja nas linhas de montagem ou escritórios de executivos. Doze milhões de americanos, atualmente, são viciados em um fuminho. Mas outros vinte e dois milhões de americanos (como diz o velho clichê da propaganda) não podem estar errados: seu negócio é "the real thing".

Foto Simon Fowler/ LFI

Por Pepe Escobar

RECEBA JÁ EM SUA CASA:

camisetas com estampas Hot adesivas importadas, super coloridas

NOVIDADE. Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher

CAMISETAS

Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela Branca e Preta.

Tamanhos P-M-G

CAMISETAS E ADESIVOS

Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.
O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

PROMOÇÃO ESPECIAL: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.

GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DOS PRODUTOS! REEMBOLSO POSTAL

Nesta camiseta você escreve seu nome, o nome dela ou o que quiser

REF A01 — REF A02 — REF A03 — REF A04 — REF A05 — REF A60 — REF A07

REF A52 — REF A61 — REF A09 — REF A58 — REF A11 — REF A51 — REF A14

REF A59 — REF A16 — REF A17 — REF A18 — REF A56 — REF A20 — REF A57

REF A55 — REF A23 — REF A53 — REF A25 — REF A54 — REF A27 — REF A29

REF A30 — REF A31 — REF A32 — REF A33 — REF A34 — REF A39 — REF A40

REF A36 — REF A41 — REF A42 — REF A44 — REF A45 — REF A46 — REF A47

REF A62 — REF A63 — REF A64 — REF A43 — REF A48 — REF A50 — REF A49

Atenção, não nos responsabilizamos por eventuais atrasos do correio.

Camisetas 100% algodão, nas cores da moda com corte e caimento perfeitos
Passe a camiseta sempre pelo lado do avesso.

PREÇOS

CAMISETAS
Brancas: Cz$ 78.00
Coloridas: Cz$ 80.00
Super adesivos das estampas: Cz$ 40,00
Medidas: 25 x 25 cm, em média

Desconto Especial de 10%
Mandando dentro da carta cheque nominal à Hot Hits, vale postal ou ordem de pagamento

Mande com os descontos já calculados

SUPER ADESIVOS

(No mesmo tamanho das estampas)

Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

Envie pedido e cheque nominal para
HOT HITS ARTIGOS PARA O VESTUARIO LTDA
Av. Santo Amaro, nº 4438 - s/ 12 - CEP 04556 - SP Capital,
ou ordem de pagamento para a conta nº 58141-0
Ag. 0120 - Bradesco - SP

ATENÇÃO, Para pedir:

É só escolher a estampa (através da referência), assinalar se quer a estampa na frente ou nas costas da camiseta, escolher cor, tamanho e quantidade de camisetas. Mande seu pedido junto com este cupom; caso não queira estragar a revista faça o pedido em folha separada.

"MENCIONAR O NÚMERO DESTA EDIÇÃO"

REF	COR	TAM	FRENTE	COSTAS

BIZZ 10

CARTAS E SERVIÇOS

SERVIÇOS

CARTAS E

NO FLAGRA

Tenho uma sugestão que quero fazer desde que li a crítica do José Augusto Lemos ao disco do Ultraje a Rigor, na BIZZ 2. Lá ele indaga de que música do Police foi chupada a introdução de "Ciúme", sem responder que é de "Synchronicity II". A sugestão é que vocês façam uma seção para mostrar os casos de plágios e chupadas, dando um desconto quando se tratar de "homenagem" a algum grupo ou artista. Vale frisar que geralmente o plágio não é descarado, nota a nota, mas o fulano copia a estrutura musical de uma canção, mete uns retoques aqui e ali e passa para a frente. Eu gostaria de citar um dos casos mais flagrantes, bem recente, acontecido com os Dire Straits em "Money for Nothing". Como fã do Credence Clearwater Revival fiquei putíssimo quando saquei que eles chuparam aquele toque de guitarra, que pontua a música inteira, de "Green River", do Creedence. Um amigo meu cita também a semelhança com "Jumping Jack Flash" dos Stones. O que é f* é que o Mark Knopfler está bilionário e a molecada que curte nem sabe que a música já existia, praticamente. Como ele foi obrigado a chamar o Sting para justificar o verso "I want my M TV...", idêntico ao policeano "Don't stand so close to me...", deveria ter dado também uma canja para a guitarra do John Fogerty. Vocês poderiam citar até o caso dos Paralamas do Sucesso que, em dois LPs, não deixaram mais nada para ser sugado do álbum *Regatta de Blanc* do Police (à exceção da estupenda "Message in a Bottle", que um certo Degradée acintosamente roubou inteirinha para fazer "Mais Que um Sonhador"). Este caso é típico do que chamei de cópia de estrutura musical, ora na bateria do Barone, ora na guitarra do pedante Herbert. Outro lance muito usado é inverter um acorde musical longo e fazer um outro: John Lennon confessou ter feito isso com uma música erudita para dar a entrada em "Because", e Guilherme Arantes fez a mesma coisa com o solo de piano inicial de "Every Little Thing She Does is Magic" (Police, de novo), para fazer "O Melhor Vai Começar", em 83.
Carlos J. dos Santos F.°
(São Paulo - SP)

Falou, Sherlock. Quando resolverem moralizar a terra-de-ninguém do rock, você é o nosso candidato a delegado.

CONEXÃO LUSA

BIZZ surpreendeu-me, e deu-me uma nova imagem do Brasil em termos de música. Já sabia que o punk estava bem vivo por esses lados, mas não imaginava que a vanguarda despontasse já. Gostaria de me corresponder com brasileiros interessados num intercâmbio de informações e registros sonoros, nas citadas áreas do punk e da vanguarda.
Abel Raposo
(Estrada do Viso, Casal das Pedras, 2900 Setúbal, PORTUGAL)

Olhai, pessoal. Uma oportunidade para bons contatos com um país cujo rock tem, além do idioma, muitas afinidades com o brasileiro. Confira na matéria sobre o rock/pop em Portugal (BIZZ 6).

LUTANDO PELAS LETRAS

Gostaríamos de tentar promover uma campanha com todos os amantes do rock e/ou pop, fã clubes, etc., no sentido de pressionar e exigir das multinacionais fonográficas que tragam no encarte dos álbuns as letras de cada faixa. Não temos uma linha definida de ação, por ora é só uma idéia. Talvez um boicote puro e simples. Manifestem-se, sim? Com o disco a quase uma ORTN de preço, temos motivos suficientes para tal movimento!
Georg Klotz Jr. e Gilberto S. Carvalho Souza
(São Paulo - SP)

A idéia é boa. Com as letras no papel, a compreensão das músicas em inglês (ou outras línguas menos usuais) seria mais fácil. Isso já acontece no Japão, onde todos os discos estrangeiros trazem as letras das faixas. Alô, interessados! Cartas para Georg e Gilberto aos cuidados da redação BIZZ.

CURE COMPLETO

Gostaria de pedir a discografia a videografia do conjunto The Cure.
Maria Cristina F. Nóbrega
(Salto - SP)

Vamos lá. Three Imaginary Boys *(79) é o LP de estréia do grupo inglês, lançado nos EUA como* Boys Don't Cry, *com três faixas trocadas por músicas de* singles *anteriores. Os LPs seguintes são* Seventeen Seconds *(80),* Faith *(81)* e Pornography *(82).* Japanese Whispers *(84)* é a reunião do mini-LP The Walk *(83) com o single "Love Cats". Em seguida vêm* The Top *(84) e o LP ao vivo* Concert, *sem faixas inéditas, do mesmo ano. Este último e* The Head on the Door *(85), o disco mais recente da banda, foram os únicos lançados no Brasil. Quanto a videos, o Cure tem clips dos seus principais hits; "In Between Days" é o mais novo deles. O vídeo de um concerto do Cure no Japão que andou circulando em São Paulo e no Rio é, segundo Robert Smith, cópia não-autorizada de um programa liberado por ele só para a TV japonesa. Esta e outras discografias estão na revista ÍDOLOS DO ROCK, nas bancas, que também traz adesivos de vários bandas.*

MANCADA

Marcelo Martins (Franca - SP), Valéria Rosa (Governador Valadares - MG), Morgana Donegá (Mogi Mirim - SP). Ademir B. Duarte (Três Coroas - RS), Marcelo S. Sutil (Curitiba - PR), Giuliana N. Barbosa (Ribeirão Preto - SP), José M. Rozendo (Maceió - AL) *e muitos outros leitores nos escreveram, reclamando da falta de células na BIZZ 6 para a votação dos Melhores de 85. A falha ocorreu na montagem das revistas na gráfica, e quando percebemos elas já tinham sido distribuídas. Fica para a próxima oportunidade: ao final deste ano, na votação dos Melhores de 86, vamos aprimorar os critérios e a forma da votação.*

O fantasma das drogas

A revista Carícia de maio esclarece todas as dúvidas sobre o assunto.
Mais: as histórias de três garotas que se apaixonaram por homens casados e uma matéria sobre a paixão.

GRÁTIS um condicionador de cabelos

Nas bancas

TRANSMOTO O REBOQUE QUE REVOLUCIONOU O TRANSPORTE DE MOTO!

• Transmoto leva sua moto, inclusive 450 cc economicamente • Total segurança e proteção • Fabricado em aço reforçado • Ideal para trânsito urbano e estradas • Dispensa TRU e emplacamento • Não ocupa espaço (cabe no porta-malas).

ANDORINHA

IND E COM DE PEÇAS USINADAS EM GERAL LTDA

Rua Baumam, 1149 - Tels (011) 832-5439 e 260-8340 - CEP 05318 - V. Hamburguesa - SP
Representantes
Rio MOTOMANIA - Tel. (021) 267 7789

ROCclip

Crie um Clip Com Seu Astro De Rock Preferido E Ganhe Uma Vespa!

A sua revista BIZZ bolou uma promoção que vai mexer com o seu talento e colocar você em cima de uma Vespa, o veículo mais in da temporada. É muito fácil participar. Basta que você crie um roteiro de videoclip com o seu artista de rock preferido e mande pra gente. Detalhe importante: no roteiro tem que ter uma Vespa, caso contrário este será automaticamente eliminado da disputa. Viu como é fácil? É só você pôr toda essa criatividade pra funcionar a mil por hora e pronto! A Vespa pode ser sua. Leia o regulamento com atenção e mande logo o roteiro do seu rockclip BIZZ-VESPA. E boa sorte!

REGULAMENTO

– Crie um roteiro de videoclip de no máximo 3 (três) minutos com o astro de rock de sua preferência e mande para: PROMOÇÃO ROCKCLIP VESPA – Rua Geraldo Flausino Gomes 61 – 4º andar – Brooklin – CEP 04575 – São Paulo – SP

– No contexto desse roteiro deve aparecer envolvida no clima que você criar, uma Vespa

– O roteiro deve ser dividido em vídeo e áudio, com descrições detalhadas de ambas as partes

– O melhor roteiro será escolhido por um júri formado por jornalistas da Editora Abril e por membros escolhidos pela Moto Vespa

– A decisão do júri é soberana e irrecorrível

– É vetada a participação de funcionários da Editora Abril e Moto Vespa do Brasil Ltda e seus concessionários, bem como de seus parentes diretos.

– Os roteiros recebidos não serão devolvidos sob hipótese alguma

– Só serão aceitos os roteiros que chegarem ao endereço acima citado até o dia 15/06/86, inclusive.

– O resultado será divulgado a partir da edição de *agosto* de BIZZ

Foto Estúdio Abril

OS MUTANTES *(1968)*

A conhecida "falta de memória nacional" nada mais é do que a falta de disposição, compreensão e competência das instituições — desde o governo até a imprensa especializada — em apoiar a produção e a preservação da cultura brasileira. Não é à toa que muita gente busca no rock americano ou inglês a sua fonte única de inspiração e conhecimento, enquanto as pérolas da MPB permanecem no esquecimento.

"Que pérolas? ", pergunta o leitor, atarantado. Pois é. A MPB está na pior — não temos qualquer música vital, forte ou espirituosa. Mas há vinte anos não era assim. Houve a bossa nova, a tropicália (anote aí: "bossa nova" *não é* uma invenção da vanguarda londrina), coisas que poderiam dar um forte impulso ao rock nacional, em sua busca de identidade. Realmente, *não é justo* que só a tal "geração AI-5" tenha conhecido o primeiro LP dos Mutantes, lançado em 68... eis as pérolas!

Pelo ineditismo para a época e pelo seu distanciamento dos clichês roqueiros, este pode ser considerado o melhor disco do grupo (sem menosprezar os posteriores, *Os Mutantes*, de 69, e *A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado*, 70). Rita Lee, Arnaldo e Serginho Baptista faziam música, está na cara, pelo puro barato de criar, de se divertir. Assim como outras obras-primas da tropicália, este disco contou com o auxílio do *George Martin* (Nota: produtor dos Beatles) brasileiro, Rogério Duprat. Sintetizar orquestralmente as idéias lisérgicas que os Mutantes simplesmente jorravam não deve ter sido fácil, mas com certeza Duprat curtiu adoidado.

Vejam só: o disco abre com "Panis et Circensis", de Caetano e Gil. De repente a música se interrompe como se alguém tivesse tropeçado no fio do toca-discos; em seguida ela continua para acabar em meio a ruídos de sala de jantar, com talheres e conversas familiares. Tudo isso com orquestração digna de aberturas wagnerianas. Depois vem "Minha Menina" (Jorge Ben) e "O Relógio", de autoria do grupo, um dos grandes momentos deste lado, graças à estranheza do contraste entre a melodia leve e o *non-sense* da letra (o relógio parou/ desistiu para sempre de ser antimagnético, 22 rubis/ eu dei corda e pensei/ que o relógio iria viver/ pra dizer a hora de você chegar).

"Maria Fulô", de Leonel de Azevedo e José de Sá Roris, cai num clima de quilombo, com marimbas, Kalimbas e cuícas no maior samba. "Baby", de Caetano, é cantada (imaginem só) por Arnaldo. A última faixa do lado A é "Senhor F" (O senhor F/ vive a querer/ ser senhor X/ mas tem medo/ de nunca voltar/ a ser senhor F outra vez), mais uma pérola de autoria do grupo, com arranjo inspirado (assim como outros momentos desde LP) em coisas do *Sargeant Peppers* dos Beatles.

O lado B abre com "Bat Macumba" e segue com Rita cantando, à la Françoise Hardy, o clássico francês "Le Premier Bonheur du Jour". "Trem Fantasma", Mutantes em parceria com Caetano, destaca uma bela combinação de vozes com metais. "Tempo no Tempo", versão de uma música dos Mamas & the Pappas, tem um solo de carrilhão no final, e "Ave Gencis Khan" (sic) encerra o disco num pique de George Harrison, com fortes toques orientais.

É isso aí. De resto, só mesmo ouvindo. Os climas mudam, de faixa para faixa, da água para o vinho. Sem nenhum preconceito, os Mutantes fizeram uma viagem psicodélica pela música universal, bastante influenciados pelos Beatles e auxiliados pelas partituras mágicas de Rogério Duprat. É um disco de MPB, tratado com o espírito efervescente da época, o espírito de libertação das formas e padrões. Por isso é um disco que os roqueiros brasileiros devem conhecer. Juntese ao coro dos que exigem o relançamento dos LPs dos Mutantes. "Tem que dar certo..."

Thomas Pappon

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Lorêggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente Angelo Ross

Diretor de Grupo: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Consultores Especiais: Alex Antunes, José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Assistente de Redação: Sônia Maia
Chefe de Arte: Cristina Canabrava Arruda, **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci, **Diagramador:** Cleber V. Garcia
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: Cesar Garcia Lima
Colaboradores - Texto: Bia Abramo, José Emílio Rondeau, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Pepa Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris) Thomas Pappon, Tom Leão; **Fotos:** Ângelo Pastorello, Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Rudy A. Louro, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Mihoni. **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02 54-56331 e 54 56212 20122, Milano, Telex 331585 e 332809 **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone (212) 5990 5993, **Paris:** Pedro de Souza 33, av. Champs Elysees, 2 º Bureaux 213 b.s 214, Paris 75008, Phone 42 25 58 65 Telex ABRIL PA 660731f
Departamento de Documentação - Gerente: Aida Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Cameirer
Gerente de Publicidade e Promoções: Carlos Alberto F. de Araujo
São Paulo - Supervisor de Publicidade: Ricardo Corte Real
Representante: Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Assistente de Promoções: Ana Lucia Dip Delion
Rio - Supervidor de Promoções: Fernando Mendonça, **Representante:** Lidia Camarate
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Alcyr o Canetti Filho
Porto Alegre: Elcanto Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Ribeirão Preto: Hélio Scavone Jr.
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitório Castaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guérsoni
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelo

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel. (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: Editabril, Abrilpress. **Administração,** r. Jaguaretê, 213, CEP 04575, tel. (011) 548-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Aimorés, 168, 2º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel. (031) 224-4455, Telex [illegible], **Brasília:** SCS Quadra 1, Bloco [illegible], Edifício [illegible], 12º e 13º andares, CEP 70304, tel. (061) 224-9152, Telex 061 1464, Telegramas Abrilpress. **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel. (041) 262-8643, Telex [illegible], **Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 183, Bloco A, 2º andar, salas 204 e 205, CEP 88015, tel. (048) 22-7826. **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 1105, salas 516 e 518, CEP 60000, tel. (085) 224-0410, Telex (085) 1601. **Porto Alegre:** av. Getúlio Vargas, 774, 3º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel. (051) 2[illegible]-2639, Telex [illegible], Telegramas Abrilpress. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel. (081) 224-0977, Telex (081) 1184. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril, Abrilpress, **Salvador:** [illegible], 304, CEP 40000, tel. (071) 247-3999, Telex (071) 1182. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Rua Paio Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Não é esse credenciado a angariar assinaturas, se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PROMOÇÃO ESCOLHA E GANHE

A revista BIZZ n.º 10 está novamente premiando seus leitoras junto com as gravadoras WEA, CBS, Polygram e Odeon.
Estamos distribuindo mais de 1 000 LPs e serão premiadas, com um LP cada, as primeiras cartas que chegarem à redação de BIZZ com a resposta correta para a pergunta referente ao LP escolhido.
ATENÇÃO: O que vale é a data de postagem de sua carta.
Escolha seu LP, preencha ou copie o cupom abaixo e mande para a BIZZ o mais rápido possível.

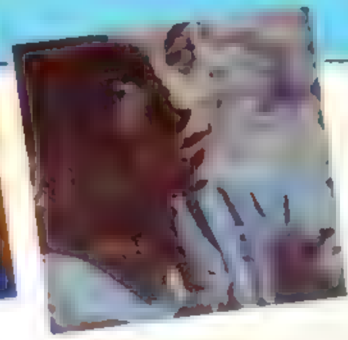
Boa Sorte!

INSTRUÇÕES

1- Escolha o disco que você quer ganhar
2- Responda a pergunta correspondente e coloque seu cupom
3- Faça apenas um pedido por cupom

1- Wire Train - **Between Two Words** (CBS) - 200 LPs

Este é o segundo álbum da banda **Wire Train** - Califórnia - antes chamada The Renegades.
Qual o nome do primeiro LP da banda?



2- Sade - **Promise** (CBS) - 200 LPs

A nigeriana **Sade Adu** repete no seu segundo álbum o mesmo sucesso do primeiro, encabeçando o 1.º lugar da parada inglesa, como o mais vendido, segundo a revista Music Week.
Qual o nome do saxofonista e parceiro nas músicas de Sade?

3- Lado B (Odeon) - 100 Lps

Este é o primeiro LP do grupo carioca **Lado B** e apresenta um trabalho intenso em ritmo e temas sarcásticos.
Quais os instrumentos que o grupo usa?

4- Plebe Rude - **O Concreto já Rachou** (EMI-Odeon) - 100 LPs

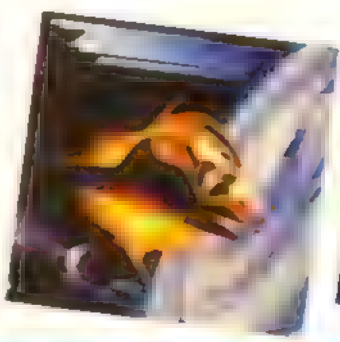
Formado em Brasília, 1981, **Plebe Rude** mostra o rock de protesto e inconformismo no seu primeiro LP.
Quem produziu o LP de estréia da banda?

5- Zero **Passos no Escuro** (Odeon) - 100 LPs

O grupo **Zero,** fase 2, busca agora seus objetivos originais dentro do universo pop contemporâneo e ataca a partir de criações românticas e pesadas.
De quem é a participaçao especial na faixa: "Agora eu Sei"?

6- ZZ Top - **Afterburner** (WEA) - 150 LPs

ZZ Top foi uma das bandas mais famosas nos anos 70 e esta agora lançando, no Brasil, seu décimo LP que atingiu em uma semana, uma vendagem mundial de mais de um milhão de cópias.
De que Estado americano vem o ZZ Top?



7- The Cure - **The Head on the Door** (Polygram) - 200 LPs

Este e o sexto álbum de estúdio do **The Cure,** gravado em abril e maio de 85, lançado agora, no Brasil, com dez faixas ineditas.
Em que outra banda o cantor e guitarrista Robert Smith já tocou?

Neste quadrado você coloca o número referente ao LP que deseja ganhar ☐ Edição n.º 10

Resposta: __________

Você já participou de alguma promoção da revista BIZZ? Sim ☐ Não ☐

Qual a rádio e o programa que você mais gosta de ouvir?

____

Nome

Endereço

Cidade **Estado** **CEP** **Sexo**

Telefone **Bairro** **Idade**

Envie para

BIZZ

PROMOÇÃO "ESCOLHA E GANHE SEU LP"
CAIXA POSTAL 2372
CEP 01000 -
SÃO PAULO - SP

Claudette Poodle ©

& SUA POLAROID

Ah, Claudette... Figura lendária do circuito roqueiro tupi, desde aqueles inesquecíveis anos 70, *la Poodle* retornou ao Brasil surpresa com o crescimento ("quantitativo", ela frisa) da música pop nativa. Mas, como ela mesma diz: "até aí, o tambor sempre foi o telefone da selva". Durante os cinco anos em que esteve longe, concluindo seu doutorado sobre o *bas-fond* de Hong Kong, a garota que ensinou o ABC do Laquê aos B-52's engordou consideravelmente seu currículo de penetra em eventos sociais da comunidade musical. Não deu outra: BIZZ foi catá-la em plena alfândega ("nada a declarar!") para garantir a exclusividade de seu veneno e seu inventário de fofocas picantes...

Foto Bik Pmss

UM FLAGRA DE MAMÃE EM SEU HABITAT NATURAL

Baixaria! Baixaria! Mal eu desembarco no país do cruzado e vou ao festival promovido por uma rádio carioca, quando — baixaria, baixaria — presencio o Mau, vocalista dos dinamitadores **Garotos Podres,** sendo agredido pelo paquidérmico organizador, que quase soterrou o pobre crooner sob toneladas de banha. O paquiderme, que já cantou com o Joelho de Porco nos inesquecíveis anos 70, não gostou do comportamento punk que o punk cometia no palco de seu festival pop. Claudette Poodle avisa: evite passear pelo ABC paulista, colega.

"Eu voltei, voltei para ficar e já fui dando de cara com o sex symbol do nosso pop pós-MPB, **Paulo Ricardo,** elegante do ano de 85 para público e crítica (a desta revistinha, claro). Esperem o **John Taylor** saber disso. Um aviso: não critiquem mais o Paulinho e sua banda, gente boa, que ele fica bravo. Entrevistado por um espécime da imprensa nanica paulistana, o autor de "Louras Geladas" (cujo verso "acordei num bordel" me reporta instantaneamente a Hong Kong) soltou os cachorros contra os escribas que ousaram colocar "poréns" à internacional sigla RPM. Entre os desafetos, a crítica feita aqui na BIZZ ao show deles dirigido por um coleguinha meu dos inesquecíveis anos 70, um Seco & Molhado pós-Bowie que vocês conhecem. A tempo: o Paulinho não é aquele Ricardo Medeiros que biografava Queen e Iron Maiden para uma revista musical do Brasil pré-BIZZ?

Falando em críticos que curtem o risco de virar vidraça, a coqueluche da comunidade gay paulistana é a banda **Maria Angélica,** comandada pelo Fernando Naporano, a quem aliás ensinei o ABC do Cabelo Descolorido (cf. "A History of Punk", Scribner & Sons, Londres 77). Elas jogam ramalhetes e ramalhetes de flores sobre o palco, na esperança de converter o Napô em Morrissey pós-Cabral. Enquanto isso, Simone (empresária da Maria) diz que não põe a mão no fogo pelo rapaz.

JOGO DOS SETE ERROS

Foto Luizinho Coruja/Abril

Foto Sunshine Tabak/Sipa Press

MÊS QUE VEM NA BIZZ

74 BIZZ

- ▶ **FICHA COMPLETA DO *CULT***
- + **A VOLTA DOS *PARALAMAS***
- + ***SADE ADU,* RAINHA DO COOL**
- + **POSTER DO *CURE***
- + ***STONES* DE CABO A RABO**

PLATINA!

O Lp Brothers in Arms, do Dire Straits, acaba de conquistar a marca dos duzentos e cinqüenta mil discos vendidos no Brasil. Isso é Disco de Platina!

Conheça também os outros discos do Dire Straits e o trabalho solo de Mark Knopfler:

Dire Straits, Communiqué, Making Movies, Love Over Gold e Alchemy, do Dire Straits e Local Hero e Cal, de Mark Knopfler.

PolyGram

OS INGLESES

THE CULT

SIMPLE MINDS

JULIAN LENNON

CULTURE CLUB

JÁ CHEGARAM!

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM OZZY OSBOURNE

EDITORA ABRIL
Nº 16
MAIO 1986
Cz$ 20,00

BIZZ

SUPERPROMOÇÕES:
1000 LPs
1 VESPA

CAZUZA
UM PAPO MARGINAL

EXCLUSIVAS COM
U2 E QUEEN

ROLLING STONES

O FIM DO
WHAM!

POSTER

BILLY IDOL

PAULO RICARDO
RPM
A EXPLOSÃO DO
ROCK BRASIL

TOKYO ● ARCADIA ● PLEBE RUDE
MUTANTES ● LAURIE ANDERSON